Diário de Lisboa

Abril 1978
Segunda-feira
17
ANO 58.º
N.º 19 633
7$50

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Agredido enquanto militante, prossegue a visita como ministro

Mota Amaral não «obedeceu» à sugestão de Mário Soares

SE A LEI FOR CUMPRIDA NOS AÇORES

Oito a doze anos de prisão maior para agressores de Almeida Santos

Até este momento não foram efectuadas prisões em consequência dos incidentes ocorridos no passado sábado em Ponta Delgada, com a agressão a um membro do Governo que ali se deslocou na qualidade de dirigente do PS o dr. Almeida Santos — segundo fomos informados esta manhã pelo inspector Paulo Bernardino da PJ de Ponta Delgada. Entretanto, prosseguem as investigações.

Os responsáveis dos incidentes, que poderão sofrer penas entre 8 e 12 anos, previstas no Código Penal por agressão a membro do Governo, são conhecidos naquela cidade como elementos ligados à FLA e retornados das ex-colónias. Resta agora saber se este «inquérito sumário» chegará a alguma conclusão. A bomba no Palácio do ministro da República e o incêndio na casa do actual ministro Jaime Gama também mereceram um inquérito, mas sem resultados. Espera-se que desta vez e apesar de na PJ trabalharem elementos tidos como ligados à FLA, (alguns chegaram mesmo a ostentar emblemas) não prejudique o decurso das investigações.

Entretanto, enquanto o dr. Almeida Santos prossegue a sua visita aos Açores na qualidade e ministroadjunto do Primeiro-Ministro, o Presidente da República recebia esta manhã o presidente do Governo Regional, dr. Mota Amaral, que se recusou a regressar aos Açores, apesar de lhe ter sido sugerido pública e oficialmente.

Reuniões extraordinárias do Conselho de Ministros, na madrugada de domingo e de alguns ministros com o Presidente da República logo de seguida, confirmaram a gravidade dos acontecimentos. Entretanto, ao contrário do que circulava, não chegaram a ser enviadas tropas para os Açores. Várias organizações políticas já emitiram comunicados de solidariedade.

(Pág. 5)

SOLUÇÕES ADIADAS ATÉ AO CONGRESSO

Impasse no PSD

«Com poderes análogos» aos da Comissão Política Nacional demissionária, e «mandatada» para, em Congresso, a realizar até ao próximo mês de Junho, promover as diligências necessárias à eleição de uma nova Comissão Política Nacional, foi designada no Conselho Nacional do PSD — terminado esta madrugada no mais luxuoso hotel de Lisboa, — uma Comissão Permanente composta por elementos considerados afectos à linha «sá carneirista», com relevo para Amândio de Azevedo (Porto) e Moura Guedes (Santarém).

Naquilo que, em gíria pugilística se poderá considerar uma «vitória aos pontos», o dr. Sá Carneiro conseguiu evitar uma ruptura no PSD, mas vai ter, tudo o indica, grandes dificuldades para dispor, a seu bel-prazer da máquina partidária, pois, ao contrário do que sucedeu no célebre Congresso de Aveiro, os agora vencidos mantêm-se no partido, apesar da derrota.

As palavras cuidadosas do «chefe», cerca das três da manhã, ao ser interrogado sobre os resultados da longa reunião — «pois foi a solução possível, segundo a vontade do Conselho» disse — atestam a consciência de Sá Carneiro de que as divergências com os «quadros» de Lisboa são profundas não podendo contar incondicionalmente com o seu apoio, e implicando granves dificuldades internas, uma vez mais adiadas.

Os resultados de várias votações ocorridas durante os trabalhos, demonstram — melhor que as palavras, a fractura existente no seio da segunda força partidária portuguesa apesar dos mil e tal telegramas e moções de apoio a Sá Carneiro lidos nas primeiras três horas da sessão de sábado, e que foram utilizados como já ocorrera em reuniões similares, como instrumento de pressão sobre os divergentes do «chefe».

Assim a votação dos nomes para a Comissão Permanente, sucessora da Comissão Política, terá dado 36 votos favoráveis, 23 abstenções e 10 contra. Uma moção de apoio à acção da demissionária Comissão Política teve 51 votos a favor, 10 abstenções e nenhum contra (Sá Carneiro, ele próprio, votou a favor...). Finalmente, a moção apelando para o «indispensável regresso de Sá Carneiro à presidência do partido», já no próximo congresso (dentro de três meses) teria apenas 40 votos favoráveis, 13 abstenções e 8 contra. Nesta votação houve (segundo apuramos) votantes que «estrategicamente» abandonaram, momentos antes a sala da reunião.

Ou seja os 99,99 por cento de telegramas lidos no expe-

Continua na pág. 2

O feitiço pode estar a virar-se contra o feiticeiro: apesar de muito vitoriado pelos seus apoiantes, Sá Carneiro não obteve concessões do aparelho demissionário do seu partido

TV PRIVADA EM PORTUGAL?

JOÃO GOMES: Um rotundo 'Não'

S. LOURO: Depois se verá

«A RTP não se desvia da opinião do secretário de Estado da Comunicação Social — afirmou-nos, esta manhã, um elemento das Relações Públicas da Radiotelevisão Portuguesa, sobre a possibilidade, aventada pelo semanário «Edição Especial» (periódico que prolonga aos domingos a actividade de «O Dia»), da criação de uma outra estação emissora televisiva. — Face à Constituição, tal projecto é inviável, e, caso se verificasse, implicaria a intervenção do Governo.»

Segundo «Edição Especial», advogados ligados ao projecto (ao qual se encontram também associadas «conhecidas personalidades político-militares») teriam encontrado uma fuga à Lei Fundamental, através da constituição de uma **cooperativa**. Através dessa fuga, «destruir-se-ia» o artigo 38.º (a línea 6) da Constituição da República, que determina: «A Televisão não pode ser objecto de **propriedade privada**»

Por sua vez, em entrevista à RDP, Soares Louro, presidente da Comissão Administrativa da Radiotlevisão Portuguesa, afirmou que uma outra estação de radiotelevisão só seria possível em 1980, após revisão da Constituição.

Posto assim o problema, disse-nos o elemento das Relações Públicas da RTP:

«Cremos que tais palavras de Soares Louro são uma mera opinião. A opinião da RTP, repetimos, é a mesma de João Gomes, secretário de Estado da Comunicação Social.»

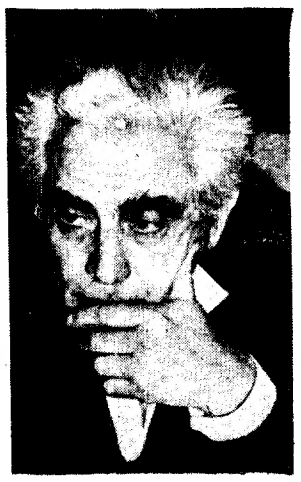
Caso, no entanto, no futuro, se viesse a constituir uma nova estação de televisão, «a RTP teria sempre uma palavra a dizer». Seria até provável que se verificasse «uma posição da RTP nessa nova estação emissora».

«Aliás (prosseguiram as Relações Públicas da RTP), esse problema já não é novo. Muito antes do 25 de Abril de 74, falava-se já, pelo menos, no aluguer do segundo canal por parte de entidades privadas.»

Quanto às dificuldades que uma nova estação de televisão enfrentaria, declararam-nos as RP da RTP:

«A rede da emissão é nossa. Assim, uma nova estação de radiotelevisão teria de entrar em acordo connosco... Mas o aproveitamento da nossa rede é, praticamente, impossível. Encontra-se saturada. Uma nova rede (estudos, montagem, etc.) exigiria um investimento de muitos milhões de contos. Esses milhões de contos duplicariam em 1980... Em termos económicos, no estado em que o País se encontra, tal projecto afigura-se-nos de muito difícil concretização.»

De momento, portanto, é tudo. Ainda segundo «Edição Especial», a assinatura para a constituição da nova estação, através de uma cooperativa denominada RTI (Radiotelevisão Independente), efectuar-se-ia amanhã, num notário da cidade.



Cunhal em Vila Franca

(Pág. 7)

CDS NAS AÇOTEIAS: Com Constâncio na questão do FMI

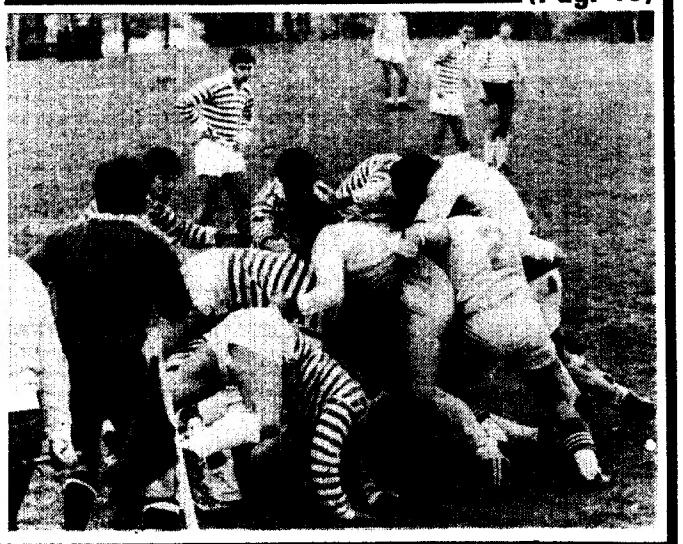
(Pág. 6)

OUT "fecha" Congresso

(Pág. 6)

Râguebi é para homens de barba rija: Agronomia embolsa "Taça de Portugal"

(Pág. 16)



post-scriptum

«31 de boca»: um programa monótono e insípido

Assisti na TV à primeira emissão do programa «recreativo» (?!) «31 de boca» e confesso que nunca me aborreci tanto com um programa desse tipo.

É evidente que esse programa só pode interessar a estudantes, pois que os analfabetos que vêem televisão, e são muitos, além de não conhecerem os escritores, artistas, livros e outras obras de arte citadas, não ficarão mais esclarecidos e até creio que não perceberam «patavina» do que ouviram.

Quanto às pessoas de cultura média, é claro que dispensam de ouvir repetir que foi Miguel Ângelo quem esculpiu o Moisés ou o Henrique Pousão que «fintou» Cecília, para não irmos mais longe.

É pois de concluir que todo o interesse que o programa possa despertar está virado para a juventude escolar. Porquê então apresentá-lo às nove horas da noite? Não será mais curial desviá-lo para horas mais propícias para a juventude? Porque não incluí-lo logo a seguir às aulas do ano propedêutico? Talvez assim os estudantes tivessem mais interesse em estudar as matérias que tão «a frio» lhes são apresentadas. Não seria um incentivo para eles? Poderia até este programa actuar como uma espécie de revisão da matéria que lhes é apresentada.

É claro que esta minha sugestão vai cair em cesto roto e nós lá teremos de «gramar» durante 12 semanas um programa tão monótono como insípido.

A verdade é que os mentores da televisão têm naturalmente o dom da infalibilidade e portanto não ligam importância às críticas dos telespectadores. Estes só servem para pagar a taxa!

Maria Josefa Campos
— LISBOA

«Uma construção incompatível»

Com esta carta assumo o pequeno risco de levantar uma questão que, a confirmar-se, me parece bastante grave.

Trata-se de uma grande construção que se está a insinuar no espaço interno do Mosteiro dos Jerónimos, ligando a parte anterior do monumento, onde está localizado o Museu Etnológico Leite de Vasconcelos e o inacabado corpo posterior, situado já nas imediações da Casa Pia. Na verdade todo este enorme bloco de cimento armado, já em fase adiantada de construção, apresenta-se-me como imcompatível e desrespeitador do monumento. É provável que eu, leigo na matéria, não esteja a ler bem, nesta fase da obra, aquilo que se busca no final. Espero bem que sim, mas temo pelo pior, até porque já há muitos anos — talvez vinte — se começou na mesma zona do mosteiro, uma construção que, em estilo manuelino (?!) visaria o mesmo objectivo desta, e que viria então a ser abandonada e destruída.

Demétrio C. Alves
— CARCAVELOS

O «critério» das taxas

Num dos últimos «Tome Nota» publicados no jornal fazia-se referência à taxa cobrada pela Radiodifusão.

Não quero deixar de chamar aqui a atenção para o carácter perfeitamente imoral da cobrança de um imposto-taxa que foi decretado sem ter em conta as reais dificuldades do povo português.

São disso exemplo casos, que conheço pessoalmente, e que passso a relatar: um vizinho meu é emigrante na Alemanha, onde está há anos. Tem electricidade em casa e, por isso, tem que pagar a taxa embora só venha uma vez por ano a Portugal.

E o caso do proprietário de uma pequena oficina e de um armazém, tão grande que uma simples lâmpada o ilumina. Como tem 3 contadores em seu nome, casa, oficina e armazém, paga três taxas.

E ainda o exemplo de um casal de velhotes que vivem de uma reforma insuficiente e que, ainda por cima têm que sustentar um neto atrasado mental. Têm electricidade, são obrigados a pagar taxa de radiodifusão.

Que tal voltarmos para as cavernas, srs. ministros? Não será isso que pretendem afinal?!

A. Ramos **LISBOA**

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

AGORA SIM, "IMPASSE" NO PSD

Conselho adiou soluções até ao próximo Congresso

Continuação da pág. 1

diente de sábado, e favoráveis a Sá Carneiro (percentagem indicada por Helena Roseta) não teriam, no dia seguinte, nas citadas votações, expressão semelhante. E nem só os telegramas funcionaram como pressão sobre os eventuais «dissidentes» ou adeptos da linha de Sousa Franco. Com efeito, desde as 15 horas da tarde de sábado até à madrugada de hoje, algumas dezenas de «sá carneiristas» fizeram sentir a sua constante presença, que incluiu além dos vivas ao «chefe» e «fora os traidores» ou «abaixo os revisionistas», ameaças veladas de «sapatada» caso o ex-deputado da ANP abandonásse o partido ou saísse derrotado.

Tal «presença» culminou com um abaixo assinado de apoio a Sá Carneiro, cujos termos o terá feito reflectir e temer sérios incidentes, pois passado algum tempo (aconteceu a meio da noite de domingo) saíu da sala e, juntamente com Helena Roseta, veio junto dos presentes, no hall do hotel, apelar à calma. «É indispensável que, sejam quais forem as divergências, não haja o menor incidente ou atrito» — disse.

Aliás, o texto, de 500 palavras, do comunicado final da reunião embora saliente «um erro de facto e expressões susceptíveis de entendimento» que não cabiam nas intenções do documento da agora ex-Comissão Política, distribuído aos membros do Conselho, acentua por outro lado que «o Conselho Nacional considera que a Comissão Política Nacional na sua actuação, soube ponderar com equilíbrio a necessidade de assegurar a coesão dos sociais-democratas e a exigência de prosseguir uma política coerente.

Segundo podemos apurar, as tentativas da linha Sá Carneiro no sentido de convencer alguns dos nomes mais próximos de Sousa Franco com vista a uma solução conciliatória falharam desde o início pois, a leitura dos telegramas e moções, e os «vivas» e «abaixo» das «bases» no hotel, terão funcionado ao contrário. Na sua intervenção inicial Sousa Franco defendeu as posições expostas pela Comissão Política no célebre documento, mantendo inflexível a posição de «ou ele (Sá Carneiro) ou nós» embora sublinhasse que acataria os resultados do Conselho, não abandonando o partido mesmo que desligado de cargos directivos.

A longa intervenção de Sá Carneiro, reproduzida quase na íntegra por um matutino próximo do PS (esse mesmo órgão reproduziu no sábado o texto da Comissão Política, considerado confidencial) responsabiliza, no essencial, a Comissão Política pela nova crise surgida e mantém a posição de «não abdicar» da sua liberdade de expressão.

«Se as minhas declarações — disse o «chefe» — a provocaram, o primeiro passo para resolver a crise seria, como é óbvio, esclarecer o assunto comigo, o que a Comissão Política não fez, nem sequer me soli-

Insinuações no Sheraton

citou o texto integral delas (...) pela minha parte entendo que a Comissão Política agiu mal (...) o que está em causa não é o saber se as minhas opiniões estão certas ou erradas, mas sim se justificam ou não, a atitude da Comissão Política Nacional».

Noutro passo da sua intervenção e após rectificar e esclarecer algumas interpretações acerca do discurso do Vimeiro, Sá Carneiro diria ainda a propósito do documento da CP: «o problema de fundo não é o de opção entre duas estratégias, mas sim de escolher entre a manutenção da Comissão Política Nacional e a possibilidade de eu continuar a emitir declarações sobre questões «políticas». Concluindo que se fosse coagido a não poder falar, quando muito bem o entendesse abandonaria o partido o líder «social-democrata» insinuou haver dentro do PSD tentativas de «destruição» e deixou no ar a ideia de objectivos de promoção pessoal de elementos da ex-Comissão Política.

IMPASSE

No final da reunião, Sá Carneiro admitiria, indirectamente, a possibilidade de, em novo Conselho Nacional a realizar em meados de Maio, alteração da linha estratégica do PSD, aprovada no Congresso do Porto em Janeiro último. Entretanto, deixaria em suspenso a possibilidade de regresso, no próximo Congresso, à presidência do PSD, admitindo-se que o evoluir da situação, quer interna do partido, quer da situação política nacional, pesarão na sua decisão.

A nível do Grupo Parlamentar pensa-se que a presidência será assumida por Meneres Pimentel, elemento próximo de Sá Carneiro, e que por tal facto pertencerá igualmente à Comissão Permanente. Uma questão fica em suspenso: os elementos afectos à linha de Sousa Franco darão, efectivamente, o apoio (prometido por todos ontem no hotel Sheraton) à nova Comissão Permanente — onde se adivinha papel preponderante de Amândio de Azevedo — ou limitar-se-ão a uma actuação passiva, de indiferença, pelo menos até ao Congresso?

Cerca das três horas da manhã, enquanto Sá Carneiro descia vitoriado as escadas do hotel, os membros da ex-Comissão Política aguardavam o evacuar do «hall» para discretamente, sem declarações ou comentários, abandonarem o local da reunião. «Impasse» no PSD, eis a síntese para uma luta surda, domínio do aparelho partidário e que parece longe do fim.

O comunicado final da madrugada de hoje

«1. O Conselho Nacional do PSD, reunido em Lisboa nos dias 15 e 16 de Abril de 1978, tendo apreciado a situação político-partidária decorrente do pedido de demissão da Comissão Política Nacional mantido neste Conselho, expressa o seu apreço aos militantes que integraram este órgão, presidido de forma altamente prestigiante por António Sousa Franco, pela forma como cumpriu o seu mandato, exercido com total respeito pela estratégia adoptada em Congresso e pelo Programa do Partido, e concretizando uma oposição ao Governo firme e inequívoca, pautada por objectivos de fortalecimento e dignificação das instituições democráticas e da defesa dos mais altos interesses do Povo Português.

O Conselho Nacional considera ainda que ao nível da organização partidária, da participação parlamentar, do poder local, da intervenção sindical, da juventude e dos diversos domínios económico-sociais tem havido um esforço nítido de organização, apontando no sentido de consolidar o P.S.D. como grande Partido nacional apto para vencer as eleições de 1980, como consta das conclusões do Conselho Nacional de Santarém. Finalmente, o Conselho Nacional considera que a Comissão Política Nacional, na sua actuação soube ponderar com equilíbrio a necessidade de assegurar a coesão dos sociais-democratas e a exigência de prosseguir uma política coerente, apontada para a salvaguarda da democracia e para a defesa dos interesses nacionais.

2. Tendo-se debruçado sobre o documento apresentado ao Conselho Nacional pelo Comité Permanente da Comissão Política Nacional, justificando a posição deste, o Conselho Nacional verifica que, como documento interno que se destinava **exclusivamente** a ser, e elaborado em condições difíceis de tempo e acesso a documentação, tem um erro de facto e expressões susceptíveis de entendimento que não cabem na intenção da Comissão Política Nacional. Sem prejuízo do erro e de omissões, que o debate esclareceu e corrigiu, o documento cumpriu a sua função essencial de esclarecer os argumentos da Comissão Política em relação a uma linha política diferente da executada pela Comissão Política em obediência às deliberações do Congresso do Porto e do Conselho Nacional de Santarém.

A Comissão Política corrijiu designadamente a referência à imputação por Francisco Sá Carneiro de um golpe peruano, a qual não corresponde ao que por este foi afirmado no Conselho Nacional de Novembro, tendo havido um erro de anotação verificável através da gravação.

3. Considerando que a problemática suscitada no Conselho Nacional e a eleição pelos órgãos competentes da nova Comissão Política Nacional exigem ponderação cuidada com auscultação dos órgãos de base do Partido e que ao Conselho Nacional compete tomar as providências necessárias para assegurar a continuidade da direcção do Partido, o Conselho Nacional delibera eleger nesta reunião, uma Comissão Permanente do Conselho Nacional, com poderes análogos aos da Comissão Política Nacional e mandatada para promover as diligências necessárias à eleição de uma nova Comissão Política Nacional, em Congresso Nacional a realizar no prazo máximo de três meses.

4. A Comissão Permanente tem a seguinte constituição:

— O Presidente e o Vice-Presidente do Grupo Parlamentar.

— Os Presidentes das Comissões Políticas Distritais da Área Metropolitana de Lisboa, da Área Oeste do Distrito de Lisboa, do Porto e de Braga.

— Dois representantes da J.S.D. por ela designados

— Um representante do órgão político superior de cada Região Autónoma.

O Presidente da Comissão Permanente e o Secretário-Geral serão escolhidos pelos seus membros.

A Comissão Permanente deverá contar com a colaboração de qualquer dos militantes presentes neste Conselho Nacional.

5. Fica desde já convocado um Congresso Nacional Extraordinário e são conferidos poderes à Comissão Permanente para escolher a data e o local de realização do mesmo, assim como a ordem de trabalhos, o que fará em conjunto com a Mesa do Congresso.

6. Face à gravidade da crise que o País atravessa e à situação interna do nosso Partido, o Conselho Nacional considera que a preservação das instituições democráticas e o fortalecimento do P.S.D. passam necessariamente pelo indispensável regresso de Sá Carneiro à Presidência do Partido. Consequentemente e conforme a moção nesse sentido aprovada por aclamação no Congresso do Porto, o Conselho Nacional apela para que Francisco Sá Carneiro retome, no próximo Congresso Extraordinário, a Presidência do P.S.D., como é desejo generalizado dos militantes.

7. O Conselho Nacional repudiou vivamente o protesto apresentado no dia 6 de Abril por Manuel Alegre na Assembleia da República e aprovado pelo P.S., pelo C.D.S. e pelo P.C.P.. Tal protesto, que visava declarações produzidas por Francisco Sá Carneiro e outros militantes do P.S.D. é gravemente lesivo do direito de livre expressão de pensamento que deve ser reconhecido a todos os Portugueses.

O Conselho Nacional solidariza-se com a posição então tomada pelo Grupo Parlamentar do P.S.D. e pela Comissão Política Nacional.

8. O Conselho Nacional encarregou ainda o Grupo Parlamentar de apresentar à Assembleia da República um voto de protesto relativo à agressão de que foi vítima o dr. Almeida Santos.»

Venha ter connosco

NÓS VENDEMOS

ANDARES

NA CRUZ DE PAU — SEIXAL

2,3 e 4 assoalhadas

Parque de Estacionamento privativo

Tratamos de todo o processo de empréstimo

Facilidades de pagamento

MUITO BREVEMENTE ANUNCIAREMOS NOVOS LOCAIS DE CONTRUÇÃO. QUEREMOS ESTAR ONDE VOCÊ ENTENDER

MARVACO

R. Arco do Cego 75-2º Esq. Tel. 778445 - 766849

LISBOA

ponto a ponto

Dito pelo próprio ontem algures em França (em Courchevel nos Alpes, mais precisamente) o presidente francês, Valery Giscard d'Estaing visitará Portugal brevemente («proximamente», no dizer das agências). A notícia não pormenoriza a data da visita. Quanto a isto, em Lisboa, também não há pormenorização. Em tempo, Giscard admitiu a hipótese de visitar proximamente também a Argentina.

O Chile de Pinochet em questão numa reunião de solidariedade com o povo chileno que hoje começou em Benghazi, na Líbia. Os trabalhos prolongam-se por três dias e neles participa um português: Trata-se de Rogério de Carvalho, do Comité Central do PCP. Foi convidado pelo Comité Chile Democrático, promotor da reunião.

Humberto Delgado: a primeira sessão pública do julgamento daqueles que o assassinaram realizar-se-á em Lisboa nos próximos dias 27 e 28 de Maio. No júri deverão figurar elementos ligados a partidos políticos e associações cívicas eleitos para o efeito oportunamente. Diligências neste sentido têm sido realizadas pelo Tribunal Cívico Humberto Delgado, que delas deu conta numa reunião da respectiva comissão organizadora realizada no sábado em Lisboa.

O ministro das Finanças e Plano, Vítor Constâncio, esteve esta manhã no Instituto de Altos Estudos Militares, a Pedrouços, falando para militares, designadamente os que neste estabelecimento estão tirando o curso que lhes dá acesso ao generalato (Pires Veloso é um deles), acerca da actual situação económica e financeira portuguesa.

Os nomes bem conhecidos de Óscar Lopes e Armando de Castro anunciados para uma sessão que se realiza esta noite na Escola Superior de Belas-Artes do Porto. É a partir das 21 e 30 e tratar-se-á de Ensino Superior.

xpectativa sobre a resolução americana quanto ao abandono ou não do projecto de produção da bomba de neutrões: amanhã e depois, em reunião de chefes dos comandos da NATO e ministros da Defesa na base de Frederikshaven, na ponta norte da Dinamarca. Trata-se dum seminário para planificar c armamento nuclear táctico dos anos 80, e estarão representados sete Estados: Bélgica, Dinamarca, USA, Grã-Bretanha, Itália, RFA e Turquia.

SER PROFESSOR

3. PERSONALIDADE EDUCADORA

AGOSTINHO DOS REIS MONTEIRO

O Relatório da UNESCO sobre as perspectivas da educação na década de 70 recomenda «modificar profundamente as condições de formação dos professores, a fim de formar essencialmente educadores, mais do que especialistas da transmissão de conhecimentos» (1).

A mais recente sociologia da instituição escolar revela também que «a relação afectiva ensinante-ensinado desempenha, na aprendizagem, um papel mais importante do que o valor propriamente intelectual do ensino dispensado» (2) e comprova como «a estrutura social da escola e a natureza das relações entre professores e alunos têm uma influência mais duradoira sobre o desenvolvimento da personalidade do que o conteúdo formal dos programas» (3).

E minha convicção que a capacidade educacional de um professor reside na qualidade da relação que estabelece com os alunos.

Uma relação educacional positiva tem os seus pressupostos. Descentrar-se, sair de si próprio, colocar-se na perspectiva dos seus jovens alunos, sintonizar com o seu presente instável e inquieto, para compreendê-los e agir correctamente. Não ser um vetusto porta-voz do passado nem o advogado de valores desencantados pelo tempo e pela vida. Promover as relações horizontais dentro da aula, instituindo o grupo como poderoso meio de aprendizagem e educação. Sublinho a importância do grupo recorrendo à habitual clarividência de António Sérgio: «Os alunos organizar-se-iam em pequenos grupos para o estudo cooperativo das matérias do programa que nesse momento os interessasse mais, sempre buscando a disciplina por meio da satisfação do interesse psíquico. Tomariam assim no estudo por grupos aquela mentalidade solidarista-cooperativista — essencial à sociedade dos novos tempos. A superior disciplina da consciência, a calma, a seriedade de carácter, que se têm obtido pela liberdade nas raríssimas escolas que há no mundo onde já hoje se ensina como deve ser — são na verdade de fazer espanto. Uma das causas do desequilíbrio da civilização dos nossos dias (...) é que nas sociedades do nosso tempo, em que os adultos tentam viver sob o regime da democracia, as crianças ainda são educadas segundo as ideias autoritárias dos velhos tempos do absolutismo.» (4) Criar um clima favorável à expressão natural e propício ao conhecimento da originalidade de cada aluno. Aceitá-los como são, na sua realidade mais ou menos inculpada, nos seus esforços inseguros de construção de uma personalidade própria. Valorizá-los — atitude educacional permanente — para que acreditem nas suas possibilidades. Não ter pressas, esperar pelo tempo de cada um (nunca desesperar do homem, muito menos de um jovem ou de uma criança). Cooperar com eles, como alguém que está do seu lado. Exigir, porque não sendo um processo meramente natural, a educação é exigência e autoexigência. Mas exigir de acordo com o trabalho realizado (dar mais do que pedir) e das possibilidades individuais (a verdadeira justiça é, positivamente, discriminatória). Enfim, respeitar cada aluno na sua dignidade de pessoa (até para merecer igual respeito). Makarenko escreveu: «Se alguém me perguntasse como poderia definir numa fórmula resumida a essência da minha experiência pedagógica responderia que exigindo o máximo do homem e distinguindo-o com o maior respeito possível». Como escreveu também António Sérgio, «a pessoa do mestre só será amorável quando o seu discípulo for uma alma livre, e suceda por isso que o educador dos jovens, não tendo que exercer uma autoridade imposta, material, directa (...) possa ser amado e amar os jovens, e olhar com enternecimento para o seu pròprio destino, para a função da escola, e para o seu mister» (5).

Estas condições de uma relação positiva entre professores e alunos vão, de resto, ao encontro da expectativa que ressalta de inquéritos realizados junto dos estudantes.

O pressuposto magno, entretanto, condicionante de todas as incidências da relação educacional, é a personalidade do professor. Embora as qualidades pessoais continuem, a bem dizer, sem cotação académica e, pedagogicamente, digamos, não estejam 'oficializadas', «o que faz um professor, a sua influência, o seu ascendente, é a sua personalidade» (Kerschensteiner).

Cabe à Psicanálise o merecimento (entre outros méritos e exageros) de ter chamado «a atenção do educador para a importância da tomada de consciência da sua própria personalidade, enraizada na sua história» (6). Por que é importante a personalidade do professor?

Numa sociedade em mudança, os quadros sociais de referência perdem força de persuasão e segurança e as referências educacionais ganham relevo e sedução. A personalidade do professor está em emissão contínua, de modo que, «quando se demonstra um teorema de geometria, se explora uma experiência de química ou se analisa um texto literário — diz G. Bastin — é com a personalidade toda que isso se faz» (7). E a secção educacional só alcança impregnância quando o professor é admirado.

Continua na pág. 4

política de A a Z

António Almeida Santos foi a vítima recente de uma actividade provocatória e criminosa que o Governo Regional de Mota Amaral tem consentido.

Dizemos: consentido. Apenas dizemos: consentido. Mas, pela mesma razão política, diremos: o Presidente da República e o Governo Constitucional não podem consentir que, sob pretexto de reivindicações regionais, a violência fascista dite a lei nos Açores.

A AGRESSÃO

A agressão de que foi vítima o dr. António Almeida Santos não poderá ser minimizada. Tem, para além dos aspectos de desafio, de violência organizada, de demissão (ou cumplicidade) das autoridades responsáveis pela segurança nas ilhas, um significado político.

Sabemos, como tinha sido dito e após os incidentes foi recordado, que o dr. António Almeida Santos se deslocara aos Açores em missão partidária. Mas os agressores sabiam, como toda a gente, que o dr. António Almeida Santos era ministro do 2.º Governo Constitucional. Foi o ministro-adjunto do Primeiro-Ministro que foi vaiado, molestado, agredido, reconduzido ao aeroporto pelos agressores perante a passividade (ou a cumplicidade) das chamadas «forças de segurança».

São graves os factos. Não estamos somente na presença de um gravíssimo atentado contra as liberdades públicas e a segurança dos cidadãos, estamos perante a violência organizada contra as liberdades democráticas e a «ordem pública». Estamos perante um desafio fascista.

Nem o «autonomismo» que é de respeitar, nem o «independentismo» que deverá ser analisado mais seriamente e com espírito crítico, poderão servir de justificações, ou de alegadas motivações dos gravíssimos acontecimentos, e, principalmente, da espantosa atitude das autoridades locais.

Sejamos críticos relativamente à confusão entre «actividades partidárias» e «actividades governamentais», mas essa confusão, fruto da «partidocracia» imperante e de uma certa ligeireza de decisão, não desculpará o que se passou nos Açores e que é mais um passo numa escalada cuja inspiração e determinantes não oferecem quaisquer dúvidas. Ficou o Governo obrigado, e não só pela solidariedade que deve ao ministro Almeida Santos, a reagir e a proceder. Intolerável foi a agressão. Mas o que verdadeiramente importa é o facto da agressão ser um teste. Não será pelo caminho dos inquéritos sem prazo e sem consequências, das declarações formais, das moções arredondadas e prudentes na fórmula e no conteúdo esquecidas que a situação se resolverá.

A agitação independentista nos Açores encobre, como é notório, uma ofensiva desestabilizadora, contestatária da «ordem democrática» em Portugal. O que verdadeiramente se pretende é ferir e afundar a Democracia, é atacar Abril.

UM ADIAMENTO

O Conselho Nacional do PPD/PSD encontrou uma fórmula de adiamento da crise interna. Crise que se apresenta como uma crise de identidade partidária, em que se joga a autonomia partidária em relação a um «chefe» inquieto e de marcada personalidade, e não apenas a táctica, e não apenas a estratégia. O que se dizia, entre juízo resultante de uma análise política da vida, do partido, das posições assumidas, da sua composição social e da sua distribuição regional e graça irónica — que o PSD não podia viver sem Sá Carneiro e que Sá Carneiro não existia politicamente sem o PSD — constituiu o condicionamento psicológico da grande maioria dos membros do Conselho Nacional.

O «presidente natural» poderá comprometer o partido com uma orientação que é de «direita»; poderá pela ansiedade de mando, pela vontade pressurosa de ser Governo, e pela sua manifesta incapacidade como negociador, prejudicar o partido; mas, não só para numerosas bases regionais o partido é ainda «um populismo» conduzido por Sá Carneiro e a consideração do peso político dos tecnocratas urbanos e universitários não conta, como a linguagem de Sá Carneiro se apresenta como enunciadora de um oposicionismo mais claro, mais frontal, mais enérgico.

Quando, no seu livro «Impasse», Sá Carneiro escreveu: «O desfecho da situação que vinha de há meses confirmou-me que a minha presença e a minha voz se haviam tornado incómodas, dada a linha política por mim defendida, tanto dentro como fora do Partido» — não justificava só a atitude de afastamento, adiantava já, com o melancólico queixume da incomodidade partidária da sua presença e da sua voz, a ameaça de que essa voz, e essa presença política, se manifestariam «fora do Partido».

A Comissão Política Nacional, a que presidia o professor António Sousa Franco, tinha nível político para ser a direcção partidária mas não revelou capacidade militante no plano da organização, nem vontade de denunciar o que na agressiva frontalidade do ataque de Sá Carneiro às instituições, à Constituição, ao Presidente da República, era inconciliável, e prejudicial, em relação a uma orientação de «oposição selectiva».

A Comissão Política Nacional não foi capaz de combater uma sistemática diligência para conduzir o Partido acima das instâncias partidárias ou fora das instâncias partidárias.

Uma «direcção política» ou um «chefe». Posto nestes termos o dilema não será só dilacerante para o PPD/PSD, será, também, o dilema de uma «direita» que ganha agressividade, petulância, audácia, mas que está longe da unidade que lhe permita uma intervenção determinante no quadro da legalidade democrática.

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os trabalhadores da Previdência e S. M. S., sócios deste Sindicato, para um plenário a realizar no próximo dia 18, pelas 18.30 horas, na Rua do Alecrim, 46-1.º — Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS :

Ponto Único : **Situação do processo de contratação.**

Lisboa, 14-4-78

A DIRECÇÃO

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

CONCURSO N.º 3-0971/78-P

FORNECIMENTO DE UM INTERCOMUNICADOR COM UMA CENTRAL E 10 POSTOS PARA O CENTRO MECANOGRÁFICO DO HOSPITAL DE S. JOSÉ

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 27 do corrente, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis, das 9 às 11.30 horas, e das 14 às 16 e aos sábados, das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 5 de Abril de 1978.

Pel' O Chefe de Serviço

PROPEDÊUTICO

ALÉM DOS CURSOS NORMAIS

- PROGRAMA INTEGRAL COM TELEVISÃO
- PROFESSORES QUALIFICADOS
- DURAÇÃO DE CADA AULA: 1 HORA

- manhã
- tarde
- noite

SÉNECA

Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º
Telef. 40092 Lisboa 1 (Metro Anjos)

Caminhos de Ferro Portugueses — E. P.

DEPARTAMENTO DE INSTALAÇÕES FIXAS

Serviço de Domínio e Exploração Agrícola

Faz-se público que os Caminhos-de-Ferro Portugueses, E.P. recebem propostas para a venda de cortiça, proveniente de sobreiros de sua propriedade, a extrair por conta do comprador e situados nos seguintes locais:

Linha do Sul — do km 62,000 ao km 154,000
Linha de Évora — toda a linha
Ramal de Montemor — todo o ramal
Ramal de Mora — todo o ramal
Ramal de Reguengos — todo o ramal
Ramal de Portalegre — todo o ramal

A abertura das propostas realiza-se no dia 3 de Maio no Serviço de Instalações Fixas da Região Sul — Estação do Barreiro.

As condições do concurso encontram-se afixadas nas estações das linhas indicadas e no Serviço de Domínio e Exploração Agrícola da CP em Stª Apolónia, onde, igualmente, serão prestadas todas as informações.

Emília de Jesus Fonseca

Despejo esta manhã na Rua Conde Redondo

Da casa onde vivia há cerca de três anos, no n.º 91 da Rua Conde de Redondo, foi, despejada, esta manhã, Emília de Jesus Fonseca, viúva, doente, sessenta e quatro anos de idade. Às oito horas uma força policial, acompanhada do oficial de diligências, apresentou-se no local. Perante este «argumento» a mulher, condenada em tribunal, com dois anos de pena suspensa, devido a uma acção movida pelo senhorio, teve de sair. Se não fosse a solidariedade de uma vizinha encontrar-se-ia, neste momento, na rua pois de facto não tem para onde ir...

Este alojamento provisório não resolve, todavia, a situação de Emília de Jesus que partilhava a casa com o filho e a família deste, retornados de Angola. Os seus recursos são limitados: uma reforma de dois mil escudos e mais uma pequena pensão do marido (de um conto e tal) já falecido. Antes da ocupação habitava num quarto como muitos portugueses. Aproveitou a oportunidade de ter uma casa, encorajada pela Comissão de Moradores do bairro. Aliás a altura era propícia. Os pobres começavam a acreditar que algo iria mudar a favor deles. A casa, pertencente a Alfredo Soares, um senhorio igual a tantos outros, estava fechada há mais de sete anos.

Enquanto a mulher, que sofre de angina de peito, chorava, os vizinhos e alguns populares que assistiram ao despejo criticavam o Governo que permite (e manda) as pessoas para a rua sem analisar caso a caso. Também os membros da Junta de Freguesia tentaram por todos os meios evitar a desocupação.

Entretanto, um representante da Associação de Inquilinos em colaboração com elementos da Comissão de Ocupantes vão fazer diligências, junto dos órgãos do poder, no sentio de resolver a situação de Emília de Jesus. Uma situação desesperada, na verdade.

GARCIA LEANDRO EM PEQUIM, DIA 21

"Um passo em frente nas relações entre Portugal e a China"

— segundo uma revista de Hong-Kong

«Vai ser dado mais um passo em frente na aproximação entre Portugal e a China, quando, no próximo dia 21, o governador de Macau, coronel Garcia Leandro, iniciar a sua visita à República Popular da China, a primeira efectuada por um governador de Macau nos últimos trinta anos» — afirma o semanário «Far Eastern Economic Review», de Hong Kong, na sua última edição e num artigo intitulado «Leandro representa o elo de ligação».

A mesma revista, que é a mais importante que se publica na Ásia, refere a visita de Garcia Leandro a Pequim salientando o facto de ela se realizar a convite de Chen-peng. Trata-se do homem que recentemente chefiou a delegação de Macau ao V Congresso Nacional Popular da China realizado em Pequim. A visita coincide — realça ainda a revista — com especulações insistentes sobre a possibilidade de Garcia Leandro continuar em Macau como governador renovado o seu actual mandato, que termina no próximo mês de Novembro.

A revista cita fontes geralmente informadas em Macau e refere que o convite em questão destina-se a mostrar o apoio de Pequim à administração da Garcia Leandro, acrescentando que a China, provavelmente, prefere que o governador de Macau permaneça neste território de administração portuguesa, enquanto continuam os contactos para o estabelecimento formal de relações com Lisboa.

Apesar de o governador Garcia Leandro tentar minimizar a participação de Macau no processo de aproximação Portugal-China, há — salienta a revista — uma série de acontecimentos recentes a demonstrarem o papel importante que Macau tem vindo a desempenha. Cita-se, a título de exemplo, o facto de o jornal pró-Pequim «Ou Mun» estar a publicar uma série de artigos sobre Portugal, depois de um longo período de silêncio, as deslocações de grupos de portugues em turismo à China e ainda o convite que foi endereçado ao governador Garcia Leandro para assistir a uma recepção realizada, em Outubro do ano passado, por ocasiao das comemorações da Revolução chinesa.

O artigo qué acompanhado de uma foto de governador de Macau fazendo um brinde pela China com O Cheng-peng e Ho-yin — dois dos mais importantes representantes de Pequim neste território — tendo como funo duas bandeiras chinesas e as fotos dos presidentes Mao Tse-tung e Hua Kuo-genf, refere, no entanto, que nos últimos dias, uma das mias importantes declarações sobre as relações diplomáticas luso-chinesas partiu de Manuem Bulhosa, que recentemente esteve 12 dias na RPC.

A «Far Eastern Economic Review» revela afirmações de Bulhosa segundo as quais o vice-ministro chinês dos Estrangeiros lhe indicara que as relações luso-chinesas são do interesse económico de ambos os países e que brevemente serão uma realidade. Bulhosa indicou que recentemente esteve em Macau para tratar do projecto de instalar aqui uma refinaria de petróleo, diz ainda que contactos oficiais entre Portugal e a RPC terão lugar muito em breve.

Ser professor

Continuação da pág. 2

Dir-se-á que ninguém tem a personalidade que deseja. Há, obviamente, um quadro constitucional (físico e fisiológico) para a construção psicológica. Mas é muito amplo e flexível, esse quadro. Menos uma fronteira do que horizonte de possibilidades. Não há (tanto quanto se sabe) uma hereditariedade psicológica. O que se conhece, e bastante, é a responsabilidade das influências ambientais, o poder da educação no desenvolvimento psíquico e na configuração da personalidade, pois «é a Relação entre os homens que determina a personalidade de cada um e, finalmente, a sua história» (8). A personalidade constrói-se, portanto, é modificável, sendo, no essencial, uma questão de maturidade.

Os professores não ignoram a repercussão destes factores pessoais. Muito erro se comete, todavia, nas relações escolares, quando (ou enquanto) a subjectividade impera e cega. Nuns casos, a afirmação 'à outrance' (ou patológica) da personalidade desencadeia um autoritarismo incontrolável. Noutros, procura-se afectar personalidade pelo culto da respeitabilidade, o que redunda, quase sempre, num efeito precisamente contrário. (Não será o 'baptismo' dos professores uma forma negativa de acesso a pessoas distantes, imponentes, formais?) Num outro extremo, conhecemos aqueles que fazem por captar a aceitação e a simpatia dos alunos através de um 'porreirismo pedagógico' superficial que, a breve prazo, desilude os jovens (espécie de 'demagogia pedagógica' para disfarçar uma insegurança pessoal).

Não são estes os bons caminhos de afirmação da personalidade do professor. Acima de tudo, ela deve refulgir como uma chama de humanidade! O apelo lançado, há duzentos anos, por Rousseau, em favor do homem, permanece comovente e belo: «Homens, sede humanos, é o vosso primeiro dever; sede-o para com todos os estados, para com todas as idades, para com tudo aquilo que não é estranho ao homem. Que sabedoria há para vós fora da humanidade?» (9).

O poder de persuasão pessoal reside ainda na segurança e convicção profissionais (competência, coerência), na naturalidade, identidade e integralidade do seu comportamento (sendo a mesma pessoa, quotidianamente, dentro e fora da sala, da escola, convincente em todos os pormenores, para «manter, todos os dias, um prestígio que a familiaridade pode minar» (10).

Siga, o professor, o conselho do poeta:

«Para ser grande, se inteiro: nada teu exagera ou exclui.» (11).

Poético... comentar-se-á.

Na realidade, os obstáculos a estas relações, a uma nova maneira de ser professor, são muitos, ainda. Começam no próprio professor, na sua possível imaturidade, inexperiência, impreparação. Acrece que «está condenado a impor, demasiadas vezes, por via autoritária, regras que ele tem de suportar. É uma vítima de tradições pedagógicas, de programas, de um conjunto administrativo e social, da pressão das famílias e da administração. Ele próprio saiu deste conjunto e foi educado e formado no âmbito destas tradições. Ele traz consigo, sem mesmo ter claramente consciência disso, hábitos que lhe foram impostos por via autoritária (...) O professor é, em grande parte, e sem que disso tenha claramente consciência, o produto do meio onde fez a aprendizagem das suas próprias relações humanas (família, escola) e do meio actual onde exerce a sua profissão» (12). A própria escola é um obstáculo, porque «reproduz as estruturas sociais, muito mais do que participa na sua transformação; a relação professor-aluno não pode ser isolada da relação indivíduo-sociedade, que se inscreve, ela própria, na tela de fundo do antagonismo das classes sociais» (13). O autoritarismo da educação familiar é também responsável por um lastro de masoquismo que (mais na escola primária) tende a provocar a agressividade do professor. A massificação e organização do ensino (grandes turmas, extensos programas, etc.) impessoalizam grandemente as relações. A inexistência de um espírito de comunidade escolar, com objectivos colectivos definidos, organizados e controlados, dá à população das escolas (sobretudo as secundárias) um aspecto de «horda escolar» (como alguém lhe chamou). Uma acção docente descoordenada e ideologicamente discrepante (a luta de classes dentro da escola), além de ser causa de insegurança psicológica para os jovens, prejudica os esforços de quem pretenda, por sua conta e ânimo, tentar qualquer coisa de diferente.

Não serei eu, professor também, a desconhecer as muitas dificuldades do «nobre e ingratíssimo ofício de ensinar (14). Os interesses instalados pesam muito, as instituições movem-se lentamente, a alienação humana demorará ainda o seu percurso, a reconversão pessoal é penosa, a opacidade envolvente da realidade insensibiliza. Mas reconheceremos, de boa mente, que todo o progresso tem os seus pioneiros e mártires, e que «um professor convicto pode fazer muitas coisas válidas, apesar das más condições, as quais são apenas pretextos para os medíocres (...) Cada um pode, no quadro das realidades e dos limites actuais, modificar profundamente a orientação e o valor humano do seu ensino» (15).

NOTAS:

(1) Edgar Faure, op. cit., p. 245
(2) Pierre Bertaux, in «L'éducation en devenir», Paris, 1975, Presses de L'UNESCO, p. 192
(3) OCDE, «Programas de ensino a partir de 1980», p. 274
(4) António Sérgio, «Ensaios-II», Lisboa, 1972, Livraria Sá da Costa Editora, Obras Completas, p. 260
(5) Id., ibid., p. 57
(6) Philippe Meirieu, op. cit., p. 75
(7) Georges Bastin, «A hecatombe escolar», Lisboa, 1976, Livros Horizonte, p. 187
(8) Michel Lobrot, «Priorité à l'éducation», Paris, 1973, Petite Bibliothèque Payot, p. 9
(9) J.-J. Rousseau, «Émile ou de l'éducation», Paris, 1958, Éditions sociales, p. 111
(10) Georges Gusdorf, op. cit., p. 72
(11) Ricardo Reis, «Odes», Lisboa, 1970, Edições Ática, Obras Completas de Fernando Pessoa-IV, p. 148
(12) Georges Mauco, «A educação afectiva e caracterial da criança», Lisboa, Livros Horizonte, pp. 325-326 e 332
(13) Suzanne Mollo, in «Traité des Sciences Pédagogiques-6», p. 112
(14) Rui Grácio, op. cit., p. 59
(15) Arnould Clausse, op. cit., p. 147

A AGRESSÃO A ALMEIDA SANTOS

Relato dos acontecimentos

Tudo começou com editorial de sábado do matutino micaelense, «Açores», horas antes da chegada do dr. Almeida Santos que ali se deslocava na qualidade de dirigente do Partido Socialista. Este matutino, conotado com a FLA, acusa o dr. Almeida Santos como autor de um projecto de estatuto para as Regiões Autónomas que teria sofrido drásticas reduções. «Os açorianos não esquecem que Almeida Santos foi apontado como uma das mais influentes personalidades dessa acção». E conclui «ser absolutamente legítimo os açorianos interrogarem-se perante a visita de tão influente e controversa personalidade governamental e partidária neste preciso momento».

15 horas locais (17 em Lisboa) — O dirigente do PS e ministro adjunto do Primeiro-Ministro, Almeida Santos, chega ao aeróporto de Ponta Delgada. Logo após o desembarque começaram as manifestações hostis. Meia hora depois, o dr. Almeida Santos abandonava o aeroporto, seguido por um grupo de pessoas que procurava imobilizar o veículo. Ausência da PSP.

16 horas locais (18 em Lisboa) — O dr. Almeida Santos, acompanhado de outros dirigentes socialistas dos Açores, entram na sede do PS em Ponta Delgada para uma reunião. Não se chegou a efectuar. Cerca de 150 a 200 pessoas, no exterior, exigiam o regresso de Almeida Santos a Lisboa. O ambiente tornava-se insustentável. Entre os manifestantes encontravam-se militantes da FLA e retornados. O dr. Almeida Santos recusa-se a dialogar com os manifestantes. Perante o crescer da violência no exterior, conta o próprio dr. Almeida Santos, «tentámos telefonar para o comando da Polícia mas foi cortada a ligação, bem como a luz». Chegam, entretanto, segundo palavras ainda do ministro adjunto, à volta de uma dúzia de elementos da PSP. Também não actuam.

O dr. Almeida Santos tenta abandonar o edifício, com outros elementos do PS. Pressentindo tal intenção, os manifestantes acorreram a interceptar-lhe a passagem. Foi, então, ferido, no rosto, na cabeça e no pescoço. Partiram-lhe também os óculos. Outros dirigentes do PS também foram atingidos com gás tóxico. Enquanto isso, manifestantes invadiam a sede do PS. O dr. Almeida Santos foi então amparado e socorrido por elementos reconhecidamente conotados com a FLA e transportado, de novo, para o aeroporto classificado de «rapto» por dirigentes locais do PS. Mesmo aqui, não deixou de ser alvo de provocações dos manifestantes separatistas.

19 e 30 locais (21 e 20 em Lisboa) — O ministro Almeida Santos, depois de grandes hesitações, abandona S. Miguel num «avro», fretado à Sociedade Açoriana de Transportes SATA rumo à Ilha de Santa Maria. Aguarda instruções de Lisboa.

ENTRETANTO EM LISBOA

Logo após as primeiras notícias dos incidentes nos Açores, o Conselho de Ministros reune em sessão extraordinária. Eram cerca das 22 horas. No final foi emitido um comunicado, exigindo um inquérito sumário sobre os acontecimentos e a punição exemplar dos responsáveis. Determina ainda que o dr. Almeida Santos prossiga a sua visita aos Açores na sua qualidade de membro do Governo. O ministro da Reforma Administrativa, Rui Pena, do CDS, é enviado especial do Governo aos Açores. Com ele, segue também o ministro da República para os Açores, general Galvão de Figueiredo. Chegam aos Açores ao princípio da tarde de ontem. O Primeiro-Ministro entrou em contacto com o Presidente do Governo Regional dos Açores, dr. Mota Amaral, que se encontra em Lisboa. Este, recusa-se a regressar aos Açores como lhe foi pública e oficalmente reconhecido.

Às 0.00 horas — Dois automóveis com Mário Soares, Firmino Miguel, Jaime Gama, Galvão de Figueiredo e Santos Pais (ministro da Justiça) dirigem-se para o CEMGFA, donde saem cerca de 1.30 da manhã após encontro com o Presidente da República. Cerca das 2 da manhã são convocados novos ministros, designadamente Basílio Horta.

Entretanto, esta manhã, o Presidente do Governo Regional dos Açores, dr. Mota Amaral teve uma reunião com o Presidente da República. Neste encontro com o general Ramalho Eanes, deverão ter sido discutido os incidentes com o dr. Almeida Santos e a não existência de liberdades democráticas nos Açores. Por seu turno, o dr. Almeida Santos continua a sua visita aos Açores, devendo ainda hoje regressar à Terceira, depois de uma passagem por Angra do Heroísmo (alvo de uma manifestação de apoio e simpatia por parte de militantes socialistas) e pelo Faial.

"A liberdade não pode ainda fechar a conta dos seus mártires"

«Este incidente de Ponta Delgada leva-me à convicção de que as batalhas pela liberdade, que julgávamos findas por desnecessárias, têm de ser diariamente renovadas, a começar por Ponta Delgada».

«A liberdade, ao que parece, não pode ainda, em Portugal, fechar a conta dos seus mártires».

«Os meus ferimentos — afirmou Almeida Santos numa entrevista logo após os incidentes — não foram graves, mas foram espectaculares, porque sangrei bastante de um ferimento na cabeça. Vou agora meditar sobre as minhas feridas, que a meu ver constituem também um bom tema de reflexão para os órgãos de soberania».

O dr. Almeida Santos, alvo de forças separatistas, (apesar do dr. Mota Amaral e do dirigente da FLA, dr. António José de Almeida pretenderam atribuir as culpas exclusivamente a retornados), confirma assim tudo o que até agora tem sido dito por forças democráticas e progressistas acerca do ambiente antidemocrático que se vive naquelas ilhas.

Sobre a não intervenção enérgica das forças de segurança, o dr. Almeida Santos pergunta: «Quando o terror atinge as forças da ordem e da segurança, que coragem se pode exigir a um simples cidadão?».

A SOLIDARIEDADE

Entretanto, várias organizações políticas já emitiram comunicados sobre os incidentes nos Açores, manifestando a sua solidariedade para com o dr. Almeida Santos. É o caso do MDP/CDE, do PCP e UEDS (União de Esquerda para a democracia Socialista). Depois de repudiar as agressões de que o dr. Almeida Santos foi vítima, o MDP recorda que o «faz com profundo conhecimento, pois esta agressão violenta, repetidas vezes foi sofrida pelo MDP/CDE, tanto nas ilhas como no Continente». E conclui: «É preciso que entre as forças democráticas se tenha a consciência clara de que neste momento e neste País não se jogam meras alternativas no quadro de uma democracia — está em jogo sim, a própria democracia». Também o PCP, depois de sublinhar que o «25 de Abril ainda não chegou a Madeira nem aos Açores» tal como repetidamente tem afirmado, prossegue: «O PCP não pode deixar de alertar para a coincidência de a agressão ao ministro Almeida Santos aparecer na continuação do recrudescimento das pressões separatistas e num momento de grande ofensiva das forças de direita polarizadas em torno da coligação Kaúlza/PPD/Sá Carneiro, tendentes a subverter a ordem democrática e constitucional». E conclui: «Já se perdeu muito tempo para dar resposta às forças antidemocráticas e antipatrióticas, mas é necessário ainda travar e pôr fim ao poder local reaccionário nos Açores e Madeira, às manobras provocatórias de forças reaccionárias, e agir para que a Constituição da República, lei fundamental do País, seja aplicada e vivida em todo o País».

A UEDS, por seu turno, também «exige que sejam tomadas medidas imediatas contra os responsáveis e que o Governo assegure como é de sua obrigação o exercício das liberdades democráticas nas Regiões Autónomas».

Entretanto, várias estruturas do Partido Socialista, não só do Continente como também dos Açores, já emitiram comunicados de solidariedade para com o seu dirigente e de exigência de punição dos responsáveis. Outros dirigentes políticos manifestaram também a sua opinião. Amaro da Costa, do CDS, sublinhou por exemplo: «O problema não é apenas o de uma agressão ou provocação contra um ministro da República Portuguesa. O que está em causa é a própria autoridade do Estado. Acontecimentos desta natureza são uma agressão ao Estado, ao princípio da autoridade e ao princípio da legalidade».

ENCONTRO DA REDE DE VENDAS DA

COMPANHIA DE SEGUROS UNIÃO

Realizou-se nos passados dias 31 de Março e 1 de Abril um encontro nacional de toda a Rede de Vendas da Companhia de Seguros União, o qual teve lugar no Centro de Formação-Norte desta empresa seguradora, localizada na sua Delegação no Porto.

A Companhia de Seguros União, empresa nacionalizada, tem vindo a desenvolver a sua carteira significativamente, mercê duma dinâmica actual que aponta para objectivos de crescimento acentuado.

Já no decorrer deste ano foi inaugurado o seu Centro de Formação-Norte onde agora se realizou o encontro da sua Rede de Vendas e dentro de poucos dias inaugurará também o Centro de Formação-Sul, localizado na sua Sede, em Lisboa.

Este encontro da sua Rede de Vendas serviu como jornada de profundo trabalho de formação para os seus Empregados de Serviços Externos e teve como monitor especializado o profissional Carlos Martins.

Foi o encontro presidido pelo seu Director Comercial, Olímpio Magalhães Pinto, e em todos os participantes ficou a certeza de quanto de proveitoso, em termos de valia profissional, sempre resulta com jornadas de trabalho iguais a esta.

Foi também anunciado que nos dois novos Centros de Formação, se irão seguir de imediato cursos de aperfeiçoamento para todos os Agentes ou Angariadores que servem esta Empresa.

O direito de ser peão

tempo para circular
segurança para viver

Os peões constituem o grupo de pessoas mais vulnerável, dos utentes da via pública.
34% das vítimas mortais em acidentes rodoviários, são peões.

Senhor Automobilista
Dê prioridade aos peões nas passadeiras
Ao mudar de direcção dê sempre prioridade ao peão.

Senhor Peão
Atravesse sempre nas passadeiras
Exerça o seu direito de prioridade com prudência.
Respeite sempre a sinalização luminosa.

CONSELHO NACIONAL DO CDS NAS AÇOTEIAS

Acatar a Constituição até 1980 cuidados com "receitas" do FMI

Reunido neste fim-de-semana no Algarve, o Conselho Nacional do CDS pronunciou-se pela necessidade de defender as instituições democráticas e de acatar a Constituição até à revisão constitucional. Em declarações aos jornalistas, os dirigentes sublinharam a justeza desta posição afirmando que o CDS estava à vontade para a tomar porque tinha sido o único partido que, «na altura própria e no local próprio», se tinha manifestado contra alguns pontos da Constituição.

No comunicado final de catorze pontos distribuido no final, o CDS refere-se às «vantagens de um acordo com o FMI», que considerou necessários para o nosso país, mas salienta que nesta questão é necessária «uma grande transparência na defesa da independência nacional», e que o nosso país não pode aceitar qualquer receita que o FMI lhe queira aplicar. De salientar que, neste ponto, as posições do CDS coincidem com as posições de Vitor Constâncio, que aliás não se tem afastado desde o início das posições dos economistas do CDS.

Sob o lema «A democracia cristã para Portugal e para a Europa», foi anunciada também para os próximos dias 8, 9 e 10 no Porto, a realização do Congresso do partido.

O Conselho Nacional do CDS condenou veementemente a situação em que é mantido Aldo Moro e reafirmou o seu propósito de «apoiar inteiramente o combate internacional contra o terrorismo».

Sobre a agressão de que foi vítima Almeida Santos, o CDS considera que tal agressão «por um grupo provocador» é considerada como «nova ofensa à autoridade do Estado», e os membros do Conselho Nacional resolveram «apelar às autoridades nacionais e regionais para que reajam devidamente, de modo a apurar todos os responsáveis, punir os agressores e firmar o respeito pelas normas e regras do Estado democrático não deixando dúvidas sobre o primado da Lei e da autoridade democrática».

Noutra passagem, depois de salientar a necessidade de aprofundar a protecção aos mais desfavorecidos, o CDS reconhece progressos em matéria de legislação regulamentar da lei da Reforma Agrária, «designadamente no domínio da entrega das reservas» (aos agrários), que, considera, «deve prosseguir em bom ritmo».

DEMISSÕES DESMENTIDAS

Um porta-voz oficial do CDS, desmentiu à ANOP a demissão da Comissão Política do distrito da Guarda daquele partido. A notícia havia sido veiculada pela mesma agência e era citada como proveniente de «círculos ligados àquele partido».

Pub

COMUNICADO

AOS TRABALHADORES DAS AUTARQUIAS E DA EDP
INTEGRAÇÃO DAS AUTARQUIAS LOCAIS

Na altura própria, os meios de comunicação social referiram com o devido realce as conclusões do IV Encontro Nacional dos Trabalhadores Socialistas da Electricidade de Portugal-EDP, nomeadamente no tocante à intransigente defesa da transferência para esta Empresa das instalações e serviços de produção e distribuição de energia eléctrica explorados por autarquias locais, serviços municipalizados, federações de municípios e por pequenas empresas.

Apesar disso, o momento que actualmente se vive, caracterizado pela planificação e lançamento de profundas transformações sociais e económicas, justifica plenamente que se venha mais uma vez junto dos trabalhadores do sector de produção e distribuição de energia eléctrica, a fim de os sensibilizar para a magnitude e importância das questões postas e das medidas que o Governo deverá tomar, face à premência de concretização de acções que visem ao desenvolvimento de um serviço público, como é a electricidade, essencial ao bem-estar dos povos e indispensável para o progresso do País.

E a melhor maneira de consciencializar todos os trabalhadores do sector, sejam quais forem as suas tendências políticas, mobilizando-os no sentido de apoiarem os trabalhadores socialistas da EDP nas acções que se vêm desenvolvendo junto de diversas entidades, será dar-lhes a conhecer algumas das conclusões saídas do Encontro, já que elas objectivam os propósitos que nos animam:

1 — A Constituição do II Governo Constitucional — que fez incluir no seu programa a efectivação da transferência para a EDP dos serviços de pequena distribuição — deve possibilitar o lançamento de diplomas adequados, indispensáveis para se iniciar a integração.

2 — A situação que se viveu nos últimos meses anteriores à constituição do II Governo favoreceu, entretanto, dois tipos de contestação à integração: um de carácter económico, por parte de algumas autarquias que incorrectamente consideram como propriedade sua serviços públicos suportados pelos contribuintes; outro, de carácter político, que tem em vista pôr em causa não só a nacionalização do sector, mas a sua socialização, pretendendo, através da distribuição de energia eléctrica, manter situações controladoras e fortificar a influência do caciquismo local fazendo prevalecer entretanto a injustiça da diversidade de tarifas e de capacidades técnicas para servir as populações e actividades económicas.

3 — Se por virtude da integração, a indemnização às empresas privadas está plenamente justificada, já o mesmo não se passa quanto aos serviços explorados pelas autarquias, onde deverá prevalecer o interesse das populações e das actividades económicas utentes, não se sobrecarregando o custo da tarifa com encargos que só os contribuintes suportaram ao longo do tempo.

4 — A integração da pequena distribuição na EDP, ao abrigo do disposto nos Dec.-Lei n.ºs 205G/75 e 502/76, tem que seguir uma planificação, com normas e prioridades bem definidas, que respeite a capacidade de absorção da EDP.

5 — A integração deverá visar sempre o melhor aproveitamento do conjunto de capacidades dispersas pelo País, sem atraiçoar o conceito de descentralização, que se entenderá como a capacidade de, nos locais próprios, se tomarem as decisões responsáveis necessárias.

6 — Os trabalhadores da pequena distribuição — que merecem toda a solidariedade dos da EDP — têm sido os suportes da política de integração, perante as contestações à integração surgidas de diversos sectores, devido à ausência de actuação por parte do Governo.

7 — A integração levantará problemas que exigem:

a) o estabelecimento de prioridades para satisfação progressiva e planificada de calendários das integrações;

b) a organização de equipas da EDP para preparar os programas que se impõem;

c) a resolução dos problemas de integração dos trabalhadores;

d) e, finalmente, a elaboração de estudos de equilíbrio técnico-económico da integração».

São estas as medidas que os trabalhadores socialistas da EDP querem ver rapidamente explicitadas, certos como estão de que elas tendem a propiciar um bom serviço ao povo português e a melhorar as condições de vida dos trabalhadores da pequena distribuição.

A COMISSÃO ORGANIZADORA DO IV ENCONTRO NACIONAL DOS TRABALHADORES SOCIALISTAS DA ELECTRICIDADE DE PORTUGAL — E.D.P.

Casqueiro exige demissão de Luís Saias

A exigência de demissão do actual ministro da Agricultura e Pescas foi a tónica de um plenário de agricultores efectuado este fim-de-semana em S. Bartolomeu de Messines, por iniciativa da CAP.

José Manuel Casqueiro, secretário-geral daquela organização que nada tem a ver com os verdadeiros problemas que afectam a agricultura e tão-só defende as posições mais reaccionárias que esmagam aquele sector (vindas do «antigamente»), afirmou que os agricultores «terão de afastar o dr. Luís Saias do Ministério da Agricultura.»

Casqueiro, especificou quais os meios que irão ser utilizados para isso: desencadeamento de «um profundo movimento de contestação ao ministro através de manifestações de rua» (...), «corte dos meios de comunicação» (...), «interrupção do trânsito» (...), «exposição dos nossos produtos nas ruas», etc.

Casqueiro, através de termos já conhecidos, atacou a Reforma Agrária, dizendo que «ela está a conduzir o povo português apressadamente para a fome e para o racionamento».

Misturando alhos com bugalhos, Casqueiro mais uma vez demonstrou que não é um parceiro social: é um elemento que envergonha as determinantes de Abril de 74. Trata-se em suma, de uma voz contra a democracia.

MDP vai reunir-se em Congresso Nacional

Reunida ontem em Lisboa, a Comissão Nacional do MDP/CDE decidiu propor no Encontro Nacional, que se vai realizar no dia 23, a marcação de um Congresso do partido.

Entretanto, sábado, o MDP levara a efeito um seminário de reflexão e análise sobre o programa de educação e cultura do II Governo Constitucional.

As conclusões dos grupos foram aprovadas em plenário, ao mesmo tempo moções que diziam respeito: 1.º ao repúdio pela excessiva participação do Secretariado das Associações de Pais, de carácter antidemocrático e antipedagógico, repúdio pela marginalização na participação responsável da política de ensino da classe dos professores; 2.º repúdio pela falta de uma atitude clara do MEC que leva a que seja dificultada a cedência de salas de aulas para actividades de alfabetização e cursos de adultos, o que levou já de novo ao analfabetismo centenas de homens e mulheres que seguiam entusiasmados a sua alfabetização; 3.º repúdio pela prática antidemocrática e anticonstitucional que gera a ambivalência do MEC e a destruição consequente das relações democráticas nas escolas. E, finalmente, uma 4.ª moção de política global, contra o avanço da direita e tentativa de destruição da ordem democrática.

Comício da OUT sábado em Lisboa

Quatro militantes e representantes de partidos estrangeiros convidados usaram da palavra sábado à noite no comício de encerramento do I Congresso da Organização Unitária dos Trabalhadores, (OUT) no Campo Pequeno. O Congresso, que se iniciara no fim-de-semana anterior na Marinha Grande, pretendeu «mobilizar e polarizar os apoios populares à candidatura do major Otelo Saraiva de Carvalho durante as eleições de 1976.»

O comício iniciou-se com a leitura de uma «mensagem de um soldado de Abril», a que se seguiram, intervenções de Josne Fortio, trabalhador de uma cooperativa agrícola do distrito de Évora, António Carvalho, do conselho geral de trabalhadores da CUF e Alda Silva, da comissão de moradores de um bairro da lata. Foi depois apresentado um relatório do secretariado nacional provisório da OUT.

De entre os convidados estrangeiros presentes intervieram representantes do movimento Sinn Fein, da Irlanda, da Organização das Internacionais Socialistas, dos Estados Unidos da América, da Frente Popular de Libertação do Omã e do Partido Socialista Chileno (Comissão Coordenadora das Regiões).

Passaportes e "segurança" na agenda madrilena de Gama

MADRID, 17 Para uma visita oficial de três dias, a convite do ministro do Interior de Espanha, Martin Villa, chegou ontem às 20 horas a Madrid, o ministro da Administração Interna, Jaime Gama, acompanhado pelos comandante-geral e chefe do Estado-Maior da Guarda Nacional Republicana, director de serviço de Estrangeiros do seu Ministério e outras individualidades.

Durante a visita, o ministro português terá reuniões de trabalho com o seu colega espanhol, durante as quais serão abordados temas relacionados com a supressão de passaportes entre os cidadãos dos dois países e questões de segurança bilateral e internacional, criminalidade e terrorismo. No entanto a abolição de passaportes só deverá ter efeito depois do Verão.

Esta manhã, Jaime Gama reuniu-se já com Martin Villa, sendo em seguida recebido pelas autoridades de Toledo. À tarde regressa a Madrid e, concede uma conferência de Imprensa, na sede do Ministério do Interior. É possível que hoje ainda se aviste também com o chefe do Governo Adolfo Suarez.

Amanhã, Jaime Gama, desloca-se de manhã a Valdemoro, perto de Madrid, onde visitará o Colégio de Guardas Civis Jovens e à tarde, na capital, visitará a Academia Especial da Polícia Armada.

O ministro português regressa a Lisboa na quarta-feira de manhã no voo da TAP. Antes, haverá uma breve reunião de trabalho, após o que será divulgado um comunicado conjunto.

Encerrou seminário de Relações Públicas

A reunião plenária do CERP (Centro Europeu de Relações Públicas) encerrou ontem o seminário que decorria em Lisboa.

O plenário do CERP, que se realizou pela segunda vez em Portugal, coincidiu com o 12.º aniversário da Sociedade Portuguesa de Relações Públicas (SPRP) e teve por objectivo fundamental a unformização da actuação das Relações Públicas a nível profissional, sendo também debatidos aspectos do ensino de RP a nível europeu.

No decorrer da reunião o presidente, Lucien Metrat, apresentou à discussão um trabalho sobre o problema de alteração de estatutos do CERP, de forma a obter um sistema de actuação mais dinâmico.

Por sua vez, discursando durante um jantar oferecido no Palácio Foz aos congressistas, o secretário de Estado da Comunicação Social referiu que «no estádio actual da sociedade, em que se manifesta uma acentuada descrença nos métodos e em certos valores tradicionais, o jornalismo, a publicidade e as Relações Públicas contribuem, por vezes, para acentuar estados de perplexidade e de angústia, o que urge evitar. O estabelecimento de relações de confiança aparece-nos, pois, como meta digna, e essencial da vossa actuação».

Além da SPRP, fazem parte do CERP, com sede em Bruxelas, Associações Nacionais de França, Espanha, Holanda, Inglaterra, Bélgica, Itália, Suiça, Finlândia, Alemanha Federal, Irlanda, Dinamarca e Grécia.

ÁLVARO CUNHAL EM V. F. XIRA

"Trabalhadores e forças progressistas não aceitarão passivamente a liquidação das conquistas da Revolução"

«Naturalmente que os trabalhadores e as forças progressistas deste País não aceitarão passivamente que sejam liquidadas as grandes conquistas da Revolução, designadamente as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo de gestão, uma vez que elas correspondem aos seus interesses mais profundos e, além do mais, porque estão consignadas na Constituição como parte integrante da República democrática portuguesa, do sistema democrático em que vivemos», afirmou o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, no comício de encerramento da I Assembleia da Organização do PCP de Vila Franca de Xira.

O dirigente comunista acentuou, por outro lado, que os trabalhadores não aceitarão que sobre eles caia o preço de todas as dificuldades, «que o Governo atire contra os trabalhadores pacote atrás de pacote, que aumente os preços, que congele a contratação colectiva, que não permita o aumento de salários e isto tudo com vistas a meter nos bolsos e nos cofres dos capitalistas mais e mais dinheiro, para atribuir centenas de milhões de contos de indemnizações ao grande capital e para poder, como constantemente sucede, aumentar os altos vencimentos dos grandes administradores das companhias nomeados pelo próprio Governo, dos seus afilhados que coloca nos vários pontos do aparelho económico nacional».

Analisando o actual contexto político, Álvaro Cunhal disse que o movimento operário e popular e as forças democráticas, têm hoje que lutar em duas frentes fundamentais: «uma é a luta contra a política do Governo de coligação PS/CDS, outra é a luta contra essa conspiração fascista e fascizante que se desenvolve com vista a precipitar a liquidação da democracia portuguesa».

Noutra passagem, e depois de citar números sobre o progressivo agravamento do défice da nossa balança comercial e balança de pagamentos, afirmando que «a finalidade com a qual o Governo justifica todas estas medidas contra os trabalhadores não é alcançada e a economia nacional, a situação financeira, vão-se agravando cada vez, mostrando que a política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista não é, ao contrário do que afirmava o sr. Primeiro-Ministro, uma política de salvação nacional, mas uma política de desastre nacional e de bancarrota do nosso país», o secretário-geral do PCP falou das alternativas propostas pelo seu partido.

Salientou que «têm tanta força as medidas que o seu partido propõe, «que agora já dois ministros vêm declarar que na verdade existe uma alternativa, a alternativa do Partido Comunista», que «as medidas propostas pelo Partido Comunista permitiriam sair da crise mas não podem ser aceites» porque «representam um outro sistema, diferente do sistema português».

E Álvaro Cunhal prossegue: No fim de contas, o que propomos nós os comunistas?

«Não queremos mais do que está na Constituição. O que está na Constituição chega perfeitamente para construir o novo Portugal democrático, progressista, para que se assegure ao nosso povo o bem-estar, a liberdade e ao nosso país a independência nacional. Isto não é exigir um sistema diferente. É exigir e reclamar um sistema económico e político diferente propor o aumento da produção nacional, para que possamos limitar as importações do estrangeiro? É defender um sistema diferente propor que se produzam no País muitos artigo que hoje se importam e que se podem produzir no nosso país como os trabalhadores nas conferências do nosso Partido têm muitas vezes demonstrado? É defender um sistema diferente propor que se limitem as importações de muitos artigos sumptuários que não são para consumo do nosso povo mas para consumo dos multimilionários que não vertem uma gota de suor no trabalho e que gastam sem nada fazerem para recriar riqueza nacional? É indicar um sistema diferente do sistema democrático português consagrado na Constituição propor um grande esforço nacional e patriótico, baseado fundamentalmente nas riquezas e recursos internos e também baseado na mobilização das energias nacionais, o que significa fundamentalmente das energias dos trabalhadores?»

MÁRIO SOARES AOS QUADROS TÉCNICOS:

Aumentar a produção, apertar o cinto e perspectivas de futuro

«Um projecto totalitário nunca resolverá as carências que afligem o povo português, levando, pelo contrário, a uma descida de nível de vida da população; (...) aumentar a produção e apertar o cinto durante alguns anos é uma perspectiva de futuro para Portugal» — afirmou ontem num hotel de Lisboa o Primeiro-Ministro e secretário-geral do PS, Mário Soares, usando da palavra no fim dos trabalhos dum Encontro de Quadros Técnicos do PS, realizado este fim-de-se mana num hotel de Lisboa. Soares referia-se às dificuldades com que actualmente se defronta o Poder Executivo para resolver os problemas que se põem ao país e acentuou a responsabilidade particular do seu partido, tratando-se não apenas de resolver os principais problemas económicos e financeiros que se levantam na actual situação portuguesa mas também de impedir que extremismos perturbem a estabilidade política ou, pelo menos, o processo tendente a conseguir tal estabilidade.

Neste ponto, o líder socialista colocou no mesmo plano expressões políticas de conteúdo diferente. Os socialistas disse — «do mesmo modo que se opuseram a uma ditadura comunista em 1976, não deixarão agora de lutar contra os elementos da extrema-direita que tentarem destruir o regime democrático». Falando da autoridade do Estado, disse que ela está a ser «desrespeitada diariamente através de vários órgãos de comunicação social, que funcionam a coberto de uma má concepção da liberdade de Imprensa». Inflectindo na crise económica, aludiu ao descontentamento da generalidade da população provocado pela alta crescente do custo de vida e nomeadamente ao que chamou «o mau humor das donas de casa». «Compreendo o mau humor das donas de casa — disse — mas este problema não se resolve através da agitação social».

O ENCONTRO

Participaram nos trabalhos cerca de quatro centenas de quadros. Das conclusões consta o reconhecimento da necessidade de se proceder, a curto prazo, a «uma reflexão profunda, de modo a atingir-se uma definição correcta e operacional de quadro técnico». Refere-se «a importância dos quadros técnicos, acentuada pelo facto de se poderem talvez integrar num bloco social que inclui outros estratos das classes médias, bloco que tradicionalmente a direita procura dominar e que é indispensável conquistar para os ideais do socialismo democrático e autogestionário».

O documento contendo as conclusões do encontro cita a necessidade de «devolver a componente profissionalizante às escolas do ensino secundário unificado» e recomenda que «nenhum curso, designadamente o de Ensino Superior Curto, seja bloqueado pela falta de articulação com cursos de graus mais elevados».

No documento final figuram ainda, além de diversas recomendações ao Governo, uma conclusão assente acerca da participação dos quadros na contratação colectiva e na vida das empresas.

Sobre a contratação: os quadros devem participar, «sempre que possível», com o objectivo de defender «tabelas salariais realistas e motivadoras».

Sobre a participação dos quadros técnicos na vida das empresas as conclusões recomendam aos quadros que «não assumam atitudes paternalistas em relação aos restantes trabalhadores, antes os esclareçam e apoiem nas suas organizações para um correcto exercício do controlo de gestão».

ENSINO

A FLAMA vence no liceu do Funchal

FUNCHAL, 17 A lista «E» afecta à FLAMA, movimento separatista da Madeira, que tem actuado impunemente nos estabelecimentos de ensino desta ilha, ganhou a primeira volta, com 1162 votos, das eleições para a Comissão Coordenadora dos Estudantes do Liceu Nacional do Funchal.

As outras duas listas mais votadas foram a «A» com 493 votos, da JSD, e a «B» com 354 votos, conotada com vários partidos de esquerda.

No entanto, como nenhuma das listas conseguiu uma maioria absoluta (mais de 50 por cento), vai realizar-se um segundo escrutínio provavelmente no dia 28, entre as duas mais votadas, a fim de se apurar a vencedora.

A Flama concorre publicamente às eleições do Liceu Nacional do Funchal. Reconhecido ali como movimento legal e, portanto, com o direito de se candidatar?

Prepara-se Festival de Havana

Convocada pelo Departamento da Juventude da União dos Sindicatos de Beja, realizou-se nesta cidade uma reunião de representantes das organizações de juventude do distritro.

A reunião teve como objectivo a constituição dos comités distrital e executivo de apoio ao Comité Nacional que prepara a representação portuguesa no próximo Festival Mundial de Juventude, que decorrerá em Havana, de 28 de Julho a 5 de Agosto.

O Comité Distrital ficou constituído por onze estruturas de juventude.

o Diário de Lisboa VENDE-SE NO PORTO

nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DA INDUSTRIA DO DISTRITO DO PORTO

Rua de Stª Catarina, n.º 1 011 Porto

CONCURSO PÚBLICO PARA AQUISIÇÃO DE UMA VIATURA A GASÓLEO, COM RETOMA DE UMA CARRINHA USADA DA MARCA «PEUGEOT 204»

Faz-se público que se encontra aberto a contar desta data concurso público para a aquisição de uma viatura autoligeiro mista de 5 ou 7 lugares e 4 ou 5 portas, a gasóleo, destinada ao Serviço Externo, com retoma de uma carrinha usada da marca «Peugeot 204».

As propostas deverão ser entregues na Secção de Aquisições e Armazém, encerradas em sobrescritos lacrados com a indicação bem legível de «CONCURSO PÚBLICO N.º 43/78», em qualquer dia útil e nas horas normais de expediente, ou pelo correio, sob registo, de forma a darem entrada, em qualquer dos casos, até ao dia 26/4/78.

A abertura das propostas efectuar-se-á no dia 2 de Maio de 1978, pelas 15.00 horas.

PORTO, 17 de Abril de 1978

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

TODOS À GRANDE CONCENTRAÇÃO

CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

dia 18/4/78 — às 18.30 h

no Largo da Praça

SEIXAL

PROMOVIDA POR:

— C. Coordenadora das Comissões de Trabalhadores
— C. Concelhia do Seixal do MDM
— C. Concelhia dos Reformados
— Sindicato dos Corticeiros (Seixal)

CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA!
CONTRA O DESEMPREGO!
PELA DEFESA DA CONSTITUIÇÃO!

ORGANIZAÇÕES ADERENTES À CONCENTRAÇÃO:

— Comissão de Moradores do Fanqueiro
— Comissão de Moradores do Cavadas
— Comissão de Moradores da Torre da Marinha
— Comissão de Moradores do Casal do Marco
— Comissão dos Reformados de Corroios
— Comissão de Trabalhadores da SPE
— Comissão de Trabalhadores e Delegados Sindicais da Construtora Moderna
— Comissão de Trabalhadores do A. Silva e Silva
— Comissão de Trabalhadores da Wicander
— Comissão de Moradores do Bairro das Cavaquinhas
— Comissão de Moradores do Bairro Manuel André
— Grupo Unitário das Mulheres da Mundet
— Comissão de Moradores de Paio Pires
— Comissão de Moradores de Corroios
— Comissão de Moradores do Seixal
— Comissão de Moradores de Pinhal de Frades
— Comissão de Trabalhadores da Mundet — Seixal
— Grupo Desportivo de Trabalhadores da Mundet
— Comissão Representativa de Trabalhadores da Câmara Municipal do Seixal
— Comissão de Trabalhadores das Construções Raimundo
— Comissão de Moradores de Arrentela
— Comissão de Trabalhadores e Comissão Intersindical da Siderurgia Nacional
— Plenário de Trabalhadores da Dura Luta
— Cooperativa de Consumo do Povo da Cruz de Pau

QUINTA NA ASSEICEIRA

VENDE-SE

8 hectares, casa de habitação com 16 divisões, terras de amanho, vacaria instalações para porcas de criação. 5 poços, furo para 5 mil litros água/hora. — Trata 578231.

BOM PREÇO

Em OLHÃO o Diário de Lisboa vende-se na TABACARIA MODERNA

INTERVENÇÃO CULTURAL NO ALENTEJO

Criado em Évora o Instituto Bento de Jesus Caraça

Realizou-se hoje, pelas 10 horas, no Secretariado Notarial de Évora (Palácio da Justiça), a assinatura da escritura da constituição do Instituto Bento de Jesus Caraça.

O Instituto é criado sobre a égide de Bento de Jesus Caraça, cujo 30 aniversário da morte passa no próximo dia 18 de Abril (perfaria 77 anos se estivesse vivo). A sua vida e obra como se pode ler no artigo segundo dos Estatutos desta nova instituição cultural «são paradigmas da luta do Povo Português pelo Progresso e pela Cultura, no quadro universal dos valores da Paz, Liberdade, Justiça e Progresso, e tem por fim o estudo, promoção e desenvolvimento de todas as formas de intervenção cultural e social conducentes à realização daqueles valores na sociedade portuguesa, os quais viram a sua consagração na Constituição da República Portuguesa, de Abril de 1976.

A criação deste Instituto integra-se também nas comemorações do 30.º aniversário da morte de Bento de Jesus Caraça, visando garantir a continuidade da acção inspirada nas suas figura e obra.

A presente Associação, é constituída por tempo ilimitado com sede em Évora, na Horta da Porta, freguesia da Sé, podendo vir a ser criadas delegações em qualquer localidade do País e estrangeiro.

O novo Instituto conta já com numerosas adesões provenientes de todos os pontos do País e dos mais variados sectores, designadamente, universitário e de investigação, sindicais, técnicos e profissões liberais, quadros de empresas públicas e privadas.

Na primeira linha das adesões assinalam-se as de todo o corpo docente e discente da Escola Superior Bento de Jesus Caraça, Sindicatos de Évora e as Câmaras Municipais do distrito.

Está no pensamento da Comissão Promotora do Instituto Bento de Jesus Caraça, a criação, em breve, de delegações no estrangeiro. Existem já contactos com altos funcionários da UNESCO para uma eventual colaboração e apoio.

Nas próximas reuniões de associados, regulamentadas pelos estatutos, será discutido o programa de actividades do Instituto, visando-se, a prazo, fazer ressurgir em Lisboa, a Universidade Popular projecto que Bento de Jesus Caraça tentara levar a cabo e publicar uma revista.

OBJECTIVOS DO INSTITUTO

Para já, e segundo estipula o artigo 3.º dos seus estatutos, que hoje ganharam existência legal através da assinatura da escritura da nova associação, o Instituto Bento de Jesus Caraça propõe-se «promover, realizar, incentivar ou apoiar estudos que contribuam para o conhecimento profundo, rigoroso e integral da realidade portuguesa». Neste sentido, pretende «promover, realizar, incentivar ou apoiar quaisquer acções de extensão cultural subordinadas aos fins do Instituto, destinadas a responder a necessidades concretas e imediatas ou a solicitações que lhe venham a ser feitas».

Bem ainda, cabe ao Instituto o desejo de «organizar cursos, seminários, conferências, colóquios e outras iniciativas afins; organizar, manter e dinamizar serviços de documentação e informação, bem como a elaboração e difusão de publicações periódicas ou outras».

Como associação de intervenção cultural que se pretende e para onde apontam os seus objectivos, o Instituto Bento de Jesus Caraça vai «fomentar, pelos meios apropriados, o intercâmbio de ideias e experiências, a cooperação e a convivência entre os seus sócios e entre estes e entidades individuais ou colectivas, nacionais ou estrangeiras, e que estejam empenhadas na defesa dos mesmos valores, nomeadamente, dos outros países de expressão portuguesa».

A escolha de Évora para sede da instituição, resulta, como se pode ler num comunicado da Comissão Promotora, «não apenas do facto de ser esta cidade donde irradiou a experiência da Escola Bento de Jesus Caraça mas, principalmente, por permitir mais directo apoio a uma vasta região como é o Alentejo que, pela situação em que se encontra, a acção do Instituto visa privilegiar e, ainda porque, Bento de Jesus Caraça, que foi alentejano e filho de camponeses alentejanos, reflecte, nas suas vida e obra, a funda influência do que a penosa caminhada do povo do Alentejo para a emancipação, constitui de modelo específico da emancipação do Homem».

Deste modo, conclui-se que «os pressupostos do Instituto determinam objectivos que se não definem por âmbito apenas regional, mas que se integram na perspectiva de todo o povo português e no quadro universal de conquista da Paz, da Liberdade, da Justiça e do Progresso».

NOVOS LIVROS

"A Noite e o Riso" de Nuno Bragança (3.ª edição)

«A Noite e o Riso» de Nuno Bragança. Um romance que renova a sua novidade nesta terceira edição (Moraes). No prefácio, Manuel Gusmão relê-o para nós e relê a sua própria crítica, escrita há sete anos quando da primeira publicação.

Escreve: «Notei que se (me) tornou outra, mais ampla ou mais clara, a consciência (...) da singular novidade do romance, que então apontava com alguma perplexidade, e da legislação estratégica que responsabilizava a sua crítica. (...) Entretanto, creio que o que no livro agora se pôs a mexer nitidamente, pelo menos para mim, se é obra da experiência sensível que desde então se tem movido, é também sintoma de que o trabalho interno deste livro se mantém vivo, produtivo. Creio também que ele, hoje (que estamos numa nova fase histórica em Portugal), contém, ainda, à sua maneira irrepetível (ou só diversamente continuável) os elementos de uma certa modernidade possível, mesmo que sob novas e diversas formas e empenhos. Quer dizer, A Noite e o Riso continua (a mexer)».

Passa à análise. Painel-1: «trata-se da travessia irónica dos vários aparelhos ideológicos (passe a pomposidade, aqui, do nome) o familiar, o escolar, o religioso e o judicial agredindo os seus funcionários, os seus gestos, discursos, regras e rituais, de súbito grotesco. Fazendo surgir o seu carácter repressivo. É o seu contraponto o da violência subversiva: a descoberta dos segredos resvalantes (como os corpos resvalam), a inquietante arte de escrever, a provocação dos mestres».

Painel-2: «... uma série de voos rasantes e em picado, sobre um objectivo em movimento; ou, como se diz no próprio livro, **o todo jogo das fintas que a lebre-eu multiplicará para cansar-me em galgo. Contudo. A cada grande, lebracha curva, corresponderá meia pequena curva-galga. Até que...**»

Segue, mais adiante, justificando cinco proposições: 1.ª «a escrita é difícil e custa»; 2.ª «a escrita é um percurso, viagem, caçada, combate, exploração **em território proibido**»; 3.ª «a escrita é uma opção prolongada»; 4.ª «a escrita é para um tu, para bem de quem escreve»; 5.ª «a escrita é a corrida da lebre e do galgo, perseguidor e perseguido unidos, como as duas faces da **contradição «que existe no seio das coisas»**, da escrita e do sujeito, e pela qual elas **crescem**, se fazem».

Finalmente, o 3.º Painel. «Que sempre me tem dado água pela barba», previne Manuel Gusmão. «Fecho em aberto do romance, impossibilidade de acabar o que é por natureza **provisório e deformável**? Parece que sim».

São simples fragmentos da leitura que Manuel Gusmão faz do Nuno Bragança de **A Noite e o Riso**. Numa segunda parte da sua análise, o autor do prefácio desenvolve mais algumas ideias. Fala da «ironia estratégica» através da qual «este romance, ao assumir-se como confessional (e mesmo autobiográfico), assume essa confessionalidade como género da ficção (ou da poesia narrativa) e trabalha (ou seja, transforma) o compromisso do sujeito na generalidade sem sujeito que é o corpo da língua e as regras tradicionais do **género**, expondo as duas experiências extremas que a língua e essas regras **permitem** — a da capacidade demiúrgica de dizer (criar) o real e a da resistência do real, do mundo, a ser dito (reproduzido); experiência esta que é dada através da dificuldade ou da impotência do dizer».

Fala da **singularidade** do novo neste romance. Diferente da «ideologia da modernidade ou da vanguarda», ligada «a um certo novo romance (europeu e sobretudo francês) e ao neoformalismo francês», que em Portugal informa «uma certa crítica oficial e mesmo universitária», bem como «certas elites culturais». Antes novidade que se «apropria e desvia» de uma tradição «que não era (nem creio que seja hoje) a mais actuante ou **moderna** em Portugal — a de um certo romance realista americano, de que D. Hammett, R. Chandler, Hemingway, Fitzgerald, Lowry e Faulkner formam, com outros, a contraditória constelação».

Nuno Bragança, como se sabe, publicou, também no Moraes, em 1977, um segundo romance, «Directa», que constitui outro êxito editorial.

Moedas evocam Herculano

Alexandre Herculano, pelos seus trabalhos científicos e literários, e especialmente na indagação e crítica dos factos históricos nacionais, conquistou fama universal e imorredoura, como foi referido em decreto de 21 de Abril de 1910, que então estabeleceu o modo de solenizar as demonstrações públicas comemorativas do centenário do nascimento do escritor.

Agora, o Governo, desejando deixar registado o centenário da morte daquele que António Sérigo caracterizou, lapidarmente, como «personagem nobre entre todas que, oferecendo como modelo suas virtudes, e como timbre o seu carácter, e, pela sua ânsia de renovação, partilha com Camões o privilégio supremo da nacionalidade», autorizou a cunhagem, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de moedas comemorativas, com a efígie de Alexandre Herculano, dos valores faciais de 25$00, 5$00 e 2$50.

De tais moedas, de que damos imagem, vai também ser cunhada uma parte com acabamento «proof-like», destinada a comercialização.

Novos dados sobre cultura judaica

Na última classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa, após a homenagem prestada a Fernando Namora, foi lida a comunicação do dr. Alberto Iria subordinada ao tema «Judeus em Moçambique, Angola e Cabo Verde» (Epigrafia e História).

Foram reveladas em primeira mão as numerosas lápidas funerárias de Israelitas que Alberto Iria copiou em Angola (Catumbela), Benguela e Luanda, em Cabo Verde, nas Ilhas de Santiago (Cidade da Praia), Santo Antão (Ponta do Sol, Campinas, Penhas de França, Paul) e São Vicente (Cidade de Mindelo).

Alberto Iria completou, em parte, os seus elementos epigráficos, documentais e bibliográficos com os informes e dados genealógicos fornecidos pelo arq.º. Fernando Gatalha e pelo eng.º. José Maria Abecassis. Este último co-autor de uma inédita «Genealogia de Algumas Famílias Hebraicas em Portugal», que bem merecia ser um dia publicada.

Alberto Iria afirmou ainda que é bem possível que, a partir de agora, outras aprofundadas pesquisas possam ainda abrir mais largos horizontes históricos à actuação dos Judeus nos territórios dos actuais países africanos de expressão portuguesa.

APÓS II ENCONTRO NACIONAL

Farmacêuticos ameaçam fazer greve pela publicação rápida de PRT

O II Encontro Nacional dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos, reunido, no sábado, na «Voz do Operário», em Lisboa, aprovou uma proposta à classe, de greve nos dias 4, 9 e 10 de Maio, como forma de luta visando pressionar a rápida publicação da PRT do sector.

Na reunião, que se efectuou sob o lema «Pela unidade, não à divisão», foi feita a análise da situação económica do sector, bem como das tentativas divisionistas do patronato e da organização nas estruturas do movimento sindical unitário.

As conclusões do Encontro, aprovadas sem votos contra dos 404 delegados, sublinham que as medidas dos pacotes «tendo todas elas a mesma orientação, não irão contribuir para que a crise seja ultrapassada mas sim para agravá-la».

Referindo a existência de um elevado número de pequenas e médias empresas no sector farmacêutico (comércio e indústria), o documento final do Encontro assinala: «Nesta fase do desenvolvimento económico, marcada pela tentativa tenaz de recuperação monopolista, os interesses dos pequenos e médios empresários confluem, de certa forma, com os objectivos da luta que os trabalhadores travam».

Daí o apoio manifestado a todas as tentativas de organização das pequenas e médias empresas contra o grande capital nacional e internacional que pretende levar muitas empresas à ruína, «para depois, com o poder económico nas mãos, impor ao poder político as regras do jogo, com cartas viciadas e resultados já feitos à partida».

Sobre o Serviço Nacional de Saúde, o encontro entendeu que «sendo uma necessidade da população portuguesa, deve ser planificado de tal forma que não provoque desemprego, antes pelo contrário, dê lugar a novos postos de trabalho, nomeadamente através da fabricação nacional de matérias-primas».

A GREVE

Como afirmámos, foi aprovada uma proposta de greve nos dias 4, 9 e 10 do próximo mês, como forma de luta pela publicação da PRT do sector, cuja Comissão Técnica está constituída há três meses não havendo «nenhum compromisso efectivo por parte do MT, quanto ao conteúdo da PRT e quanto à data da sua publicação».

No primeiro dia de greve, os trabalhadores da indústria e comércio farmacêuticos concentrar-se-ão no sindicato, devendo deslocar-se ao MT delegações que exporão a situação.

No segundo dia, os trabalhadores concentrar-se-ão na Praça de Londres, junto ao Ministério do Trabalho. E, no dia seguinte, efectuar-se-á uma reunião geral de sócios para análise da situação e deliberação das novas formas de luta.

A luta pela PRT, segundo as conclusões, visa a «consolidação da verticalização, a uniformização das condições de trabalho, a actualização dos salários para melhorar o nível de vida dos trabalhadores, especialmente dos mais desfavorecidos, e o estabelecimento de carreiras profissionais com a consagração do princípio das promoções automáticas».

DIVISIONISMO

A questão do divisionismo era outro dos pontos da ordem de trabalhos do II Encontro do sector farmacêutico. Vários oradores condenaram a actuação de um grupo de trabalhadores que «sedento de privilégios e faminto de gloriazinhas organizou, à margem das estruturas sindicais e contra a Constituição, uma associação fantoche a que chamou sindicato».

Na oportunidade foi denunciado que a iniciativa está cheia de vícios sindicais e legais e que assenta na maior ilegalidade, o que aliás está patente no pedido de extinção apresentado pelo Ministério Público, contra o chamado «Sindicato» Democrático da Química e Farmacêutica.

EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Salário mínimo não é nacional

A Reunião Nacional de delegadas do Sindicato do Serviço Doméstico considerou que as 100 mil trabalhadoras do sector foram «marginalizadas mais uma vez», após a fixação do salário mínimo nacional em 5700 escudos, quando para as trabalhadoras do serviço doméstico o salário está fixado em 3500 escudos.

Sobre as razões que levaram a esta diferença, «verificamos que uma vez mais o Governo nos trata como trabalhadores à parte do conjunto dos trabalhadores do País».

«Isto acontece» — explica-se em comunicado divulgado a propósito — «porque o Governo continua vergonhosamente a manter-nos acorrentadas a uma lei feita há mais de cem anos (Código Civil de 1867) não atendendo às reivindicações que por intermédio do nosso Sindicato apresentámos há mais de três anos (foi entregue, no Ministério do Trabalho, em Novembro de 1974) e que continua sem resposta».

Face a esta situação, o Sindicato considera que «todas juntas seremos fortes». E acrescenta: «Unidas no nosso sindicato continuemos a lutar pela lei que há-de fazer de cada uma de nós e das restantes 100 mil colegas, trabalhadoras iguais a todos os restantes trabalhadores deste País».

Na lei reivindicada há três anos figuram os seguintes pontos: salário mínimo nacional; férias e respectivo subsídio; 13.º mês; regalias da Previdência iguais às dos outros trabalhadores; garantia do direito ao trabalho e todas as regalias sociais iguais às dos demais trabalhadores.

NOS MÓVEIS HORIZONTE

"Patrão pretende despedir delegado e membros da CT"

Catorze dias depois de publicada no «DL» a notícia com o título em epígrafe (edição de 23-3-78) envia-nos o advogado Manuel Vilarinho uma carta em que, em nome da sua cliente «Moveis Horizonte», solicita a publicação do «esclarecimento» de quatro pontos insertos na notícia referida, que reproduzimos «ipsis verbis»:

«1.º — O delegado sindical e os membros da Comissão de Trabalhadores, contra os quais foi instaurado processo disciplinar, nunca estiveram na situação de suspensos, antes se mantiveram ao serviço até todos eles terem unilateralmente feito cessar os respectivos contratos de trabalho, em 31-3-78, despedindo-se.

«2.º — A entidade patronal nunca recusou o diálogo com quem quer que fosse, só não aceitou tal diálogo, no momento em que se vrificaram os factos que deram origem ao referido processo disciplinar.

Naturalmente, o patrão não aceitou o diálogo nessa altura, não só em virtude do acto de indisciplina colectiva como também por não admitir coacções daquele ou de outro tipo.

«3.º — No aludido processo disciplinar, em qualquer outro documento ou verbalmente, nunca os trabalhadores foram acusados de terem perdido tempo de trabalho na elaboração do caderno reivindicativo.

«4.º — O patrão não tentou sabotar o plenário do dia 13, nem provocou os membros da mesa, tão-só pretendeu impedir a presença nesse plenário dos dirigentes sindicais, em virtude do respectivo Sindicato não ter feito a competente comunicação como estipula o n.º 2 do artigo 28.º do Decreto-Lei n.º 215-B/75.

Como aqueles dirigentes se recusassem a abandonar as instalações da empresa tornou-se necessário chamar a GNR não para os identificar mas para os obrigar a sair, o que não fez preferindo antes, desnecessariamente, proceder à respectiva identificação.

Restará acrescentar, para finalizar, que o processo disciplinar instaurado àqueles três trabalhadores teria como epílogo o seu despedimento com justa causa. No entanto, os mesmos trabalhadores impediram tal decisão uma vez que, voluntária e unilateralmente, cada um deles proferiu despedir-se antes de ser despedido.

Tal conduta por parte dos trabalhadores é sintomática em relação à razão que lhes assistia e que faltava à entidade patronal...»

FALA O SINDICATO

Não deixa de ser curioso como este patrão que não admite «coacções daquele ou de outro tipo» tenha chamado a GNR, não para identificar, mas para «obrigar a sair» os dirigentes sindicais presentes no plenário.

Sobre o esclarecimento e no sentido de levar ao público, tanto quanto possível, a verdade dos factos, recorremos à fonte de informação inicial para a notícia em questão, ou seja, elementos da Direcção do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Madeira do Distrito de Lisboa, que nos prestaram por seu lado os seguintes esclarecimentos:

1.º Ao abrigo da legislação vigente, a entrega da nota de culpa aos trabalhadores pode ou não ser acompanhada da determinação por parte da entidade patronal de impedimento de acesso ao local de trabalho. No presente caso, o impedimento não se verificou e os trabalhadores continuaram a laborar normalmente. Só que no dia 10 de Março, o patrão, sr. Júlio Gonçalves Baptista, informou o delegado sindical e os membros da Comissão de Trabalhadores da sua intenção de proceder ao seu despedimento com base em justa causa. Sabendo que não havia justa causa, os trabalhadores mantiveram-se apesar de tudo ao serviço. Mas a declaração verbal da intenção da entidade patronal conseguiu surtir os desejados efeitos de os levar ao despedimento. Perguntam os dirigentes sindicais se o patrão teria trazido a público este «esclarecimento» se os trabalhadores se não tivessem despedido.

2.º A entidade patronal recusou-se a dialogar com a Direcção do Sindicato, nas várias tentativas feitas pelos dirigentes sindicais para contactar o patrão. Este recusou-se também sempre a dialogar com os representantes dos trabalhadores no sentido de ser negociado o caderno reivindicativo. Convém aqui esclarecer que deste caderno reivindicativo consta a exigência da satisfação de direitos dos trabalhadores consignados na PRT do sector, publicada em Julho de 77 com efeitos a partir de Janeiro do mesmo ano, que o sr. Júlio Gonçalves Rodrigues ainda não aplicou nas suas empresas, ainda que em diversas reuniões no Ministério do Trabalho se tenha comprometido a fazê-lo.

3.º De acordo com a informação sindical, «o pretexto escolhido foi um pretenso atraso de cerca de cinco minutos no período da tarde do dia 28 de Fevereiro, quando os trabalhadores, aproveitando o intervalo e descanso, tentaram obter uma resposta, da entidade patronal». A resposta dizia respeito ao caderno reivindicativo.

4.º O sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Madeira do Distrito de Lisboa, assegura que cumpriu integralmente a lei, fazendo a sua comunicação ao abrigo do Decreto-Lei 215-B/75.

A única acção da GNR no plenário foi identificar os dirigentes sindicais presentes.

Ferroviários comemoraram nacionalização da CP

Diversas iniciativas da Federação dos Sindicatos Ferroviários assinalaram no sábado a passagem do terceiro aniversário da nacionalização da CP. As principais realizações foram as de Lisboa (Santa Apolónia), Porto (Campanhã) e Barreiro.

O programa das festas, em Lisboa, incluía provas desportivas que se realizaram no parque do Club Ferroviário de Portugal e uma manhã infantil na sede da mesma colectividade, seguindo-se-lhe um almoço de confraternização.

No Porto, as comemorações efectuaram-se no Sindicato dos Ferroviários do Norte de Portugal, nelas participando artistas diversos. Um dirigente sindical deu relevo à importância do sector nacionalizado no arranque da economia nacional.

«O sector dos transportes é chave para a economia nacional, pode dinamizá-la ou paralisá-la» — sublinhou, em Lisboa, Carlos Carvalho, da CGTP-IN. E continuou: «se, hoje, a CP não estivesse nacionalizada, podemos estar certos de que os capitalistas teriam campo para desenvolverem vastas manobras de resultados desastrosos para o País».

Por seu turno, Custódio Ferreira, da direcção do Sindicato dos Ferroviários do Centro, depois de historiar a nacionalização da CP, face à situação anárquica herdada do fascismo, afirmou: «No actual momento, a gestão que vem sendo imprimida à empresa irá provocar, a curto prazo, a degradação dos serviços em alguns campos. São disso exemplo o esvaziar dos quadros com a dita política de vaga aberta, e concentração dos esforços em comboios de luxo em prejuízo dos que servem largas camadas da população».

Ilegalidades no sector de limpeza do Norte

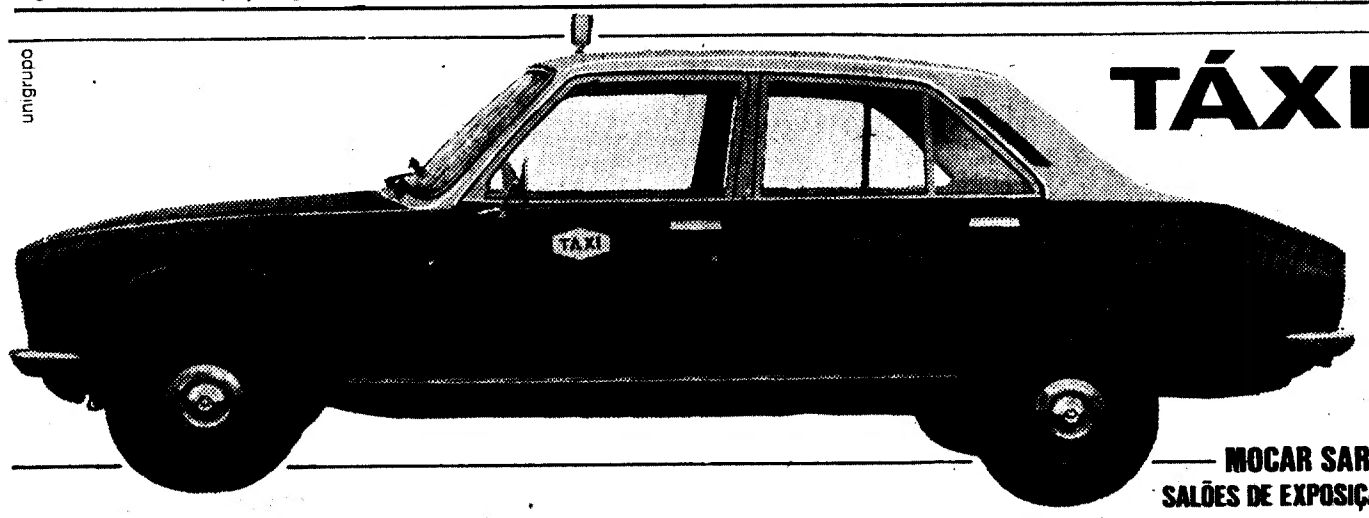
Várias ilegalidades cometidas pelo patronato foram denunciadas ontem por trabalhadores de limpeza, durante uma reunião efectuada no salão do Inatel, no Porto, promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores dos Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza e actividades similares.

Entre os casos referidos, focou-se a acção repressiva da entidade patronal da firma «Laranja» que provoca um clima de terror em certos locais de trabalho. A situação é de tal ordem que os trabalhadores levantaram a hipótese de mover uma acção que leve ao encerramento daquela empresa que, a acontecer, não irá trazer problemas de emprego para o sector, segundo se afirmou.

Foi igualmente denunciado o facto de algumas empresas não encaminharem para a previdência e para o fundo de desemprego as quantias descontadas pelos trabalhadores.

Outro caso de fraude apontado refere-se à actuação de uma firma que obriga as trabalhadoras de limpeza a assinar recibos correspondentes a quatro horas de trabalho por dia, apenas, pagando as restantes «clandestinamente».

Entre outros problemas de interesse para a classe, os trabalhadores presentes na reunião trataram do grande encontro do sector, que se realiza em Lisboa, no dia 25 de Junho.



TÁXI PEUGEOT 504
resistência
economia
conforto

MOCAR SARL.
SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDA: Av. António A. Aguiar, 19-A-B · Av. Duque d'Ávila, 66-B

GRANDE ESCRITORA DE LÍNGUA SU

Selma Lagerlöf
a glória foi tami

Senhora de uma patética força de vontade e de um génio magoado e profético, Selma Lagerlöf cedo se apercebe de que a tarefa de escrever não é um entretenimento mas algo de sagrado, e a ela se dedica a ponto de alcançar não só a maior honra da literatura — o Prémio Nobel — como a admiração e a confiança do Mundo inteiro.

Ao reinventar as lendas do seu país natal, debruça-se sobre as profundezas da alma humana, a poesia das coisas, e também os abismos do invisível: o «lado de lá» onde os mortos lhe parecem terrivelmente próximos.

MORBACKA

Selma nasce marcada pela doença. Aos quatro anos apenas se arrasta. Levam-na ao colo para o quarto da avó, que, sentada no canapé de canto, distrai as crianças contando-lhes histórias. Mulher ligada à terra, à influência dos astros, às forças secretas da Natureza, a avó, que lamenta não poder subir a um púlpito para exortar as pessoas a contemplar as estrelas, lega à menina aleijada e de atentos olhos azuis uma herança cósmica: tradições, exóticos hábitos ancestrais, superstições e sonhos. Mais tarde Selma há-de crer que, se a memória lhe falhar, a avó virá em seu auxílio; há-de sentir-se o porta-voz dos antepassados, declarar que o «génio» não passa de uma receptividade especial dos raios da razão que iluminam o Universo e que a sua obrigação é difundir essa luz sobre os que a não podem receber directamente».

A avó, a casa de família, as árvores, a propriedade de Morbacka fazem de tal modo parte de Selma que, quando Morbacka tem de ser vendida, sobre «como se lhe assassinassem um parente». O que ganha a escrever vai aplicá-lo na compra e restauração de Morbacka. No fim da vida, ao preparar o testamento, consulta as almas dos seus mortos quanto ao desígnio a dar à casa.

Morbacka é uma pequena quinta na província mais romântica da Suécia: o Vermland. Casinha de distinta fachada, rodeada de campos de trigo e aveia e oculta por um pátio arborizado, fora outrora um presbitério, e desde o século XVIII vem passando não de pai para filho mas de mãe para filha. Sucederam-se já quatro gerações de mulheres e agora, em meados do século XIX, a dona é a senhora Lagerlöf.

Selma, quarta filha do casal, vem ao Mundo no dia 20 de Novembro de 1858.

Quem governa a casa é a avó, ajudada pela tia Luísa, enquanto a mãe se ocupa de costura e de tecelagem. O pai, o tenente Lagerlöf, homem jovial, hospitaleiro, de temperamento autoritário e activo, dirige a propriedade e nela desbarata os bens da mulher, julgando aumentá-los. Consta que, aquando do nascimento de Selma, umas vagas tias (ou fadas?) tinham profetizado que a menina nunca se casaria e que havia de possuir uma grande fortuna.

Mas Morbacka é acima de tudo um alfobre de lendas. Selma escreverá no livro **Memórias de uma Criança**: «Havia histórias de Inverno e histórias de Verão; não me recordo de coisa que lá existisse e não tivesse a sua história: uma lenda relacionava-se com o velho quadro a óleo pendurado num recanto das águas furtadas, outra com o cão de guarda que desatava a uivar no escuro da noite. Se uma pessoa morria, invariavelmente reaparecia uma determinada história. O mesmo quando alguém resolvia casar-se...» E no Outono, ao recolher da fruta. E na época das sementeiras. Histórias de amor e ódio, de paixões, de lutas, de vinganças. E misteriosas histórias do outro mundo, de almas penadas que se encobriam no nevoeiro, nos suspiros do vento norte, na frialdade dos gelos eternos.

Já autora célebre, aos jornalistas que querem saber das raízes da sua obra, Selma Lagerlöf responderá: «Jamais me tornaria escritora se não tivesse sido criada em Morbacka, com os costumes antigos, o tesouro das lendas, os habitantes amáveis e bondosos».

UM DESTINO...

As primeiras recordações de Selma situam-se na descoberta da sua enfermidade. A perna esquerda, atacada de paralisia, não a deixa caminhar, e a criança aproveita esse facto para conquistar os carinhos das pessoas à sua volta. Entretanto, nasce uma irmãzinha e os cuidados dos familiares deixem de ser só para ela. Como a perna continua paralisada, o médico receita-lhe banhos de mar. Então, ainda no vapor, ao ouvir falar da ave-do-paraíso que protegia das tormentas o comandante do barco, a menina, curiosa, começa a descer sozinha os degraus que a levam à cabina. Todos consideram aquilo um milagre. A partir daí Selma ficará a coxear, e compreenderá, à medida que cresce, que o seu futuro será outro que não o casamento.

Deus toma assim um lugar importante na sua vida. Deus, não propriamente a religião, que acabará por pôr mesmo de parte. Contudo, uma vez que o pai cai de cama muito doente, promete, se ele se curar, ler a Bíblia de ponta a ponta. Acredita num Criador que olha pelas suas criaturas, acredita num mundo do espírito, acredita principalmente em si própria. Enquanto a irmã mais velha e as primas ficam noivas segue ela lições de Matemática e de línguas. Poderá dar uma boa professora se se habituar a ser paciente com os alunos e submissa aos superiores.

E tem de ser escritora. Ao ouvir as histórias trágicas e sobrenaturais do Vermland, vê tudo com os seus próprios olhos, e possui um dom estranho: o de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Além disso, há a necessidade de ganhar dinheiro: «Aflige-me sermos tão pobres em Morbacka... Pensava que o papá, constantemente doente, bem depressa morreria e seríamos obrigados a vender Morbacka. Que ia ser de nós depois?»

Lê Homero, Goethe, Byron. Não estuda Filosofia, não participa em discussões de estudantes nem em programas literários, o meio académico é-lhe completamente desconhecido. Mas, ao deitar-se sem sono e de coração palpitante e dorido, ao fim de um baile a que o pai a obrigou a ir e onde ninguém a convidara para dançar, diz consigo: «Hei-de escrever romances, um dia; foi para isso que nasci».

... E UMA VONTADE, RUMO AO FUTURO

As suas primeiras composições são poemas. Versos de isolamento e de fastio da vida monótona do campo: «... em redor de mim não vejo nunca brotar/Os sonhos cheios de mel/mas apenas o trigo d a aveia, a relva e o centeio». Muitos anos depois Morbacka representará, sim, para ela a «terra de leite e mel», e não descansará enquanto lá não tornar, mas agora sente desejos de conhecer o Mundo, e os dias decorridos entre os livros, o piano, os bordados, causam-lhe um imenso tédio. É então que toma ao seu cargo a educação da irmã mais nova, Cerda, e para ela escreve uma peça de teatro de fantoches: **As Maçãs de Oiro**, que juntas põem em cena. É por essa altura também que se apaixona — por quem? Muito se tem discutido sobre esses amores mas nada de concreto jamais foi revelado. O certo é que o seu «diário» se torna amoroso. E na antologia de poesias de amor de Karin Ek encontramos este poema da escritora sueca: «Menina, tu amaste, mas nunca mais/Hás-de saborear a alegria do amor./A tempestade da paixão sacudiu-te a alma./Sê feliz, reencontraste a paz!.../Menina, tu amaste, mas nunca mais/escutarás a voz do amor...) Partiu, ele, o único que sabia/Abrir as portas do teu coração». Este mesmo poema insere-o a autora no seu primeiro romance, atribuindo-o a uma das personagens femininas. O que portanto chega até nós é só a resignação que de tais versos goteja e a melancólica harmonia que inunda o peito da autora após a separação do ente amado.

Outro sonho, este mais forte, ocupará o lugar daquele: o de atingir a glória pela pena. As feridas abertas pelas humilhações da vida precisam de ser curadas e Selma conta acima de tudo com o poder da sua imaginação. Mas precisa de tirar um curso que lhe garanta a subsistência (a família está cada vez mais empobrecida e o pai sem saúde), e há uma mulher, uma feminista, Eva Fryxelle, que, ao ouvi-la pronunciar um discurso em verso no casamento de uma amiga, a incita a frequentar a Escola Normal de Estocolmo. Claro que o pai não concorda, nem a avó, nem a tia. Estamos em 1880 e na Suécia as mulheres começam a trabalhar fora de casa. As das classes pobres empregam-se em fábricas ou emigram. As da classe média — o caso de Selma — fazem-se professoras, preceptoras, secretárias. Mas o Vermland teima em agarrar-se aos costumes antigos e Selma há-de transpor a custo o golfo que a separa do Mundo moderno.

Uma sua contemporânea descreve-a na Escola Normal da capital: «... uma jovem pálida de vinte e dois anos, olhos inteligentes e penetrantes, cabelos loiros muito lisos. Taciturna mas simpática, tinha um sorrizinho agradável, um pouco condescendente... Destacava-se das colegas mais novas, mais integradas na vida mundana, por causa do vestuário rústico, do penteado fora de moda, e do sotaque». Na Escola Normal aprende que o seu dever é ajudar a libertar a mulher sueca das «cadeias da ignorância e da frivolidade», e pensa na família em Morbacka e no escândalo que tal programa devia suscitar. A sua inspiração, aliás, está enraizada em Morbacka, e como não consegue nem submeter-se às tendências da época nem opor-se-lhe, resolve calar-se.

Quando ao fim de quatro anos regressa a casa com o diploma de professora primária, o pai agoniza, e após a sua morte a propriedade vai à praça.

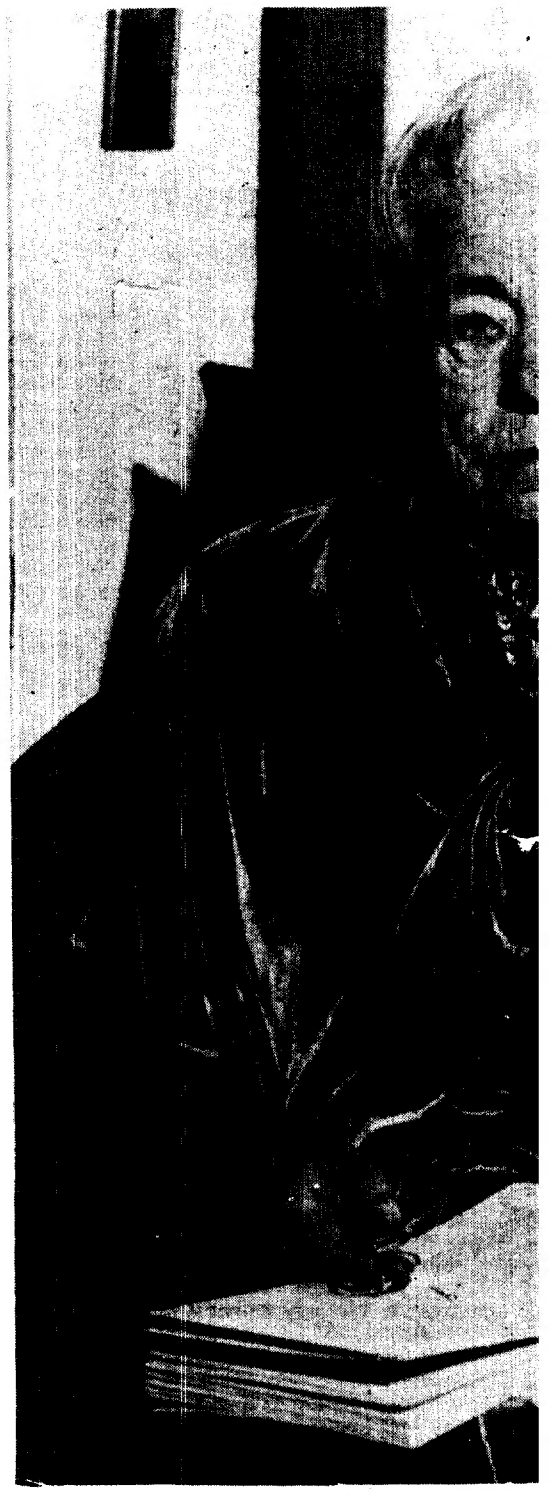
A PRIMEIRA VITÓRIA

A jovem professora inicia a vida docente na pequena cidade costeira de Landskrona, na companhia da tia Luísa (a mãe vai viver com o filho mais velho), levando consigo dois projectos: pôr em prática os ensinamentos recebidos na Escola Normal e travar amizades. É recebida com curiosidade pelo conselho de professores, no seu modesto vestido de trabalho e sapatos de laços vermelhos. E depressa conquista alunos e colegas. Estas pressentem que é poeta, e a professora de Alemão, que sabe tocar a **Sonata ao Luar**, descobre-lhe no olhar o fulgor do génio. Elin Wagner, que conheceu a escritora e traçou a sua biografia, observa a este respeito: «Foram sobretudo as mulheres que descobriram esse fulgor nos olhos de Selma. Os homens só deram por ela quando se tornou famosa — o que não é difícil». A verdade é que os homens também não chegam a impressionar a jovem mestre-escola que corta a trança e nada faz para lhes agradar. Referindo-se ao poder que as mulheres podem ter sobre os homens, Selma escreve: «Nós, mulheres, até velhas e feias, exercemos uma influência nos homens... Por vezes penso que seria divertido experimentar, mas nunca achei ocasião». Tão desenvolvida a sua fantasia que já nenhum homem é capaz de a impressionar. Escolhe pois a camaradagem, o trabalho social, o serviço cívico. Nos tempos livres percorre os bairros operários e conclui que a verdadeira civilização só será uma realidade na hora em que puser termo à pobreza; compõe peças teatrais para actores amadores; um hino para o centenário da igreja (ela que não é praticantel); versos para as festas da escola; um epitáfio. Principia um romance: **A Lenda de Gösta Berling**. Envia sonetos à directora de uma revista que, se bem que os aprecie, não consegue que os colaboradores abram uma coluna para tão ignorada autora.

E já a ambição pessoal de Selma Lagerlöf se confunde com o empenho de mostrar ao Mundo do que as mulheres são capazes. Recordando o despotismo do pai e de todos os homens do Vermland para com o seu círculo feminino, afirma: «Foi assim que despontou a minha simpatia pela causa feminista».

Está instalada num sótão em Landskrona e nem sequer tem cadeira para a mesa de trabalho. A tia Luísa empresta-lhe a sua poltrona, baixa de mais, que lhe faz dores nas costas. Todas as tardes, porém, ao voltar da escola, ei-la lançada no seu romance, corpo curvado, escrevendo sem parar. «A pena corria sozinha», diz ela.

É então que Gerda lhe lembra um concurso de novelas na revista **Idun**. Selma concorre com cinco capítulos da **Lenda de Gösta Berling**. É-lhe atribuído o primeiro prémio. O júri, exclusivamente masculino, ao pronunciar-se sobre os méritos pouco vulgares do manuscrito coloca-o «muito acima da maior parte das obras



desde há muito aparecidas na Suécia». O director da revista convida-a para colaborar no número de Natal. Uma velha dama protectora de escritores empresta-lhe uma casa no campo para acabar o seu romance. Entra imediatamente e sem ajuda de ninguém no mundo das letras. Tem trinta e três anos.

A PLENITUDE

Gösta Berling, baseado numa história verdadeira (todos os romances e novelas de Selma Lagerlöf serão inspirados em casos autênticos), que a sua prodigiosa imaginação enriquece e transforma, apesar de ter alcançado êxito no meio literário e de lhe dar acesso a um bom editor, não se vende como seria de esperar. Selma continua a ensinar para viver — e a escrever nos intervalos das aulas. É procurada por mulheres importantes como Ellen Key, presidente de uma bem conhecida associação feminista, assiste, acanhada, a reuniões de intelectuais, conhece aquela que virá a ser a sua melhor amiga e companheira de viagens, a escritora Sophie Elkan.

A pouco e pouco, todavia, os direitos de autor vão chegando, quase sempre inesperados. Dois anos depois, a segunda edição de

MOBÍLIAS USADAS
COMPRO — VENDO — TROCO
AV. ALMIRANTE REIS, 35 (aos Anjos)
Telef. 832161

...ECA, "PRÉMIO NOBEL" DA LITERATURA

...f:
...bém o nome num navio

Maria Ondina Braga

A Lenda de Gosta Berling traz-lhe duas mil coroas. O livro é traduzido na Dinamarca. O rei Óscar II e o príncipe Eugénio, reconhecendo o talento da escritora, concedem-lhe mil coroas para as suas viagens pessoais. Selma demite-se da escola. Está finalmente livre para viajar e dedicar-se a sério à carreira das letras. Instala-se, não em Estocolmo, mas num dos mais antigos e sossegados burgos da Suécia — Falun, capital da Dalecarlia. Centro mineiro: o odor do cobre vem no vento e desinfecta a cidade, razão por que, segundo a tradição, nunca nenhuma epidemia a atacou.

Com Sophie, percorre a Itália, a Sicília, outros países. Dá a lume **Os Milagres do Anti-Cristo** — obra de polémica sobre o socialismo anticlarical moderno, que chama a atenção da crítica e se vende aos milhares. Selma Lagerlöf não é mais a silenciosa visionária de província das reuniões literárias de Ellen Key, mas uma mulher loquaz e festejada que, dominando a fraqueza física, o cansaço da perna aleijada, aparece em toda a parte. Sophie diz, não sem uma pontinha de inveja: «Ninguém como Selma para suscitar a simpatia das pessoas, sem nada fazer por isso».

Tem quarenta e poucos anos. O pintor Carl Larsson, para quem ela posa, descreve-a: «modesta mas digna, o espírito alerta mas sempre calma, sempre acessível sob uma aparência que tanto deixa entrever a sua personalidade como a esconde».

Valborg Lander, professora de língua sueca na Escola Normal de Falun, oferece-se para secretária da escritora, cargo que desempenhará até ao fim da sua vida.

LIVRO APÓS LIVRO

Daqui por diante cada romance ou conto de Selma Lagerlöf é mais um sucesso a juntar aos anteriores: **As Lendas do Cristo, A Princesa da Paz, O Tocador de Violino, No Templo.**

Depois de uma longa digressão pelo Cairo e Alexandria, a romancista passa uma temporada em Jerusalém. E através dos camponeses dalecarlianos que tinham abandonado a terra natal para viver ali em perfeita comunidade, como os primitivos cristãos, aprende imensas lendas e histórias de milagres que lhe vão servir para a elaboração do livro **Jerusalém**. Uma viagem fatigante. Selma não se poupou a caminhadas, a subidas e descidas, e a perna doente dói-lhe mais que nunca. De regresso, manda dizer ao seu editor: «Não conte com um livro meu para este Outuno». Mas **Jerusalém**, que sai no ano seguinte, proporciona-lhe um editor alemão. A Alemanha começa a apreciar a escritora sueca tanto ou mais que a sua própria pátria. E a Finlândia. E outros países.

Viaja e escreve. As viagens são aliás a sua única extravagância. O plano de juntar dinheiro para reaver Morbacka mantém-se. Leva uma vida simples na companhia da mãe, que lhe cozinha as frugais refeições, e da tia Luísa.

Quando lhe encomendam um livro de leitura para as escolas de crianças dos nove aos doze anos, rodeia-se de manuais de Geografia, Botânica, Zoologia, História, folclore, recorda todas as suas experiências pedagógicas, e volta a viajar, agora pelo Norte da Suécia até à Lapónia. 1905, 1906 e 1907 são anos de trabalho intenso. Por essa altura escreve a uma ex-aluna a conselhá-la a não seguir o ofício das letras: «Para se vencer é preciso um esforço sobre-humano... Caso não vencemos, o que infelizmente às vezes acontece, é o desgaste dos nervos que pode tornar a vida horrivelmente penosa, pode ser o fim de toda a alegria. Se vivesses num meio de escritores davas-te conta de que não é geralmente o talento que lhes falta mas a força física e o equilíbrio nervoso...»

A Academia Sueca oferece-lhe a medalha de oiro do mérito — a terceira mulher no Mundo a receber tal honra! Selma recebe-a pela «riqueza de imaginação, a concepção idealista e a arte cativante com que impõe o seu estilo» — palavras do presidente da academia na sessão solene. A Sociedade de Ciências e Belas Letras de Gothenbourg elege-a seu membro — a única mulher entre noventa e nove homens! Baptizam um navio de turismo com o seu nome. Convidam-na para fazer parte de júris literários onde até aí só tinham entrado homens. E Selma: «Regosijo-me por estar verdadeiramente a abrir caminho às mulheres nas instituições masculinas». Inscreve-se na União para o Sufrágio Político das Mulheres e aceite ser nomeada membro do **comité** em Falun, a fim de tomar parte da reforma da constituição que dará à mulher sueca o direito de voto e a libertará de muitas e seculares opressões.

Do primeiro volume de **A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson** — o livro de leitura para as escolas — fez-se uma edição de um milhão de exemplares: «um livro clássico que devia revolucionar o ensino sendo ao mesmo tempo uma obra de arte». De todos os cantos do Mundo crianças lhe escrevem. Que a obra é traduzida até no Japão onde, num jardim público de Tóquio, se ergue um monumento ao pequeno Nils. Os meninos cegos ingleses lêem-na, emocionados, com as pontas dos dedos.

Pode enfim comprar Morbacka que já passou por vários donos e se acha meio arruinada. No dia do seu quinquagésimo aniversário, as crianças vão lá cantar junto da janela do seu quarto, e os ramos de rosas, vindos de todos os lados, quase a abafam.

ANOS DE GLÓRIA

Aos cinquenta e um anos recebe a consagração definitiva ao nível mundial: o Prémio Nobel.

Na sessão em que o prémio lhe é confiado, o seu discurso marca pela informalidade e a extravagância. Erguendo-se, trémula, vestida de seda cinzenta, a laureada principia: «altezas reais, senhoras e senhores. Há dias, no comboio de Estocolmo...» e conta uma das suas fantásticas histórias: pensara no pai com tanta força que o comboio, em vez de a levar à capital, conduziu-a ao céu. O tenente Lagerlöf lá estava, sentado na cadeira de baloiço, como outrora em Morbacka.

Fiel à sua vocação, Selma a todo o momento disputada para visitas e homenagens, observa: «Querem arrastar-me para a corrente do Mundo. Seria realmente uma maneira de passar alguns anos, mas teria de suspender a profissão de escritora. Ora, escrever é acima de tudo o meu intento». Difícil isolar-se, no entanto, o que, mau grado o seu feitio sociável, a perturba e cansa. Quando viaja pela Finlândia, pela Rússia, as pessoas amontoam-se nas estações para a ver descer do comboio. Os amigos os admiradores, os jornalistas invadem-lhe a casa. Ao ser-lhe entregue o Prémio Nobel tantos são os que escrevem a pedir-lhe dinheiro que, se quisesse atender a todos, ainda ficaria a dever. Sophie Elkan comenta: «Desde que Selma se tornou o rei da Suécia, é uma mulher pobre e infeliz».

A LITERATURA COMO ACÇÃO MORAL

Estala a Guerra de 1914 e durante alguns meses Selma Lagerlöf não consegue escrever, de abalada. Pergunta por que razão os homens se deixam assim arrastar por actos «inumanos, estúpidos e devastadores». Sente escrúpulos de possuir bens materiais e vem-lhe o desejo de vender Morbacka e de distribuir quanto tem pelas vítimas do cataclismo.

Está mais e mais voltada para o mundo do espírito. Se esta vida não passa de uma sucessão de desgraças e os homens se matam uns aos outros, forçoso procurar uma compensação: a eternidade? Escreve a doce e dramática novela **O Cocheiro da Morte**. Escreve **A Lenda do Ninho**, o conto místico de **A Velha Agneta**, essa apaixonada e comovente história, **O Imperador de Portugal** (traduzido em português por **A Saudade de João, Imperador**), onde os dons imaginativos da autora se combinam de forma admirável com a sua teimosa crença nas virtudes do coração. Elabora o primeiro volume de memórias que intitula **Morbacka**. Algumas das suas novelas são adaptadas ao teatro e à ópera. A mãe morre, mas s aus alma visita frequentemente a casa. Selma quase tem agora mais relações com os mortos do que com os vivos. Terminada a guerra, escerve **O Exilado** — um livro que se propõe reformar o Mundo.

O dia do seu aniversário chama todos os anos a Morbacka gente dos quatro pontos do Globo. Para aquentar as audiências, a que por delicadeza não quer faltar, tem de ficar dois dias deitada, toma excitantes, surge no vestido de seda cinzenta, apoiada à bengala, o sorriso de sempre. Aos que lhe falam da sua obra, cujo estilo parece fluir como água corrente, confessa: «não sei como é escrever. Acho que é muito difícil. Uma vez um livro acabado não saberia explicar... Dir-se-ia que outrém o escreveu por mim».

Quando em 1929 o pintor Hanna Pauli vem retratá-la e a baronesa Hoyet lhe porpõe que vista um longo vestido drapeado «para realçar o seu carácter sibilino», Selma manda dizer-lhe pela secretária, Valborg: «Uma criatura absolutamente simples mergulhada em profundas reflexões é quanto basta».

UMA ESPERANÇA E UMA DÁDIVA

E os anos vão passando. E Selma não acredita que um dia poderá deixar de escrever. «Nasci sem beleza e doente... Redimi-me pela escrita». Para os outros, porém, ela é mais do que a romancista, a empolgante narradora, a maior escritora de todos os tempos: é ainda um ser digno de veneração e uma espécie de mediadora dos homens junto das potências terrestres e celestes. Assim lhe encomendam vivos e mortos. Em 1937 uma mulher alemã pede-lhe que rogue pelo marido condenado a fuzilamento. Os moribundos vêem-na em pensamento à cabeceira da cama. Nas vésperas da Segunda Guerra Mundial telefonam-lhe da Finlândia e enviam-lhe mensagens e telegramas para que interceda pela paz. Os políticos, os chefes de Estado nada podem já, mas Selma Lagerlöf, que penetra como ninguém até ao íntimo dos seres humanos e cujos livros alcançaram os confins do Universo, Selma, essa pode tudo. O Mundo tem os olhos postos nela. E a velha sibila de Morbacka lança apelos, assina listas, doa à Finlândia todas as suas medalhas de oiro.

Tem oitenta e um anos: a fronte fortemente riscada de rugas, o sobrolho pesado, a boca uma prega, os olhos uma estreita fresta cor do céu, o ar tranquilo. Escreve a Valborg: «Se ao menos tivéssemos a certeza de que nos tornávamos a encontrar!... Podia morrer sem crer na vida eterna, mas não quero».

Depois de se aconselhar com os espíritos dos seus progenitores, dita o testamento: Morbacka será uma casa consagrada à saudade, que atraírá visitantes, mas será também lugar de distracção e repouso para mulheres idosas, solteiras e fatigadas, que pertençam às duas carreiras que ela pròria seguira: a de professora e a de escritora — mulheres cujas vidas de esforço e solidão ela conhece por experiência.

No dia 8 de Março de 1940 sofre uma hemorragia cerebral. A secretária e a irmã, Gerda, que velam junto do seu leito de agonia, vêem de repente a escritora chorar, desesperada.

A 16 de Março a morte liberta-a de todas as preocupações quanto ao eminente e trágico destino da Humanidade.

Selma Lagerlöf: mais uma vez, o infortúnio vencido pela tenacidade, a criação literária como compensação; mais uma vez, aliada à escrita, a consciência de um dever social a cumprir, no sentido da promoção da mulher, da solidariedade universal, da apz.

MARIA ONDINA BRAGA

Obras da autora traduzidas em Português

A Carroça Fantasma tradução de Leão Penedo Editorial Minerva, Lisboa 1941

Da Vida e da Morte tradução de Cabral do Nascimento, Editorial Minerva, Lisboa 1953

O Exilado Editorial Minerva, Lisboa 1946

Histórias Maravilhosas Editorial Minerva, Lisboa 1952

Infância Editorial Minerva, Lisboa s/d

A Lenda de Gösta Berling tradução de Salvador Saboya, Editorial Minerva, Lisboa 1945

Literatura Sueca, Cura de um Louco tradução de Manuel de Macedo, A Editora», Lisboa 1904

O Livro das Lendas tradução de Pepita de Leão, revista para Portugal por A.Vieira de Areia, Editora Livros do Brasil, Lisboa s/d

A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson Através da Suécia, Porto, Editora Figueirinhas, 1936
2.ª edição, tradução de Maria de Castro Henriques Oswald, Editora Educação Nacional Ld.ª, Porto 1944
3.ª edição, Porto 1948
4.ª edição (1954)
5.ª edição s/d

A Saudade de João, Imperador tradução de Maria de Castro Henriques Oswald, Lisboa, Editorial «O Século», 1937

Os Sete Pecados Mortais tradução de Agostinho de Campos, Portugal-Brasil Editora, Lisboa 1932

«O Soldado que Perseguiu o Menino Jesus», in **As Mais Belas Histórias do Natal**, compilados e traduzidos por Miguel Urbano Rodrigues, pp. 41-60

«Tréguas de Deus», in **Os Melhores Contos Suecos**, compilados e traduzidos por Silva Duarte, pp. 38-52

O Cocheiro da Morte, e outras novelas fantásticas Editorial Estampa, tradução de Maria de Fátima Lourenço Godinho, Lisboa 1975

ÁFRICA AUSTRAL

Frente Patriótica: "pluralismo é luxo e diversão"

A iniciativa de paz anglo-americana para a Rodésia recebeu um severo golpe quando, em Dar-es-Salaam os líderes da Frente Patriótica rejeitaram elementos-chave do plano e classificaram um sistema pluralista para o país como um luxo e uma diversão.

Esta posição da Frente Patriótica surgiu após horas de conversações entre Cyrus Vance (EUA) e David Owen (Grã-Bretanha) e Joshua Nkomo e Robert Mugabe.

As modificações fundamentais reclamadas pela Frente dizem respeito às forças da Polícia (que pretende ter sob o seu controlo), assim como à estrutura e composição de um Conselho de Governo (que funcionaria junto do comissário residente designado pela Grã-Bretanha durante o período de transição que precede a subida da maioria negra ao poder).

Segundo, no entanto, afirmam funcionários americanos e ingleses, «é possível que os líderes da Frente Patriótica voltem à mesa das negociações».

SOWETO

As eleições promovidas pelo Governo sul-africano, este fim-de-semana, no Soweto, só conseguiram levar seis por cento do eleitorado às urnas.

Pretória afirma que o novo Conselho (dezassete elementos) terá poderes executivos e deverá aconselhar a autoridade branca que administra o Soweto.

Os activistas negros, que repudiaram a eleição, pronunciaram-se já contra «essa boa vontade de Pretória». Trata-se, segundo os activistas, «de uma manobra de divisão». Mas dizem «infrutífera, dado que dos sessenta mil só seis por cento votaram...»

ANGOLA

O ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola, Paulo Jorge, que se encontra de visita oficial a Madagáscar, denunciou os ataques a Angola por parte da UNITA.

«Regimes racistas ocidentais (disse) estão a apoiar os ataques da UNITA».

Paulo Jorge declarou ao seu homólogo malgaxe, Rakotoarijoana, acalentar a esperança de que Angola e Madagáscar «desenvolvam mais estreita cooperação».

"Luvas" para Idi Amin e Bongo?

A Comissão Americana de Bolsas e Valores acaba de acusar a «Page Airways» de ter efectuado pagamentos ilegais no estrangeiro, no valor de 2,5 milhões de dólares, nomeadamente aos presidentes Idi Amin e Albert Bongo, respectivamente do Uganda e do Gabão.

A comissão acusa a «Page Airways», empresa distribuidora mundial do birreactor «Gulfstream 2» construído pela «Gruman», de ter oferecido um Cadillac ao presidente ugandês, no âmbito de contratos totalizando 15 milhões de dólares, e de ter pago 200.000 dólares ao presidente do Gabão, sob a forma de uma redução do preço de venda de um daqueles aviões.

A empresa é ainda acusada de ter pago 900 000 dólares a uma companhia controlada pelo ministro de Estado da Malásia e de ter efectuado pagamentos diversos a uma empresa de desenvolvimento e financiamento, da Costa do Marfim.

Outras ilegalidades teriam sido descobertas no âmbito de vendas à Arábia Saudita e a Marrocos.

A «Page Airways» insurgiu-se contra semelhantes acusações e anunciou que se defenderia, em tribunal, ao contrário do que sucedeu com várias outras sociedades acusadas de pagamentos ilegais, pela Comissão e que, regra geral, preferiram chegar a acordos amigáveis com a administração.

ITÁLIA

DC apela à "humanidade" dos raptores de Moro

O partido da Democracia Cristã, que ocupa o poder em Itália, parece ter mudado de táctica em relação ao grupo de terroristas, auto-apelidado de Brigadas «Vermelhas», depois que estes anunciaram ter condenado à morte o presidente da DC, Aldo Moro, sequestrado há um mês.

O jornal da CD, «Il Popolo», afirma em editorial, estar convicto de que aqueles «inimigos de Estado» terão o devido respeito pela vida humana e pouparão Aldo Moro. Ontem o presidente Giovanni Leone (que deveria ser substituído em Dezembro próximo precisamente por Aldo Moro) fez uma firme advertência, declarando que a execução do antigo primeiro-ministro, não serviria qualquer objectivo. Por outro lado, numa mensagem que enviou à mulher de Aldo Moro, Leone escrevia: «Os seus raptores devem sentir o peso da condenação severa de toda a nação e o isolamento que se aperta à sua volta. Poderá o sentido da humanidade levá-los a poupar uma vida, cujo sacrifício nada lhes trará».

Num comunicado emitido no sábado, as Brigadas «Vermelhas» asseveravam que Aldo Moro fora condenado à morte, por ser culpado de crimes contra a «classe trabalhadora». Esse grupo de terroristas, bandeados com a direita desestabilizadora, arrogava-se assim uma representatividade que constitui uma autêntica provocação à classe trabalhadora, a qual, desde a primeira hora, mostrou bem o seu repúdio contra os raptores de Aldo Moro. O PCI, comentando este comunicado, classificava-o de «comunicação cínica de um assassino, totalmente isolado da consciência do povo italiano».

Todos os partidos têm apoiado a intransigência da DC em não negociar com o bando terrorista. Contudo, nos últimos tempos, a DC parece dar sinais de «maleabilidade», defendendo que devem ser exploradas todas as vias para salvar a vida de Moro, sem, no entanto, dizer até onde está disposta a ir. Se o governo Andreotti viesse a submeter-se à chantagem dos terroristas, estaria criada uma grave situação de crise política, um mês depois da viragem histórica registada no país, quando o PCI pela primeira vez passou a fazer parte da maioria de apoio ao governo.

CONFIRMADO PELA "TIME"

Chevchenko e a CIA em contacto há dois anos

Arkady Nicilaievich Chevchenko estava em contacto com os serviços secretos americanos desde há dois anos, antes de decidir, em 7 de Abril desertar para os Estados Unidos, segundo relata o semanário «Time» na sua edição de hoje.

O semanário americano, que cita fontes próximas dos serviços americanos de informação, afirma que o funcionário soviético do Secretariado das Nações Unidas ofereceu, recentemente aos seus contactos vários pormenores sobre os métodos da KGB. Sempre segundo «Time», Chevchenko pediu cem mil dólares (cerca de 4 mil contos) para revelar o nome do serviço americano. FBI ou CIA, que a KGB tentou infiltrar e alimentar com informações falsas.

O funcionário soviético que desempenhava as funções do sub-secretário geral da ONU para os assuntos políticos não tinha ainda recebido qualquer resposta às suas propostas no momento em que desertou, acrescenta «Time». Tinha também indicado aos seus contactos americanos que tinha sido sondado pelos serviços secretos de mais cinco países.

«Está em excelente posição para negociar informações», «declara um agente americano, citado pelo «Time». «É evidente que as informações que nos oferece interessam-nos» acrescenta e sempre segundo o semanário «mas é o presidente Carter que deve decidir se está disposto a pagar o preço pedido».

Desastre ferroviário: 45 mortos

Dezenas de vítimas do desastre ferroviário ocorrido no Sábado perto de Bolonha serão hoje enterradas nesta cidade. O acidente, causado pela lama que se acumulara na via, deu-se quando o «expresso» Veneza-Roma, circulando à velocidade de 100 km/h colidiu com o comboio Lecee-Milão, que se dirigia para o Norte do país.

A polícia declarou que há 45 mortos confirmados, mas que esse número irá decerto subir, pois, apesar de terem já decorrido 48 horas, ainda não foi possível examinar todos os destroços.

Em consequência do acidente (o maior desastre ferroviário registado em Itália nos últimos 16 anos) a maioria dos comboios transeuropeus ficarão encerrados na Itália durante pelo menos três dias (a contar de sábado).

Waldheim no Líbano

O secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, chegou esta manhã a Beirute para conversações com o governo libanês e representantes palestinianos acerca da consolidação do cessar-fogo na região meridional do país. A chegada de Waldheim coincide com uma intensificação do estado de tensão naquela zona entre os residentes cristãos de Metula e o pessoal da ONU, enviados para o Líbano, para depois de Israel ter invadido aquele país. Os cristãos daquela aldeia parecem estar a levantar sérios obstáculos à instalação dos «capacetes azuis».

Fontes próximas da ONU referem que são três os objectivos principais da deslocação de Waldheim: 1-conseguir apoio para aumentar o número e a força do contingente de «capacetes azuis»; 2-obter dos palestinianos o compromisso de que estes cessarão os seus ataques fronteiriços de morteiros contra Israel e cooperação com as forças da ONU; 3-fixar um calendário para a retirada israelita.

Tornado na Índia — 200 mortos

Morreram cerca de 200 pessoas e várias centenas de outras foram feridas num tornado que abrasou cinco aldeias no Estado de Orissa, no Nordeste da Índia, declarou hoje a agência Press Trust of India (PTI).

Numa notícia da capital estadual de Bhubaneswar, a PTI citava funcionários distritais como tendo afirmado que todas as casas nas aldeias haviam sido arrasadas pelo tornado de ontem que durou menos de 10 minutos.

Até agora foram recuperados 60 corpos e mais de 250 pessoas internadas em hospitais no distrito mineiro de Keonjahr, 160 quilómetros a norte de Bhubaneswar, onde ocorreu o tornado.

TELEX TELEX TELEX TELEX

CARTER — Mais de metade dos cidadãos dos EUA entende que o presidente Carter tem exercido mal o seu cargo. Eis a razão por que Carter e os seus colaboradores mais directos entraram ontem em retiro na residência de Camp David. A reunião destina-se a avaliar as causas de tal «desastre» de popularidade. Segundo a Reuter, este «invulgar exercício de introspecção» destina-se a analisar sem complacência a actuação de Carter e a sua aparente ausência de metas bem definidas de longo alcance. A inflação, a queda do dólar e a bomba de neutrões: eis as causas que a Reuter aponta para o facto de Carter contar apenas com o apoio de 46 por cento dos americanos (a taxa mais reduzida obtida por qualquer presidente, à excepção de Gerald Fortd).

UMA «DESCOBERTA» DO «GUARDIAN» — O jornal britânico «The Guardian» escreveu hoje um editorial no qual faz uma «descoberta» digna de registo: «Pinochet **ainda não é um democrata**», apesar das «medidas que tem adoptado para emendar as instituições governamentais». O jornal descobre que Pinochet apenas pretende manter-se no poder e prevê que o mesmo Pinochet nunca chegará a democrata.

VANCE-KISSINGER — A revista norte-americana «Newsweek» entrevistou o actual secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance, e ficou a saber que este se dá muito bem com o ex-(Henry Kissinger) o qual lhe fornece ajudas muito úteis. Uma ou duas vezes por mês Kissinger aconselha Vance — revela a revista.

CEAUSESCU — O presidente romeno, Nicolae Ceauseseu, que neste momento se encontra nos EUA, efectuará uma visita oficial à China no próximo mês de Maio.

TSIRANANA — Pilibert Tsiranana, faleceu ontem num hospital da capital de Madagascar. Tinha 66 anos e foi o arquitecto da independência do seu país do jugo colonial francês. Contudo, a sua actuação, claramente favorável aos interesses neocolonialistas, acabou por o conduzir à deposição (por um golpe de estado militar em 1972).

INDIRA GANDHI — O antigo primeiro-ministro indiano, Indira Gandhi, autorizou a CIA a instalar geradores nucleares nos Himalaias há mais de 11 anos — declarou o ministro indiano dos NE, Vajpayee. De fonte autorizada, soube-se em Washington que os engenhos se destinavam a alimentar uma estação de espionagem dirigida contra a China. Um dos engenhos foi perdido pela CIA, mas o outro foi instalado e resultou.

DIREITOS HUMANOS — Individualidades da esquerda do mundo cultural, político e económico da RFA lançaram ontem um apelo em Hanover para a formação de um movimento de defesa dos direitos humanos no país.

BOLÍVIA — Os cinco partidos da esquerda boliviana que apoiarão a candidatura do ex-presidente Siles Zuazo à presidência assinaram um acordo de constituição da FUDP (Frente de Unidade Democrática e Popular).

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

PASSAPORTES
Aviso Importante
Os passaportes tirados há cerca de 5 anos ou mais deverão ser-nos enviados para obtenção de novos
agencia abreu
LISBOA Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341

A OPEP vai reunir-se no dia 4 de Maio

A reunião da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) adiada no princípio deste mês em Genebra vai efectuar-se no próximo dia 4 na cidade saudita de Taif escreve o «Middle East Economic Review». O semanário afirma que na reunião irão ser tratados vários assuntos, incluindo possivelmente a queda do dólar nos mercados de câmbio, mas que nenhuma decisão será tomada. A preocupação com a situação do dólar e as divergências no seio da OPEP quanto à solução a dar ao caso para evitar mais prejuízos dos produtores terão estado na base do adiamento da reunião anterior.

CONGRESSO DA FSM

Defendida a unidade do movimento sindical

A unidade do movimento sindical internacional dominou as intervenções da primeira jornada dos trabalhos do IX Congresso da Federação Sindical Mundial (FSM), que ontem se iniciou em Praga. Participam nos trabalhos mais de 1100 delegados em representação de cerca de 260 milhões de trabalhadores de 140 países.

A FSM é uma confederação sindical, de âmbito mundial, que agrupa as centrais sindicais do mundo socialista, além de diversas centrais do Terceiro Mundo e do mundo capitalista.

O dirigente checoslovaco, Gustav Husak, assistiu à cerimónia de abertura do Congresso (cujos trabalhos se estenderão por sete dias). O presidente soviético, Leonid Brejnev, enviou uma mensagem aos congressista, defendendo o fim da corrida aos armamentos, e responsabilizando as forças agressivas do imperialismo pela sua escalada.

No discurso que proferiu na sessão inaugural, o presidente da FSM, Enrique Pastorino, previu que este será o congresso mais importante da história da organização e que nele se discutirá principalmente a unidade do povo trabalhador na luta anti-imperialista e o papel dos sindicatos na luta pela paz e segurança.

O secretário-geral da CGT francesa, Pierre Gensous, afirmou, por sua vez, que a unidade do movimento sindical internacional é um dos imperativos actuais, ao qual as organizações sindicais não podem fugir por muito tempo, sob pena de se esclerosarem.

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"O Testa de Ferro" de Martin Ritt

FICHA:
Título original: The front
Realização: Martin Ritt (USA-1976)
Argumento: Walter Bernstein
Fotografia: Michael Chapman
Música: Dave Grusin
Cenários: Charles Bailey
Montagem: Sidney Levin
Interpretação: Woddy Allen (**Howard Prince**), Zero Mostel (**Hecky Brown**), Herschel Bernardi (**Sussman**), Michael Murphy (**Alfred Miller**), Andrea Marcovici (**Florence Barrett**), etc.
Distribuição em Portugal: Columbia Warner
Cinemas: Castil e Quarteto sala 3
Classificação: Não acons. men. 13a.
Duração: 95 minutos

Sobre a «caça às bruxas» de McCarthy havia, por certo, um filme a fazer. Não só porque o início dos anos 50 é uma época histórica fulcral como porque a histeria anticomunista foi particularmente feroz nos meios cinematrográficos. Muitas histórias para contar sobre esse período atroz (de que foram vítimas, entre centenas de outros, homens como Losey, Trumbo, Rossen e alguns dos nomes que fazem este filme Martin Ritt, Walter Bernstein, Zero Mostel, Herschel Bernardi, por exemplo). E curioso, porém, que nunca, até agora, o cinema tenha abordado, de frente e por inteiro, a actividade da Comissão de Actividades Antiamericanas; compreende-se, contudo: muitos dos homes que a compunham (Nixon, para não irmos mais longe) estão ainda bem colocados na administração americana, muitas da vergonhas, dos equívocos e das traições estão vivas e saudáveis. Qualquer filme tratando as coisas pelos nomes estaria por isso sujeito ao calvário eterno das interdições, dos obstáculos, dos processos judiciais. Da fogueira ainda resta o borralho e melhor é não mexer.

O testa de ferro é, por isso, na sua honestidade de processos, um filme limitado e que corre mesmo o risco de ser reconfortante e apaziguador. Narrando o caso de um pobre caixa de bar que empresta o seu nome a argumentistas colocados na lista negra pelas suas convicções ideológicas, o filme de Ritt fica-se por uma certa amargura, por uma raiva que envelheceu e se cansou, por uma memória que guarda apenas o sinal de passadas humilhações redimidas por um **happy end** que se conhece à partida.

Talvez por isso o fulcro deste filme esteja deslocado do lugar em que afirma estar. Talvez por isso o **mccarthysmo** seja apenas uma cortina para falar de um homem (Howard/Woody Allen) que sofre uma trajectória em que se despessoaliza (o «escritor» que finge ser é uma máscara que o impede de entrar em comunicação com o mundo, antes de tudo com a mulher que ama) e no fim da qual se reencontra. Essa despessoalização (que passa pela alteração radical de uma linguagem, de um modo de vida, de uma casa, de amigos) é no fundo o aspecto mais conseguido do filme e o seu verdadeiro drama. Não é, portanto, a um processo de tomada de consciência política ou ideológica que assistimos mas uma busca do «eu», de uma identidade, em alguém que a alugara e, nesse acto, a alienara. Sobre a «caça às bruxas» de McCarthy há ainda, por certo, um filme a fazer.

Portugal colabora com TV francesa

..«Mosaique» é um programa semanal de duas horas da ORTF (Televisão Francesa) que a França dedica aos imigrantes. E transmitido aos domingos entre as 10 e as 12 horas, dispondo — segundo sondagens recentemente promovidas — de uma vasta audiência popular, muito perto dos quatro milhões de pessoas. Metade dessa audiência é constituída por imigrantes e suas famílias.

Além do espectáculo (folclore, música, dança), «Mosaique» ocupa-se também de temas sociais que interessam ao imigrante, nomeadamente a assistência médica e social, escolarização, inserção da mulher na sociedade, prática desportiva e outros.

Uma equipa do departamento do ICEI (Information, Culture e Immigration) francês, chefiada pelo director-geral daquele organismo, Francis Bouquillon, encontra-se desde anteontem em Portugal para assistir ao acabamento de um filme de 90 minutos com o título «Lisboa-Primeira Página», que será transmitido pelo «Mosaique» em 21 do corrente.

Portugal entrou para o programa em Maio do ano findo, enviando regularmente para o «Mosaique» pequenos filmes de seis minutos produzidos pelo SIAC (Serviço de Informação e Apoio Cultural, dependente, como é óbvio, da Secretaria de Estado da Emigração), dirigido pelo dr. Manuel Arias em colaboração com Maria João Seixas, directora de produção da equipa TV/Cinema daquele serviço.

A partir de agora, a colaboração de Portugal constará, uma vez por mês, de um programa integral, juntamente com Marrocos, Tunísia e Argélia, países fortemente representados na imigração francesa.

Vanessa activista política

A actriz britânica Vanessa Redgrave, que obteve o óscar pela sua interpretação do filme «Júlia», encontra-se em Londres para participar na campanha eleitoral do seu irmão, candidato do partido revolucionário dos trabalhadores, pelo distrito de Lambert.

Durante um comício realizado no aeroporto de Heathrow a actriz declarou que o actual governo trabalhista no poder tem sido um dos mais traiçoeiros para a classe trabalhadora. Vanessa milita no Partido Revolucionário dos Trabalhadores há cinco anos.

"A cidade e a criança"

«A cidade e a criança» será o tema das actividades a organizar pela Associação dos Pioneiros de Portugal para a comemoração do Dia Mundial da Criança, que se realiza a 1 de Junho. A cidade escolhida é Lisboa.

As actividades que estão a ser desenvolvidas visam lançar um alerta para a falta de espaços verdes, creches, etc., valorizando os aspectos positivos, como sejam a existência de equipamentos, parques, museus e ainda centros culturais, com vista a propor um melhor aproveitamento dos mesmos.

As actividades, que se prolongarão de 1 a 4 de Junho, incluem, além de provas ao ar livre, a apresentação de coros infantis, uma exposição de desenhos e um concurso de fotografias sob o tema «A cidade e a criança», com o qual se pretende preparar a criança para a busca dos meios de transformação da realidade de forma a banir os aspectos negativas da mesma e a tornar-se um adolescente menos vulnerável.

As fotografias destinadas a concurso deverão ser entregues até ao próximo dia 20 de Maio na Avenida, D. Pedro, V, 17, esquerdo, em Linda-a-Velha.

"Alto e Pára o Baile!" vai ao Porto

Oito meses em cena: incontestavelmente um título de orgulho para a revista «Alto e Pára o Baile», em últimas representações no Teatro Maria Vitória antes de partir à conquista do Porto. Joel Branco e a alegria de um «jovem veterano» que é, indiscutivelmente, a figura de resistência dos «compères» revisteiros (Eugénio Salvador) são pedras angulares de um elenco que também inclui Henrique Santana, Delfina Cruz, Verónica e Cidália Moreira. «Alto e Pára o Baile» tem texto da autoria de Henrique Santana, Eugénio Salvador e Augusto Fraga, música de Frederico Valério, João Vasconcelos e Jorge Machado, coreografia de José Luís Ardís, montagem de Hernâni e Rui Martins, para além de figurinos por Juan Soutullo.

RN
EXCURSÕES AO ESTRANGEIRO
Você que organiza excursões conte connosco.
O AUTOCARRO é o mais económico e versátil meio de transporte para viagens de grupo.
Damos-lhe a oportunidade de conhecer o estrangeiro com os seus amigos pondo à sua disposição a maior e melhor frota do País
RESERVE JÁ O SEU AUTO-PULLMAN
INFORMAÇÕES E RESERVAS:
CEP 10 - RN.
Av. Casal Ribeiro, 18-B 5.º piso
Tel. 57 06 56/57 77 15

TEATRO ABC
Tel. 366745
Hoje e todas as noites às 20.30 e 22.45
Aos Domingos Matinée às 16
Os Cães Ladram e a Caravana Passa...
(Provérbio Popular)
SÉRGIO AZEVEDO apresenta:
A REVISTA QUE CERTOS "DEMOCRATAS" QUEREM FAZER CALAR...
põe-te na bicha

ORIGINAL DE: E. DAMAS
CARLOS COELHO e OCTÁVIO DE MATOS
MUSICA DE: MANUEL PAIÃO
THILO KRASMAM e NUNO NAZARÉ FERNANDES

FLORBELA
Grande criação em «Retrato»

ANTÓNIO CALVÁRIO
No grande sucesso «Mocidade, Mocidade»
OCTÁVIO — ANABELA — HERMAN e VERA
no já célebre quadro
BAIRRO DAS MINHOCAS
AOS SÁBADOS, ÀS 16 HORAS
«FIM DE SEMANA»
Passatempo musical c os melhores artistas Nacionais

Hoje

Paulo José em «O Casarão»

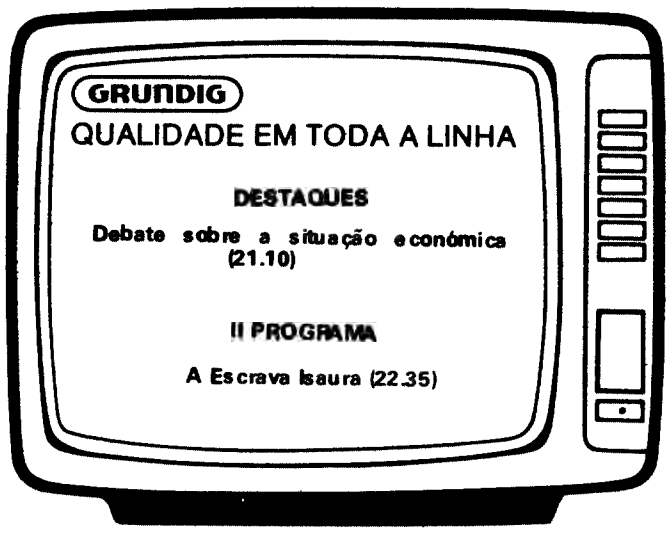
I PROGRAMA

18.25 **Telejornal** — 2.ª edição.
18.30 **As Aventuras de Tom Sawyer** — «Testemunhas Invisíveis».
Intérpretes: Roland Demongeot; Marc Di Napoli; Maurice Teynal e Jacques Bilodeaw. Realizador: Wolgang Liebeneimer. Baseado no romance de Mark Twain.
19.00 **Inglês a Sorrir** (Iniciação).
19.30 **Cientificamente.**
20.00 **Telejornal** — 3.ª edição.
20.35 **O Casarão** — Comportamentos, conflitos e problemas de cinco gerações da mesma família. Episódio n.º 76 da Telenovela de Lauro César Muniz. Realização de Daniel Filho. Produção da Central Globo de Televisão.
21.05 **Boletim Meteorológico.**
21.10 **Debate** — «A Situação Económica».
23.20 **Telejornal** 4.ª edição.
23.30 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

22.00 **Telejornal**
22.35 **Escrava Isaura** — Em repetição, o 38.º episódio
23.05 Fecho.



Amanhã

I PROGRAMA

...**12.10:** Música para o almoço — «A Country Music no Mundo». **12.40:** Escrava Isaura — episódio n.º 41. **13.15:** Telejornal — 1.ª edição. **13.30:** Ciclo Preparatório TV. **18.25:** Telejornal — 2.ª edição. **18.30:** As Aventuras dos Hardy. **19.25:** O Retrato. **20.00:** Telejornal — 3.ª edição. **20.35:** O Casarão — episódio n.º ''. **21.05:** Boletim Meteorológico. **21.10:** Canções do Festival da Eurovisão-77. **21.40:** Baretta — episódio n.º 19. **22.30:** Primeiro Plano. **23.25:** Telejornal — 4.ª edição. **23.30:** Fecho.

II PROGRAMA

...**22.00:** Telejornal. **22.40:** Escrava Isaura (repetição do episódio n.º 39). **23.00:** Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

Ó MESTRE ANDRÉ!, É PRECISO ARRUMAR A LOJA.

Ao fim de tanto, tanto tempo de vãs esperas, as crianças parece que vão ter o programa dominical correspondente à sua natureza de «**público de ouro**» Essas eram, pelo menos, as intenções que terão presidido à elaboração da «Loja de Mestre André.»

Nesta segunda emissão ficaram ainda por cumprir essas boas intenções. O programa conta, sem dúvida, com dois apresentadores talhados para aquela função: Carlos Queirós e Maria N'Zambi estão no seu elemento, isto é visível na naturalidade, na alegria, na presença nunca destruidora ou açambarcadora. Outras participações como na **Porta aberta**, no concurso (ainda não liberto de um certo artificialismo) nas entrevistas com jovens atletas ou artistas, na própria ideia da «Cidade do Catavento», embora mal organizada, na qualidade dos artistas convidados, etc, justificam a possibilidade de vir «A Loja do Mestre André» a criar raízes de amizade na audiência infantil e juvenil.

É notória, porém, a falta de ritmo do espectáculo. Respira-se, por outro lado, uma certa frieza quer na sala, quer no palco. Em resumo: na **Loja de Mestre André** ainda não há comunicação, participação, adesão do público juvenil. Os responsáveis terão de pôr a funcionar a inventiva, a imaginação. Carlos Queirós Maria N'Zambi devem falar menos e fazer andar mais. Como no futebol, é a bola que deve correr e não os jogadores.

Para isso, está claro, precisam de material. Não basta conversar com um atleta: seria espectáculo vê-lo em acção. Há que recorrer a números de circo. Há que pôr a plateia a cantar (isso poderia ter sido feito com a Sheila, por exemplo) e isto não para fazer demagogia, mas para fazer convívio. Há que procurar a participação da plateia, pois o gelo da sala contagia o palco. Porque não um concurso colectivo? Isto contribuiria muito para o próprio interesse do espectáculo televisual.

Há que variar mais vezes os «flancos» do jogo, aumentar o número de convidados, dar preferência ao humor enquadrando uma visão crítica mas sem prescindir da sua qualidade de jogo. Porque a **Loja de Mestre André** não está a prender os telespectadores mais pequenos. Não merecem isto os artistas e outros participantes no programa. Falta ali, como direi... Falta ali um pouco mais de sal da fantasia. Para as crianças, o sério quer-se a brincar e a brincadeira quer-se a sério.

Sem pretender, de modo nenhum, definir comparações (descabidas, até, porque se trata de linguagens diferentes) seria bom que os responsáveis da programação infantil da RTP assistissem ao «**Ai, ai, ai minha machadinha**» que a oficina de Teatro e Comunicação realiza na salinha da Praça José Fontana. Estamos em presença de um prodigioso trabalho para crianças, simultaneamente divertido, formativo e didáctico: ao mesmo tempo que se faz teatro, **ensina-se** à criança **como** se faz teatro, é uma escola **sem** escolástica, é um aprender com os olhos despertos e descontraídos. Ali, há teatro dentro de teatro — e as poucas palavras utilizadas permanecem na memória infantil, talvez mesmo porque são poucas. As escolas deste País e os adultos deste País (talvez estes principalmente...) tirariam grande proveito com uma visita à «Machadinha». Nunca se é suficientemente adulto para perder a esperança de voltar a aprender a ser menino.

Quanto à **Loja do Mestre André** da televisão, toda a expectativa permanece de pé. Há que acertar agulhas, abrir mais caminhos. A experiência fará o resto.

AÇORES: A TV NÃO DRAMATIZA

Não se pode dizer que a televisão portuguesa se mostre muito preocupada com as agressões de que foi alvo Almeida Santos em S. Miguel. Falou do assunto, isso falou. Nem se esqueceu de ouvir Mota Amaral e de recordar as suas palavras de que não devemos dramatizar o caso.

Claro que não. Ora essa. A falta de liberdade, os ataques à democracia e à integridade de Portugal são pormenores sem grande importância, n'é? A FLA organiza-se, atenta, aterroriza, expulsa, espanca, reduz outras forças democráticas à vida na clandestinidade, mas enfim, que diabo, lá por causa disso não vamos dramatizar...

Um pândego, este Mota Amaral. Uma pândega, esta televisão. E se calhar, se se tratasse doutro personagem que não um ministro, talvez mesmo a televisão nem se dignasse referir o facto.

Tudo se passa como, mesmo sem grande sobressalto, o telejornal reparasse pela primeira vez que a democracia ainda não tinha chegado aos Açores... Até hoje a televisão tem silenciado completamente todos os atropelos à legalidade democrática praticados no arquipélago. Surda-muda. Televisão «honrada» não tem ouvidos.

E no entanto, há meses, há anos, que outras forças democráticas têm vindo a denunciar a estranha vida fascista que alguns indivíduos pretendem impor em terras dominadas pelos homens do PPD, também conhecido no meio por PSD. Mas os serviços de notícias da televisão não fazem caso, vivem longe coitados. Ainda há dias, no Pavilhão dos Desportos, a situação nos Açores foi exposta com extrema clareza. Pois a televisão não quis saber disso para nada...

Por aqui podem os portugueses ver o que lhes sucederia se acaso o PSD realizasse aqui o seu conceito de Liberdade — conceito que tivemos dezenas de anos para aprender — e sofrer. Por aqui também se vê como o governo P(CD)S se mostra incapaz de assegurar a legalidade democrática em todo o País. Parlapiê têm eles — entretanto a reacção, o golpismo, o antipatriotismo vão ganhando descaramento.

O Governo especializou-se em pacotes. Mas a gente não se deixa ir no embrulho.

ADÓQUE teatro
Tel. 874476
Ora vê lá tu!
SÓ ATÉ AO FIM DO MÊS!
Atenção aos horários:
DE SEGUNDA A QUINTA-FEIRA ÀS 21.30
ÀS SEXTAS E SÁBADOS ÀS 20.30 E 22.45
NO DOMINGO ÀS 16 E 21.30
FOLGA ÀS QUARTAS-FEIRAS
BREVEMENTE
ROUPA VELHA
REVISTA DE REVISTAS
SÓ P'RA RIR!

Ser técnico de Rádio é triunfar na vida.

É optar por uma das profissões mais lucrativas, agora muito facilmente ao seu alcance graças a um curso do Centro de Instrução Técnica, uma entidade especializada no Ensino de Electrónica, Rádio e TV.
Os nossos cursos estão estruturados segundo as mais comprovadas técnicas de ensino à distância e são acompanhados de numerosas experiências práticas e duma eficaz assistência pedagógica permanente.
Em poucos meses V. montará rádios, transístores e até um televisor. Problemas de reparação e montagem não mais terão segredos para si.
Seja um técnico de Rádio e Electrónica qualificado e bem pago!

ainda hoje preencha, destaque e envie este cupão: Grátis e sem compromisso, enviem-me completa informação sobre o curso que assinalo com X
ELECTRÓNICA RÁDIO-TV — PROGRAMAÇÃO COBOL — CONTABILIDADE — INGLÊS
TELEVISÃO — ORG ADM EMPRESAS — DESENHO TÉCNICO — FRANCÊS
TRANSÍSTORES — CORTE E CONFECÇÃO — CULTURA GERAL
CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA
R. D. Estefânia, 32 1º Lisboa 1
a preencher pelos nossos serviços 1 11 05

TV MARCELO
SERVIÇO PERMANENTE
(INCLUINDO SÁBADOS E DOMINGOS)
Repara em sua casa até às 24 horas todas as marcas com garantia
LISBOA E ARREDORES
TELEFONE JÁ!
644097-643525-641202-659118/9/0

Modalidades em desfile

ANDEBOL

Encarnação e CACO (zona Sul), mais o Sporting de Braga e o Desportivo de Portugal (Norte) baixam da 1.ª para a 2.ª divisão do andebol. Na última ronda da fase preliminar do campoenato nacional verificaram-se os seguintes «placards»: Zona Norte: Académico-Sp. Braga, 31-20; S. Bernardo-Desp. Portugal, 23-20; Ac. S. Mamede-Beira-Mar, 25-17; F. Holanda-Desp. Póvoa, 16-15; Vilanovense-FC Maia, 23-13; e FC do Porto-FC Gaia, 21.-17.

Zona Sul: C. Branco-Almada, 17-13; V. Setúbal-Belenenses, 28-36. Sporting-CDUL, 38-23; Oriental-Passos Manuel, 15-13; Caramão-Encarnação, 20-11; e Campo de Ourique-Benfica, 25-36.

Clubes na etapa decisiva: FC. do Porto e Académico (Norte) Sporting e Belenenses (Sul).

TÉNIS DE MESA

As equipas do Paço de Arcos (1.ª divisão). Alunos de Apolo (2.ª) Operário (3.ª), Padaria do Povo (4.ª) e Concentração Musical (5.ª) são campeãs seniores de Lisboa, em ténis de mesa.

ESGRIMA

Pedro Levy e Paizano Afonso são os esgrimistas campeões nacionais, respectivamente, em florete e espada, dentro das categorias de praticantes com menos de 20 anos de idade.

HÓQUEI EM CAMPO

Lisboa venceu o Porto, em hóquei em campo: 1-0 e 3-1 em dois jogos interjuniores.

RÂGUEBI

A turma râguebística de Agronomia conquistou a «Taça de Portugal» (batendo o Belenenses no último minuto da partida: 10-9). Em juniores, o CDUL é titular, ao empatar com Académica de Coimbra (a zero pontos).

Sob a direcção (irregular) de José António Alvarez, as equipas que disputaram a final de seniores formara e marcaram: Agronomia: Nuno Lynce (3), P. Reis e Saraiva Lima (3.4) Cardoso Pinto e Consciência; Duarte Lynce e Albergaria; Campelo, Sequeira e Pimentel; Alho e Caldas; Ramada Curto; Gameiro e Alhinho.

Belenenses: M. Costa Roxo (4) e Baptista, Spínola e Luis Reis, Anibal Miranda, (2.3) e Machado, Moniz Pereira, Gomes e Guerreiro, Salgueiro e Paquete, Matos Lopes, António Miranda e Pedro Gaspar.

TOTOBOLA
A chave

Marítimo Benfica	2
Portimonense Académico	1
Espinho Braga	1
Boavista Setúbal	X
Varzim Estoril	X
Guimarães Porto	2
Belenenses Feirense	1
Sporting Riopele	1
Sanjoanense Fafe	1
Cartaxo Beira Mar	2
U. Coimbra Portalegrense	1
Olhanense Atlético	1
Sesimbra Farense	1

Os cem pontos «leoninos» apareceram no último meio minuto da única partida de basquetebol (entre Sporting e Barreirense) disputada em Lisboa

BASQUETEBOL
Sporting e Figueirense ainda invictos no "Nacional"

Os cem pontos do Sporting (contra 69 do Barreirense) nasceram deste lance. O encontro entre «leões» e barreirenses não foi, todavia, o mais emocionante (nem importante) das duas jornadas que este fim-de-semana comportou, merecendo essas atenções o Ginásio Figueirense-Benfica. Os ginasistas passaram quase todo o tempo em desvantagem, não sabendo como «desvincular» Eustácio da primorosa marcação que lhe fez Robalo, o melhor jogador benfiquista. Além disso, não teve em Dionísio (pouco inspirado e «trapalhão»), o meia-distância que as circunstâncias requeriam.

Assim, com a igualdade a imperar ao fim do tempo regulamentar, foi necessário recorrer a prolongamento, vindo a equipa que menos o merecia (o GF) a impôr-se por um ponto à maior (79-78), o que não sucedera na partida que os campeões tinham efectuado com o Académico de Coimbra, que venceram (facilmente) por 107-83, mercê de um ritmo rápido que Eustácio, Jóia, Dionísio e Almeida souberam imprimir e aproveitar.

Vejamos os resultados das jornadas: Sangalhos-Benfica, 78-56; Ginásio Figueirense-CAC, 107-83; Sangalhos-CAC, 103-90; Ginásio Figueirense-Benfica, 79-78 (após prolongamento, 70-70 no tempo regulamentar) e Sporting-Barreirense, 100-69. Classificação após a dupla jornada: 1.ºs Sporting e Ginásio Figueirense, 6 pontos; 3.ºs Benfica, Académico e Sangalhos, 5; 6.º Barreirense, 3. Académico e Benfica têm mais um jogo.

G. Figueirense e Sporting comandam com vitórias (ambos com seis pontos), entre os primeiros, enquanto que o FC do Porto, o CDUP, o Atlético e o Algés parecem, na Série B (apuramento do 7.º ao 12.º lugar), preparados para evitar a despromoção.

NACIONAIS DE FUTEBOL
Domingo de pausa para guerreiros do golo

Enquanto o Feirensé é mais último, Porto e Benfica ficam mais primeiros: a derrota bracarense em Espinho permitiu cavar fosso maior entre as esperanças minhotas e a porta europeia via-campeonato.

Jornada 23 do torneio futebolístico de primeira apanha, deu os desfechos seguintes: Guimarães, o-Porto, 1; Marítimo, 0-Benfica, 1; Sporting, 2-Riopele, 1; Boavista, 0-Setúbal, 0; Portimonense, 1-Académico, 0; Espinho, 1-Braga, 0; Belenenses, 2-Feirense, 0 e Varzim, 0-Estoril, 0. Magra colheita de golos: nove. Quase um negativo «record» de produtividade.

A tabela pontual ficou ordenada deste modo:

F.C. Porto, 40 pontos; Benfica, 39; Braga, 30; Sporting, 29; Belenenses, 29; V. Guimarães, 24; Académico, 21; V. Setúbal, 21; Boavista, 21; Varzim, 20; Estoril, 17; Espinho, 17; Marítimo, 16; Portimonense, 16; Riopele, 16; e Feirense, 12.

Domingo, é dia das meias-finais da «Taça de Portugal»: Varzim-Sporting e Porto-Braga. 24.ª jornada (dia 30): Académico-Benfica, Sp.-Braga-Portimonenses, V. Setúbal-Espinho, Estoril-Boavista, F.C. Porto-Varzim, Feirense-V. Guimarães, Riopele-Belenenses e Sporting-Marítimo.

SECUNDÁRIOS

Aceleram os torneios zonais da 2.ª divisão. Resultados na zona Norte: P. Brandão-Régua, 1-1; Famalicão-Rio Ave, 0-0; Sanjoanense-Fafe, 3-0; Aliados-Vianense, 0-0; U. Lams-Penafiel, 1-0; G. Vicente-P. Ferreira, 2-1; Chaves-Lourosa, 3-1 e Vila Real-Leixões, 2-3.

	V	E	D	G	P
Famalicão...	15	7	1	49-12	37
Aliados.....	11	7	5	26-21	29
Fafe........	10	7	6	25-18	27
P.Ferreira..	10	4	9	26-29	24
Rio Ave.....	6	12	5	19-19	24
Chaves......	7	9	7	25-26	23
P.Brandão...	8	7	8	27-28	23
Vianense....	8	7	8	24-28	23
Penafiel....	8	7	8	29-33	23
Leixões.....	8	6	9	30-30	22
U.Lamas.....	7	8	8	24-28	22
Régua.......	8	4	11	31-34	20
Lourosa.....	7	5	11	31-32	19
Sanjoanense.	6	7	10	15-20	19
Gil Vicente.	5	7	11	18-29	17
Vila Real...	5	6	12	22-34	16

ZONA CENTRO: Cartaxo-Beira-Mar, 0-1; U. Leiria-Covilhã, 2-1; E. Portaleg.-Peniche, 2-1; Ac. Viseu-U. Santarém, 0-0; Sintrense-U. Tomar, 1-1; U. Coimbra-Portaleg., 1-0 E Águeda-Marrazes, 2-2.

	V	E	D	G	P
Beira Mar...	15	6	2	39-13	36
Ac.Viseu(a).	12	6	4	43-22	30
U.Tomar.....	10	8	5	22-13	28
Portalegren.	10	7	6	30-20	27
E.Portalegre	11	4	8	35-26	26
Marinhense..	9	7	7	28-26	25
U.Santarém..	8	8	7	24-19	24
Peniche (a).	7	9	6	28-26	23
U.Leiria (a)	8	7	7	25-28	23
Covilhã.....	9	3	11	22-30	21
Mangualde...	6	9	8	18-28	21
U.Coimbra...	6	8	9	18-23	20
Águeda (a)..	5	9	8	19-21	19
Marrazes....	4	8	11	18-35	16
Cartaxo.....	5	3	15	16-36	13
Sintrense...	4	4	15	18-37	12

(a) Têm um jogo a menos

ZONA SUL: Montijo-Odivelas, 3-0; Olhanense-Atlético, 2-1; V. Gama-C. Piedade, 0-1; Barreirense-Nacional, 7-0; Juventude-Lusitano, 1-0; Almada-Luso, 3-0; Amora-CUF, 0-0; e Sesimbra-Farense, 2-0.

	V	E	D	G	P
Barreirense.	14	6	3	43-17	34
Juventude...	12	7	4	46-21	31

Atlético....	12	5	6	37-25	29
Montijo.....	10	7	6	41-28	27
CUF (a).....	9	7	6	28-20	25
Farense.....	8	9	6	33-26	25
Amora.......	8	9	6	31-27	25
Olhanense...	10	4	9	26-22	24
Almada......	8	8	7	24-33	24
C.Piedade...	7	8	8	21-34	22
Lusitano....	4	10	9	20-25	18
Sesimbra....	6	6	11	17-24	18
V.Gama......	7	4	12	31-41	18
Odivelas....	6	6	11	20-40	18
Nacional (a)	4	7	11	18-32	15
Luso........	4	5	14	15-38	13

(a) Têm um jogo a menos

Na 3.ª divisão, Série A: A. Valdevez-Mondinense, 3-1; Joane-Cabeceirense, 0-2; M. Cavaleiros-Vizela, 1-0; Tirsense-Monção, 5-1; Limianos-Rib. Pena, 6-0; Tadim-Desp. Aves, 0-1; M. Fonte-Mirandela, 0-2; e Prado-Bragança, 1-0. **Guia**: Desp. Aves, 37 pontos.

Série B: Arrifan-Valcambren., 2-1; Paredes-Sampedrense, 4-1; Salgueiros-Amarante, 1-0; Avintes-Cucujães, 2-0; Oliveirense-Bustelo, 1-0; Perosinho-Vilanov., 3-0; Leverense-Infesta, 1-0 e Lamego-Framunde, 1-0. **Guia**: Salgueiros, 37 pontos.

Série C: Carapinheira-O. Bairro, 1-2; Gonçalense-Tocha, 2-1; Alba-Ançã, 4-1; Naval-Febres, 0-1: Modelos-Tondela, 0-0; Marialvas-Vis. Benfica, 2-0; Covilhã Benf.-Gouveia, 0-2; e Anadia-Guarda, 2-0. **Guia**: Oliv. Bairro, 36 pontos.

Série D: Matrena-Torriense, 1-1; Nazarenos-Batalha, 4-0; Desp. C. Branco-Eléctrico, 0-0; Amiense-Lousanense, 2-0; T. Novas-Alcanen., 0-0; Caldas-Bombarral, 3-0; Cond-Benfica, C. Branco, 2-2; e Almeirim-Alcobaça, 2-1. **Guia**: Caldas, 37 pontos.

Série E: Oriental-Campomaior, 3-1; Bucelens.-Sacavenens., 1-0; Elvas-Borbense, 4-0; Desp. Olivais-Vitória Lx.ª, 2-1; Souselense,-P. Pinheiro, 1-1; Benavente-S. L. Olivais, 0-0; Alverca-Elvenses, 4-1; e Casa Pia-Loures, 2-1. **Guia**: Elvas, 37 pontos.

Série F: Desp. Beja-U. Montemor, 0-0; Quarteira-Seixal, 0-0; C. Caparica-Rosarense, 2-1; A. Reguengos-Aljust., 1-2; Alcochet.-Serpa, 4-1; 1.º Maio Saril. - U. S. Cacém, 2-2; Paio Pires-Silves, 2-0; e Esperança-M. Olhanense, 1-0. **Guia**: 1.º Maio Sarilhense, 30 pontos.

JUNIORES

O Benfica é campeão nacional de juniores, após bater o Oliveirense (2-1) e o Porto derrotar o Bucelense (8-0). Tabela final do torneio: Benfica, 10; Porto, 9; Oliveirense, 3; Bucelenses, 2.

Jorge: nas suas mãos, a garantia de um ponto

REAL CAMPEÃO ESPANHOL

Beneficiando da derrota do Barcelona (batido em Gijon, por 1-0) o Real Madrid (que derrubou o Cádiz por 2-0, atirando-o irremediavelmente para a 2.ª divisão) é virtual campeão de Espanha, a três jornadas do fim da competição.

PORTIMONENSE, 1-ACADÉMICO, 0
"Romaria da Saudade": Nelson a "fogueteiro"

MARCELINO VIEGAS

Portimão tinha, a meio da tarde de ontem, um aspecto muito feliz e, ora vejam lá, um ar de romaria para o futebol. Gente da terra e redondezas, que ia agradecer à sua equipa o pontinho ganho frente ao Benfica, pedindo mais dois. Gente que vinha de fora, muito «sôr» doutor, em ar de confraternização saudosa da juventude de passada lá por Coimbra à vista da «Briosa» que, na circunstância, estava agora ali no bem tratadinho Estádio do Portimonense.

Era «festa» para duas disposições diferentes a da casa e a forasteira, que, na prática, e curiosamente lá dentro das quatro linhas, se traduziria também por duas orientações distintas: os «académicos», em passo lento, com Rui Rodrigues atrás da barreira defensiva, e a linha média, onde pontificava Gervásio, muito reduzida àquela, deixando o contra ataque entregue à velocidade de Costa ou à irrequietude e bons pes de Freitas; os algarvios, muito nervosos com o «exame» proposto ante o seu público, actuando em linha na defesa e atacando em molho. Só que o «miolo» algarvio, desarticulado pela distância defesa/ataque, e desequilibrado pela velocidade que urgia empreender a fim de contrariar o posicionamento do adversário, não «dava meia para a caixa», excepção feita a Tião.

Nélson é que não andava ali para ver o «comboio parado». Queria «festa» de palmas e golos. E vá de vir atrás e ir à frente o pequeno grande jogador, num frenesim de grande merecimento, a «pegar fogo» no jogo. Jogador de corpo inteiro, a despeito da sua pequena estatura. Nélson seria ontem mais do que isso homem que voa. Por três vezes o azougado dianteiro que, dos juniores do Benfica desceu a Portimão, «planou» ao encontro do couro. A terceira foi de vez: Diamantino investiu pela esquerda, cruzou, Hélder sacudiu a bola com um golpe de rins, e o ex-encarnado, lesto, cabeceou para as malhas. Iam decorridos 65 minutos. O público delirou. A vitória do Portimonense, várias vezes esboçada até aí, e sempre negada, ora pela trave (7,44 e 62 minutos), ora pela má sorte de Arnaldo e de Nélson também, assentava justamente na equipa que mais a procurou que não no conjunto melhor entrosado em campo. Pedro Quaresma, o árbitro, esteve bem. Aliás, o trio só encontrou dificuldades pelas desatenções do fiscal Luís Mónica.

Portimonense: Jorge; César, João Cardoso, Paulo César e Soares; Fernando, Sota (Diamantino) e Tião; Nélson, Sapinho (Perez) e Arnaldo.

Académico: Hélder; Belo, Rui Rodrigues, José Freixa e Gregório; Camilo, Gervásio e Vala (Vítor Manuel); Freitas, Jorge Oliveira (Mesquita) e Costa.

«Amarelo» para Costa, aos 72 minutos.

Para hoje

Andebol Campeonatos de Lisboa IV Divisão: Real de Lisboa-Despachantes, às 20, Operário Futebol-SL Olivais, às 21 e 15, no pavilhão da Ajuda e TAP-Santo Amaro, às 20 e 30, na TAP. Reservas: Técnico-Caselas, às 22 e 30, no pavilhão da Ajuda.

Hóquei em patins Nacional da I Divisão (14.ª jornada) Zona Norte, Candal-Oliveirense, Académica de Espinho-Carvalhos, Riba d'Ave-Valongo, Relógios Invicta-Sanjoanense e FC Porto-Infante de Sagres, todos às 21 e 30. Zona Sul: Paço de Arcos Académica da Amadora, Oeiras-Benfica, Cascais-Sporting Campo de Ourique-Parede e Salesiana-CUF, as 21 (reservas) e 22 horas.

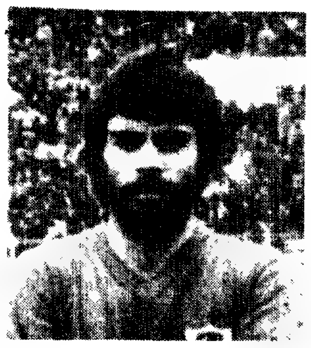
Voleibol Nacional de Iniciados: Filipa-S. João de Brito, às 18 e 30 no ginásio do primeiro. Nacional de Juniores Femininos: Benfica-D. Amélia, no Liceu D. Pedro V, às 21. Nacionais de Seniores Série X: Nacional-ALEM, na Escola Secundária de Cascais, às 21 e 30. Série Y: Gil Vicente-S. S. João de Brito, no ginásio do primeiro, às 21 e 45.

PRÉMIO
Black & Decker
O HOMEM DO DIA NO JOGO DO DIA

Eduardo Luís (Marítimo)

Já distinguido pela camisola de «internacional», o jovem defesa central Eduardo Luís, pedra-base de qualquer esquema apresentado pelo Marítimo, é expressivo símbolo da vontade com que os madeirenses ontem se sujeitaram a um duro confronto com os campeões benfiquistas.

Ombreando com a classe de Bento (já anteriormente galardoado com o prémio «Black and Decker») o «stopper» do Funchal, dos melhores valores do futebol nacional, teve lampejos da mais alta classe e confirmou, à saciedade, o mérito que o torna indiscutível nos trabalhos de qualquer selecção.



Homem do dia, no jogo do dia, será oportunamente contemplado com o «Black and Decker» que, a seu tempo, será pretexto para uma larga reunião, com os mais cotados nomes do nosso pontapé na bola.

Seninho vem na corrida, a bola ultrapassou Melo, o golo de Oliveira entrava no «placard», perante a tristeza de caseiros e a euforia das visitas

GUIMARÃES, 0-FC PORTO, 1

Mérito contestado no triunfo azul

FERNANDO ALBERTO

Com o «Municipal» de Guimarães todo «vestido de azul e branco», o F.C. Porto somou mais dois pontos, frente a um conjunto que já nas Antas tinha dificultado ao máximo a sua tarefa e que ontem, tal como se esperava, fez das «tripas coração» para não sair derrotado e, nem sequer se poderá dizer que os vimaranenses foram excepção ante os «portistas», pois tanto o Benfica como o Sporting experimentaram exactamente as mesmas dificuldades na cidade berço da nacionalidade.

Para os «portistas», esta deslocação a Guimarães era tida como das mais difíceis entre quantas ainda terá de efectuar até final do campeonato. Talvez por isso não se mostraram tão ousados e descontraídos como, por exemplo, frente ao Belenenses. Em Guimarães, o F.C. Porto fez uma exibição pouco «florida» mas, em contrapartida, recolheu os «frutos» do seu realismo e da sua convicção no triunfo.

Para além do espectáculo que as equipas ofereceram, deve salientar-se o trabalho de «banco» desenvolvido por ambos os técnicos e particularmente por Mário Wilson que, mercê do seu apego ao jogo, acabou por ver um «amarelo» depois de advertência do Juiz da partida. Quer isto dizer que o resultado foi, também, forjado para aquém das quatro linhas, tanto pelos responsáveis técnicos, como pelo público que encheu por completo o vasto recinto do Vitória. No que se refere ao factor «casa» ele esteve ausente. Melhor: os adeptos «portistas» foram em tão elevado número que, dir-se-ia, parecer que estavam nas Antas. Vantagem, portanto, para os portuenses que se viram rodeados do calor humano que galvaniza e obriga a jogar. Os jogadores sentiram isso e evidenciaram bem o seu reconhecimento quando Oliveira (41 m.) rasgou de alto a baixo uma «brecha» no castelo do Vitória.

Com diversos factores a jogarem a seu favor, o Porto procurou (acima de tudo) ser prático e consequente na forma como tentou chegar à baliza de Melo. Seninho apareceu incorporado na equipa logo de início e foi ele que desempenhou o difícil papel de preparar a defesa adversária para o pior. Alfredo viu-se em «palpos de aranha» para atinar com a «finta» de Seninho e este foi aproveitando os deslizes do seu opositor mais directo para semear o pânico no extremo reduto contrário. Várias foram as oportunidades flagrantes criadas pelos «raids» da «gazela portista» mas, mais por culpa de Seninho do que por mérito da defesa vimaranense, os ensejos foram-se gorando até que Oliveira, aproveitando da melhor maneira um alívio deficiente de Soares, acabou por se internar e rematar um pouco sesgado e por entre as pernas de Torres, de modo a surpreender Melo: um golo que surgiu tarde, tendo em conta outros ensejos anteriores e mais flagrantes.

Esperava-se resposta do Vitória no 2.º tempo, mas o certo é que, nos balneários, o responsável portista soube transmitir aos seus pupilos a necessária confiança para enfrentarem o «forcing» vimaranense e dar-lhes ao mesmo tempo a «fórmula» a utilizar perante qualquer eventualidade. Antes mesmo que os homens do Vitória chamassem a si o comando das operações, já os portistas faziam congelamento do esférico, que visava apanhar a defesa da «casa» em contra pé.

Mas o resultado não «podia» ser outro: estava assente desde início, que o Porto tinha de ganhar e, pese embora todo o esforço desenvolvido pelos abnegados vimaranenses, a verdade é que aos azuis-brancos bastou a convicção de um êxito para chegar lá. Depois foi tudo questão de tempo e paciência para aguentar o último sopro do adversário. Arbitragem com alguns erros evitáveis, se porventura tivesse sido melhor acompanhada.

Juiz: Mário Luís (Santarém).

Guimarães: Melo; Ramalho, Torres, Soares e Alfredo; Ferreira da Costa, Pedroto, Almiro e Abreu; Manè e Romeu.

F.C. Porto: Fonseca; Gabriel, Simões, Freitas e Murça; Octávio, Duda e Ademir; Seninho, Oliveira e Gomes.

Marcador: Oliveira (41 m). Cartões Amarelos: Gabriel, Mário Wilson, e Romeu.

ESPINHO, 1-BRAGA, 0

Braga nas garras de "tigres"

SÉRGIO DE MATOS

«Tigres» em pânico, perigo redobrado para os forasteiros: em Espinho, foi o Braga a pagar a factura de anteriores prejuízos. Seria ontem, outra equipa qualquer. Porque, a verdade do jogo tornou-se evidente, mal o árbitro pisou o terreno. O Espinho não transigiria, iria bater-se até à exaustão, pelos dois pontos do prémio.

Semi asfixiados pelo peso dos fundos classificativos, os homens da Costa Verde mostraram (desde início) um frenesim infernal, dando luta bravia, sem quartel, em todo o escasso e poeirento quadrilátero, a um Sporting de Braga eminentemente jogador e tecnicista, mas sem espaço nem tempo para dominar a bola a pensar futebol.

Soava o terceiro minuto: Manuel José abriu caminho para um disparo hábil de Reis que obrigou Conhé a enrolar-se, sacudindo o balão para «corner». Cheirou a golo, lá para as bandas da baliza minhota, e isso mais exacerbou os apetites dos «tigres» da dianteira que continuaram de fauce hiante e garra adunca, a rondar os postes de Conhé. A fúria espinhense redobrava de ímpeto, até que Canavarro (8 m) derrotou a vigilância forasteira: um golo contra já era mau para o Braga. Dois, seriam coisa ainda pior. Isso motivou os arsenalistas para uma reacção a carácter com a feição dos acontecimentos. Impossibilitado de fazer o seu «tricot» habitual, o «team» de Imbelloni deu luta ao antagonista com as próprias armas deste, metendo os peitos à tarefa de discutir o jogo palmo a palmo. Com essa nova dinâmica, os minhotos equilibraram o duelo.

O segundo tempo foi de sofrimento para as hostes locais. O Braga, com altos interesses classificativos a defender, lançou-se numa infrene tentativa de recuperação e o Espinho, depois do «estoiro» de Manuel José, ficou semidesgovernado. O tempo, porém, é inexorável: lutando ingloriamente pela obtenção (ao menos) do empate, o Sporting de Braga foi-se deixando dominar pela descrença, face a um Espinho que, na parte final do jogo, mobilizou todos os seus recursos para a manutenção da escassa vantagem. O árbitro Manuel Vicente defendeu-se de modo razoável, mesmo auxiliado.

Espinho: Gaspar; Coelho, Gonçalves, Raul e Amaral; João Carlos (Carvalho), Manuel José e Acácio; Canavarro, Reis e Malagueta (Zezinho).

Braga: Conhé; Artur, Fernando, Ronaldo e João Cardoso; Paulo Rocha, Chico Faria e Rodrigo; Nelinho, Chico Gordo e Lito.

Marcador: Canavarro (8 m).

Conhé: no ar, de olhos fechados

NO FUNCHAL: MARÍTIMO, 0-BENFICA, 1

Deus não é madeirense: Deus é do Barreiro

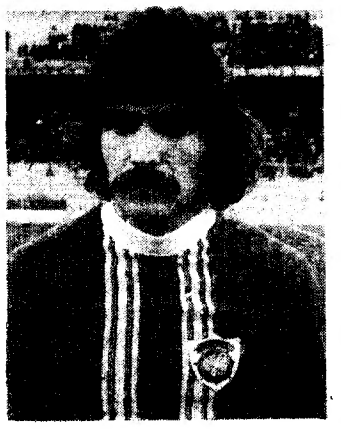
Comentário por NEVES DE SOUSA
nosso enviado especial à Madeira

Ficou escrito e escusam de vir com tretas: Deus não é madeirense. Porque, se gostasse um nadinha da boa gente das belas ilhas tinha feito a vontade a Tininho ou a Peter, quando eles, sozinhos perante Bento, deixaram o guarda-redes das quinas cortar a grande ovação dos madeirenses. Se o bom do Divino tivesse um pouquinho de apreço pela Eira do Serrado ou pelo Cabo Girão, pelo Faial ou pela Portela, dava um jeito à bola e impedia que o elástico Bento voasse de fio a pavio, para arrojar pelo topo um pontapé-canhão de Valter, que levava todos os selos para golo, mas foi multado pelas majestades de Céu, provavelmente porque (desculpem, mas fico a pensar nisso) elas estavam de costas voltadas para Santa Cruz, de braços cruzados para o Terreiro da Luta, nas tintas para o engenho de Porto da Cruz, para aquela funda cratera onde vive a gende de Curral das Freiras, para quem tinha viajado de Porto Santo no «Pirata Azul», para quem almoçara no «Avião Novo» ou rumara os Barreiros vindo de Machico, da Calheta de Câmara de Lobos ou da Camacha.

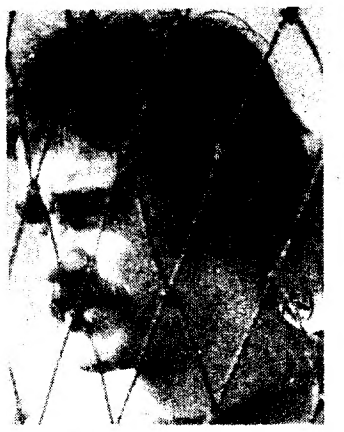
Por mais que me digam, Deus tem (pelos menos) uma costela barreirense. Posso provar, dezena e meia de milhar podem ajudar: pois não é verdade que Bento e mais Chalana e mais José Luís são do Barreiro? Pois não é certo que foram eles, mais aquele surdo e brusco disparo de Sheu, que venceram Eduardo Luís e Noémio, Quim e Valter, a coragem de Norberto e o esforço de Nelson? Alguém ousa desmentir?

«Team» arrumado, este de Fernando Vaz. Defesa muito firme, pelo corpo central. Quim foi, ao longo de uma hora e pico, uma tenaz que envolvia em cimento a bola disparada de longe. Eduardo Luís e Noémio, a juventude e a experiência, ganhavam a carta de alforria que, à amesquinhada Isaura, demora a entrar no bolso. Os três juntos, mais o entusiasmo e vibração de Olavo, de braço dado com a alegria de um Fernando que era apelo ao público para acompanhar a equipa, faziam do extremo reduto do Marítimo algo de inexpugnável, coisa difícil de vergar, como tremenda, (e para outros Hércules) foi a proeza de assarapantar Tristão da Cunha ou Gonçalves Zarco, na época em que a piratagem era detectada lá do Pico do Facho, pelo escravo acorrentado mas de olho aberto às más visitas para suas senhorias.

Irrefutável: em toda a primeira parte os funchalenses escreveram no relvado o desenho de um bonito bordado, cheio de imaginativa e agressividade, nas suas cores claro-saltitantes. Fernando Vaz (justo que se enalteça) conferiu ao grupo uma noção quase exacta do que é o harmónio das grandes turmas de futebol: o Marítimo, por desgraça de outros mestres atirado para uma posição que não merece, justificaria, só pelo que ontem mostrou, lugar a meio da tabela, fora de aflições ou de promessas para domingo de salvação. E, embora o seu meio-campo enrole um bocadinho a bola (Tininho, por vezes, não ata nem desata), não é menos correcto dizer-se que tem em Valter e Nelson, até as forças os não traírem, charneiras que entendem como deve ser a ligação defesa-ataque: só que, lá na frente, lateja a ingenuidade do britânico Peter mais a demasiada tarimba de Dejair que, longe de se completarem, muito complicam as coisas, quem sabe se no afã de atingirem o grau 20 na admiração do seu público, e essa voracidade pelo aplauso os encaminharem para um percurso onde era necessária cabeça fria e nunca testa que não pensa ou que transborda de calor. E, como Eduardinho cedo se lesionou e, por medida de precaução, começou a fixar-se perto da lateral, mais como compasso para os colegas que como geómetra na área, eis que o trabalho catapultado pelos excelentes Noémio e Eduardo Luís ia todo desaguar no rio anglo-brasileiro que, ainda para cúmulo a contas com a animosidade do Senhor, deixava Bento ficar como águia planadora, ameaçando todo o céu da Madeira e protegendo, nas asas enormes e belicosas, a habilidade e o talento de Chalana, a impulsiva velocidade de José Luís e o alto sentido de profissionalismo que torna Sheu um modelo sindical. A esses quatro homens, triunvirato barreirense e parceiro das Africas, deve o Benfica o arrecadar da vitória quando o sol baixava e todo o mar madeirense engolia os soluços pela goleada cruel de outro filho, por sinal dentro das paredes do Barreiro, centro do apreço de Deus neste domingo de Abril.



Quim: num instante de surpresa, foi o K O



Bento: três paradas magistrais, seguraram a vitória

MORTIMORE GANHA O JOGO

Toda a primeira fatia do bolo foi de esperança e fé: o Marítimo, sem se perturbar com a capacidade de um campeão, batia o pé e garantia a sua credencial. Mesmo os mais ferrenhos adeptos do encarnado da Luz, os próprios prosélitos do Benfica que só vêem a cor da camisola dos seus rapazes, estava de Credo na boca, atónito de como aquilo sucedia: no espartilho de Eduardo Luís e Noémio, no golpe de vista de Quim e na teia montada por Valter e Nelson ficava aglutinado todo o poderio de quem luta pelo trono. Mas, eis que sucederam problemas para Fernando Vaz: a incapacidade física de Fernando, obrigando à sua substituição por Rui, quebrou pelo flanco esquerdo a coriácea muralha verde-rubra. Quase simultaneamente, apercebido de como a porta ficava entreaberta, aí temos Mortimore a ganhar o jogo da lateral: troca Bastos Lopes por Celso, alarga a frente de ataque, manda injectar a fundo pelas faixas junto ao Povo e, num ápice, «raid» após «raid», consegue o golo, por um Sheu que, em serpentina, deixa grudados ao chão dois comparsas de festa e, num raio, dispara à mei-volta com aquele pé esquerdo que é terror quando recebe pólvora. Quim teve a sua culpazita no cartório: mas, quem é que poderia travar um estoiro daquele calibre?

BENTO, O DONO DA FESTA

Exactamente: apenas Bento. Bento do Barreiro, do mesmo reduto de José Luís e Chalana, as setas sempre apontadas ao coração madeirense, já dilacerado pela fraca figura dos moços do Nacional na terra do guardião das cinco quinas. Mesmo face à velocidade que o Marítimo continuou a imprimir ao seu jogo, o Benfica (certo de que Bento é mesmo fora de série quanto engata a capricho) começou a fixar mais a bola num meio-campo, que era paliçada e refúgio contra qualquer traição do destino. O tempo correu, os funchalenses continuaram a carregar, mas o sinal para a alegria viajaria de Santa Catarina para Lisboa.

É justo que se diga como as coisas estiveram feias para o titular destas bandas: naquele período em que Eurico até implicava com o pequenito apanha-bolas, quando Noémio (ponta-de-lança recuperado como grande defesa, três anos viajados no tempo) e Eduardo Luís tomavam o pulso à situação e seguravam as rédeas do espectáculo, o Benfica esteve tem-te-não-caias, permanentemente a ver quando se esgotava o fôlego dos caseiros da quinta. Foi longa a espera: Mike Spilane não idealizaria enredo mais complicado até tudo findar a contento do herói escolhido pela sorte.

E, embora o poderio técnico-táctico do Benfica seja um facto incontroverso, sabido como existem na turma valores com a força de Toni e a classe elegante de Humberto, não se conseguirá dissociar do mérito do espectáculo (todo ele altamente emocional) a outorga do conjunto madeirense, embora se salte sobre a deficiente produtividade de alguns membros da confraria: caso de Rui, estranhamente preferido a Franque. O melhor que ficou na balança fala madeirense: com um aperitivo magnífico (exibição do jovem campeão José Frias, meio-fundista de eleição, a pedir urgente viagem aos altos centros do Atletismo) o embate Marítimo-Benfica, pelo que fustigou os nervos e justificou os dois mil e tal contos na bilheteira, fica como «o show do ano» na pérola que, anos a fio, esteve obliterada num colar onde não a deixavam ser clara como o sol.

O Marítimo, sócio honorário n.º 1 do Benfica, abrilhantou a romaria: os descantes, os cartazes, a euforia própria de um dia de entusiasmo vivido ao ar livre, englobou o jogo na grande festa das cidades, com o beneplácito de Deus: nisto de jogo-joguinho, a sorte só favorece quem Deus coloca sobre a tábua.

Citação bem merecida vai para o juiz Rosa Santos: impecável. Não se enfeudou ao ambiente. Não transigiu com o golpe fácil, de dar prémio quando a multidão quase soprava no seu apito. Um juiz alentejano sobe a passo firme a ladeira da glória. Será que, antes de embarcar para a Madeira, passou também pelo Barreiro?

Com arbitragem de Rosa Santos (Beja) acompanhado por Francisco Lobo e Joaquim Rosa, jogaram:

Marítimo: Quim; Olavo, Noémio, Eduardo Luís e Fernando (Rui); Valter, Tininho, Nelson e Eduardinho; Peter e Dejair (Norberto).

Benfica: Bento; Bastos Lopes (Celso), Humberto, Eurico e Alberto; Pietra (Pereirinha), Toni e Sheu; José Luís, Nené e Chalana.

Cartão amarelo para Noémio e golo de Sheu (74 minutos).

SPORTING, 2-RIOPELE, 1

Antigamente era fácil

A reportagem do "DL" viajou pela CATUR

JOÃO FERREIRA

Um jogo noutros tempos tido como fácil para o Sporting, acabou por ser sábado, um «bico-de-obra». Vão mal os «leões»-78. Toda a gente o sabe, e muitas das suas dificuldades (facto a considerar) se devem a lesões e castigos que na presente época «bafejaram», nada mais nada menos que Artur, Laranjeira, Manaca, Inácio, Fraguito, Ailton, Vitor Gomes, Manoel, Baltasar, Manuel Fernandes, Keita e Jordão (vejam só!).

Mas não se pode igualmente esquecer, que ainda a procissão ia no adro, o Sporting marchava perto do «leader», e despediu o treinador. Incrivelmente, não foi substituído. Sim, porque Rodrigues Dias é o preparador físico, embora de há tempos a esta parte venha desempenhando as funções de técnico. E isto, meus senhores, quando por aí estão bons treinadores portugueses no desemprego, que mereciam (e o Sporting também) ser chamados a orientar os leões, pelo menos até ao final da época. Nomes? Aí vão: Caiado, José Augusto, Peres Bandeira, e mais outros.

Bom, mas a nossa função aqui, nestas colunas, é mais propriamente falar do jogo de sábado. Resumidamente, vimos duas equipas completamente diferentes a do Riopele (ansiosa por obter, pelo menos um ponto) a jogar muito certinha, sem recorrer ao ferrolho ou ao antijogo (tácticas tão usadas quando «o mais fraco visita o mais forte»), trocando a bola ao primeiro toque e tentando sempre, aproximar-se da baliza de Botelho a outra (a do Sporting), tecnicamente muito melhor, mais apetrechada, mastigando o jogo, e, apesar de tudo, evoluindo à mercê dum ou outro momento de inspiração de cada jogador. Mais isso (e assim) que, propriamente, executando um plano de conjunto, um labor colectivo.

E tudo feito com uma lentidão impressionante. Por compartimentos: defesa do Sporting, joga descrente e desconfiada; o sector intermediário não existiu; na linha da frente, Baltasar não tem ainda o ritmo do campeonato, Manoel jogou mal, e Manuel Fernandes atravessa um período menos brilhante. Só Meneses e Inácio na retaguarda e Keita a meio-campo, ultrapassaram a mediocridade geral. Depois do primeiro golo, que surgiu cerca dos 25 minutos de jogo, esperava-se então que a turma «leonina» espevitasse e sobretudo procurasse construir o resultado que o seu prestígio lhe impunha.

Nada disso, aconteceu: foi o Riopele que melhor jogou a partir desse momento, e seriam ainda os «fabris» que reporiam a igualdade, aos 10 minutos do segundo tempo. Sem nada mais de especial a contar, chegou então o minuto 61.º, que iria ditar o resultado final da partida: António Luís, rasteirado por Murça, na grande área leonina, proporcionou à sua equipa uma grande penalidade, muito bem assinalada pelo juiz da partida, Joaquim Gonçalves, homem que veio, do Porto. Um árbitro que até ali tinha feito uma mão cheia de asneiras (por muito que esta afirmação pese ao director-geral dos Desportos), sobretudo pelo mau trabalho dos seus auxiliares, mas que retornaria aos vestuários, em bom plano.

Piruta encarregou-se da sua transformação: denunciou o remate e Botelho respondeu com uma óptima defesa, tirando assim aos profissionais do Norte, a hipótese de se colocarem na situação de vencedores. Se tal acontecesse, dificilmente o Sporting teria modificado a situação. Mas o guarda-redes «leonino» defendeu e, a partir daí, sacudidos e despertados da sonolência em que andavam, os donos da casa lançaram-se abertamente à conquista do golo que surgiria nove minutos depois, num lance de insistência de Inácio. O defesa esquerdo dos «leões» foi lá adiante, cruzou com peso, medida e conta para dentro da grande área, onde apareceu a cabeça de Keita, para o passe a Manoel, o qual, ainda de cabeça, atirou para as malhas.

Os adeptos «leoninos» respiraram fundo e o caso não era para menos. Estava feito o resultado final e a vitória do Sporting (onde a sorte se sobrepôs ao mérito), apesar do «forcing» dos locais, nos momentos derradeiros, ter sido superior ao Riopele.

NOMES

Sporting: Botelho, Murça, Laranjeira, Meneses e Inácio; Barão, Manaca (Cerdeira) e Keita; Manoel; Manuel Fernandes e Baltasar (Isaias).

Riopele: Padrão, Orlando, Ederson, Vitorino e Teixeira; Piruta, Luis Pereira, Barros (Neca, e depois Garcês) e Jesus; Fonseca II e António Luís.

Árbitro: Joaquim Gonçalves (Porto).

GOLOS: Baltazar e Manoel para o Sporting; António Luís para o Riopele.

Cartão amarelo para Laranjeira, que chutou a bola sem bota na sequência do «Penalty» defendido por Botelho.

FAÇA COMO 1 MILHÃO DE PORTUGUESES
FAÇA VOCÊ MESMO com Black & Decker

Moradores de Ermesinde contra a droga

PORTO, 17 — Um grupo de moradores de Ermesinde promoveu, ontem, naquela localidade, uma manifestação contra a droga, com o intuito de alertar a população, nomeadamente os jovens, contra os perigos do uso de estupefacientes.

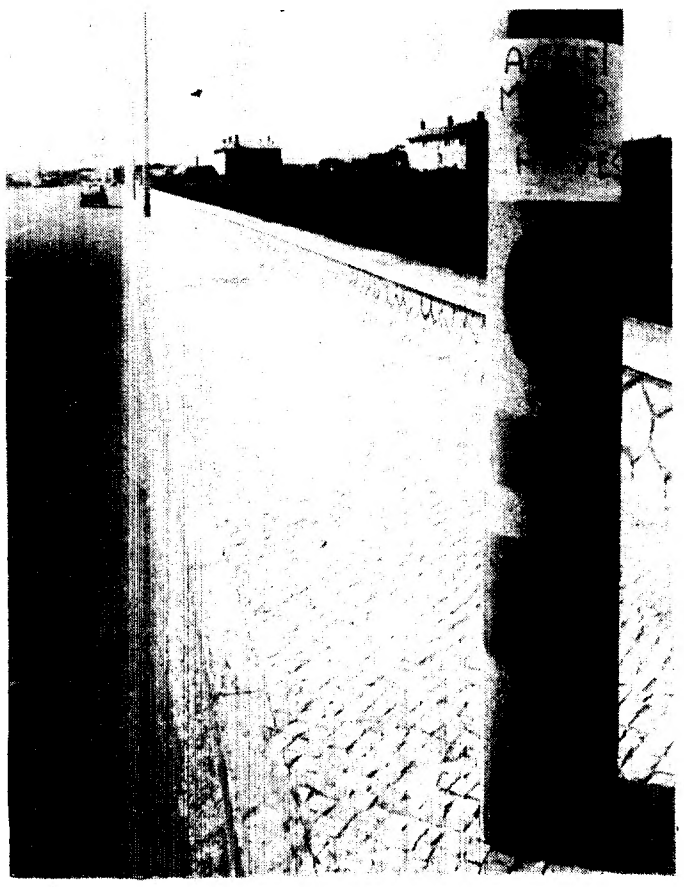
«Droga na mão, pé no caixão» foi uma das palavras de ordem mais gritadas, tendo sido também exigido castigo severo para os traficantes. Neste sentido foram exigidas às autoridades medidas mais eficazes de combate ao tráfego da droga.

Amor e veneno mataram um jovem

PORTO, 17 — Esta manhã, cerca das 7 horas, foi encontrado sem vida à porta da namorada, supondo-se que se tenha envenenado, Carlos Monteiro de Sousa, de 20 anos, solteiro, trabalhador rural da Rua de Santana, Guinfães (Maia).

Foi uma leiteira, que andava a distribuir leite na zona que viu o corpo do jovem prostado na via pública e disso se apressou a dar conhecimento do facto aos pais da namorada.

Estiveram já no local as autoridades para cumprimento das formalidades legais.



FILTEL/78 está hoje aberta a visitantes profissionais

A Feira Internacional de Lisboa abriu hoje de manhã as suas portas aos visitantes profissionais. No período da tarde serão projectados os filmes «Monte Real 76-Jogos Olímpicos» e «Ala Arriba».

Às 20 horas e 30 minutos, é a abertura para o público, e prosseguem as sessões de cinema com «Outono em Portugal», «Açores/Outono», «Vilas Brancas do Alentejo» e «Águas Vias», sendo depois apresentado o Rancho Folclórico Fazendas de Almeirim. Às 21 e 15, será a vez do Rancho Folclórico do Hotel Roma, e das 22 às 23 e 15, exibir-se-ão de novo os dois ranchos; até ao encerramento do certame, à meia-noite.

Cerca de 50 mil pessoas visitaram neste fim-de-semana a Filtel/78. O campismo e o caravanismo foram os sectores que mais atenção mereceram, sobretudo a nível dos equipamentos para a sua prática.

Todavia o Turismo e a Hotelaria foram também sectores bastantes procurados, tendo já acorrido profissionais de diferentes zonas do País, como Aveiro, Abrantes, Coimbra, Évora, Santarém e Setúbal.

Entretanto têm decorrido com muito interesse as acções promocionais que a Direcção-Geral de Turismo tem vindo a organizar, nomeadamente a projecção de filmes de diferentes zonas turísticas e a animação cultural através de ranchos folclóricos e bandas musicais de diversas zonas do país.

PCP denuncia falta de isenção da Câmara do Porto

PORTO, 17 — A SIP da DORN do PCP enviou-nos uma nota em que denuncia e falta de isenção da Câmara do Porto na cedência dos jardins do Palácio de Cristal no próximo dia 25 de Abril. Segundo a SIP «não foi sem espanto que tomou conhecimento da cedência pela CMP dos jardins do Palácio à UDP» quando se tinha comprometido primeiramente com o PCP, «uma vez que o vereador Miguel Costa reconheceu «a maior, antiguidade do pedido do PCP».

A nota chama ainda a atenção para actos destes, por «um órgão autárquico a quem compete uma prática isenta, virada para a defesa dos interesses dos munícipes».

ALGARVE

Ou 2.º Programa da RTP ou taxa a metade

«Ou possibilidade de captação do «segundo programa» ou redução para metade da taxa da RTP» — é a «recomendação» aprovada pela Assembleia Municipal de Faro. O presidente desta assembleia enviou cópia da «recomendação» ao presidente da RTP. No documento se refere que, no Algarve, não é possivel ver o segundo programa e se considera que ele «faz bastante falta aos trabalhadores-estudantes da região, impossibilitados de acompanhar a transmissão, em horário nocturno, das lições do ano propedêutico».

JOAQUIM AUGUSTO DOS SANTOS

1.º ANO DE SAUDADE

Sua mulher, filhos, noras, netos e mais família, mandam rezar missa na igreja de Santa Maria, em Setúbal, amanhã, dia 18, pelas 18 horas.

Agradecem desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

"Santa Aliança" e "Zé Povinho"

Escassa, em princípio, a representação portuguesa no próximo Festival de Cannes. Embora muitos filmes estejam em fase de acabamento, difícil será dispor de cópias prontas para serem enviadas «A Santa Aliança», de Eduardo Geada, e «Zé Povinho na Revolução», de Lauro António, são até ao momento, os filmes para selecção.

Relativamente à «Quinzena dos Realizadores», que nos ultimos anos tem dado bastante atenção ao cinema português, foi enviado até agora apenas um filme: «Nem Pássaro nem Peixe», de Soveig Nordlund. Admite-se porém que outras obras sejam ainda submetidas, a tempo, ao director

Lisboa grande cidade

Vive um cidadão convencido que Lisboa é uma grande cidade, a maior do país, até que um dia passa pela avenida marginal é, já próximo de Carcavelos, dá com os olhos num letreiro pespegado num poste de iluminação pública. Reza assim: «Achei um molho de chaves — contactar Sérgio pelo telefone». O letreiro ainda lá estava ontem pela tardinha e possivelmente ali continuará até que o amigo Sérgio entregue as chaves a quem provar pertencerem-lhe. Presume-se que o feliz achador já tenha recebido mais telefonemas, que o 115, mas que se trata de uma boa acção, lá isso é verdade...

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado, o vento era fraco, chovia ou chuviscava em vários locais de Norte e Centro e havia neblina ou nevoeiro em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	14.º
BRAGANÇA	9.º
VILA REAL	1.º
PORTO	14.º
PENHAS DOURADAS	7.º
COIMBRA	14.º
PORTALEGRE	11.º
LISBOA	15º
ÉVORA	14.º
SINES	14.º
BEJA	14.º
SAGRES	15.º
FARO	15.º
PONTA DELGADA	16.º
FUNCHAL	19.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 17,8º
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 4,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.58	3,0 m	4.14	1,8 m
23.22	3,2 m	16.37	1,8 m
	DIA 18		
11.58	3,2 m	5.18	1,6 m
		17.36	1,6 m
	DIA 19		
0.18	3,4 m	6.07	1,4 m
12.46	3,4 m	18.24	1,3 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento fraco a moderado predominando do Sudoeste; períodos de chuva fraca ou chuvisco em especial junto do Litoral e neblinas ou nevoeiros em vários locais.

AMANHÃ

NASCER AS 6.57
OCASO AS 20.16

DIA 23 DIA 29 DIA 7 DIA 15

rádio

1.º Programa

18.00 Conjuntos. **18.35** Ao vivo com Alan Stivell. **19.00** «Falar de História» — Música Portuguesa. **20.00** «Jornal da Noite». **20.30** Música variada. **21.00** 18.º episódio do folhetim «Eusébio Macário», de Camilo Castelo Branco, numa adaptação de Natália Gonçalves. **21.20** «Contraponto». **24.00** «Último Jornal». **00.20** Canções etas. **01.00** 2.ª parte de um «Programa de Variedades», realizado no Teatro S. Luís e organizado pela Radiodifusão Portuguesa. Música na Noite.

2.º Programa

17.55 Obras de Brahms: — Canções, pelo barítono Gerard Souzay. — Quinteto em Si Menor, op. 115, c/ clarinete. **19.00** «Animação Cultural» **19.30** Árias de Oratórias de Haendel: — de «Sanção»: «Regressa, ó Deus dos exércitos». — de «Messias»: O Tu, que nos trazes boas notícias». — de «Judas Macabeu»: «Pai do Céu» e de «Messias»: «Ele foi desprezado». **20.00** Sinfonia n.º 2 em Dó Menor, de Anton Bruckner. **21.00** «O Canto e os seus intérpretes», por Maria Helena de Freitas. **22.00** Obras de Schumann e Schubert: **22.43** Uma pequena serenata em Sol Maior K. 525, de Mozart. **23.00** «Intercâmbio musical»: **01.00** Fecho.

3.º Programa-Nacional e Regional (290 m)

18.00 «Vertical». **18.20** Prevenção e saúde, pelo dr. José Matildes. **18.40** «Mulher, agora e aqui!», pela Comissão da Condição Feminina. **18.50** Temperaturas do ar. **19.05** Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa. **19.40** «Disco...rende», por Mário Martins. **20.15** A lei em que vivemos, pelo dr. Ruy Moura Guedes. **20.30** «Quando o Telefone Toca». **22.00** «Suplemento». Hóquei em patins: — Relato dos jogos Oeiras-Benfica e Porto-Infante de Sagres. **23.30** Hora Luterana. **24.00** «Suplemento» (continuação). **00.05** Suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer. **00.15** «Dia a dia com o passado». **01.05** Tempo internacional. **02.00** Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em Estereofonia

16.00 «Gong». **19.00** «Em Órbita». **20.00** «Forum» — Realização de Jorge Lopes. **21.30** «O Homem no Tempo» — Programa de antropologia por João de Sousa Monteiro e João David Nunes (repetição). **22.00** «Auditório». Música jazz, por Paulo Gil e Rui Neves. **00.00** «Prisma» — Realização de Fernando Quinas. **02.00** Fecho.

Rádio Renascença

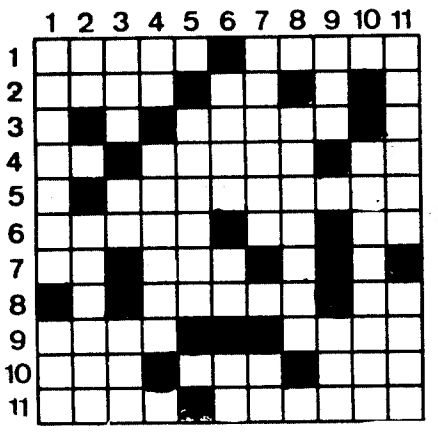
18.08 Apelos. **18.15** Igreja em Notícia-Palavra do Dia. **18.30** Transmissão do Terço do Ext. do Parque. **19.00** Programa da Liga. **20.00** Objectivo. **20.53** Apelos. **21.05** Programa da Liga. **22.00** Quando o Telefone Toca. **22.30** Temas vivos. **23.30** Estante giratória. **23.55** Meditando.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12018

HORIZONTAIS:

1 Em tempo anterior. Baús.
2 Fecha as asas para descer mais depressa. Item.
3 Defunto.
4 Seguia. Género de plantas labiadas. Crómio (s.q.).
5 Sufocara.
6 Termino. Autores. Érbio (s.q.).
7 Miriare. Base aérea portuguesa.
8 Encosta. Tempo do verbo ir.
9 Charneca. Brenha.
10 Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Pronome relativo. Botequim.
11 Cânticos em honra da Virgem ou dos Santos. Nome de homem.



VERTICAIS:

1 Absorvem. Desgraça.
2 Níquel (s.q.). Que casou.
3 Ave pernalta do Brasil. Batráquio. Corda de reboque.
4 Pertences. O mesmo que cebolinho.
5 Orelha de porco cozinhada com feijão branco (Prov.).
6 Cidade da Nigéria. Amónio (s.q.). Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.
7 Engata. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal.
8 Tangeram.
9 Animal doméstico. Falda.
10 Fazer crepitação.
11 Bater. Gorgulho tropical.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8078

HORIZONTAIS:

1 Formosa. Estimaram.
2 Larva das feridas dos animais. mete em mala.
3 Nota musical. Agora. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria.
4 Passadas. Atravesso.
5 O mesmo que capatão Estavas.
6 Artigo definido. Platina (s.q.).
7 Remedeia. Amónio (s.q.). Pequeno símio do Brasil.
8 Davas marido. a.
9 Rádio (s.q.). Época. Aqui está.
10 Arara. Das marcadas.
11 Avermelhados. Medida de superfície.

VERTICAIS:

1 Cidade do Epiro. Curar.
2 Freguesia do concelho da Covilhã. Amargo.
3 Nota musical. Delicada. Artigo definido.
4 Sufixo que designa abundância. Período (inv.).
5 Érbio. (s.q.). Caminhar.
6 Rio de Portugal. Efemino.
7 Pronome pessoal. Perfume. Alteza Serenissima.
8 Nome de frades. Notar.
9 Apelido. Fora para fora.
10 Fileira. Transpor.
11 Pescada jovem. Pronome reflexo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12017

HORIZONTAIS:

1 Braço. Abrir.
2 Rega. Segura.
3 Agata. Saar.
4 VÁ. Atuem. As.
5 Cró. Sir.
6 Sra. Ror.
7 Teu. Mão. Lot.
8 Agarrou. Er
9 Lu. Core.
10 Orago. Or. Am.
11 Saboroso. Sé.

VERTICAIS:

1 Brava. Talos.
2 Rega. SEGURA.
3 Agá. Crua. Ab.
4 Catara. Rego.
5 Ato. Mr. Or.
6 NÃO.
7 Sés. Ou. Os.
8 Bramir. Cró.
9 Ria. Rol.
10 Irra! Roeras.
11 Rã. Só. TREME.

Provérbio: MÃO SEGURA NÃO TREME.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8077

HORIZONTAIS:

1 Peralta. Ois.
2 Aram. Acordo.
3 Amarar.
4 Ara. Em.
5 Ia. Urdidas.
6 Omar. Air. So.
7 Salão. Tanta.
8 Raso. Arais.
9 Agi. Era.
10 Ga. Cara. Cás.
11 Arroz. Morro.

VERTICAIS:

1 Pá. Tios. Agá.
2 Era. Amargar.
3 Rama. Alai.
4 Amar. Ras. Co.
5 Rau. Oó. Az.
6 Taá. Ra. Er.
7 Acreditaram.
8 Mirara.
9 Ore. Na. Cr.
10 Id. Castigar.
11 Sou. Soas. Só.

farmácias

Lisboa

TURNO 15
Até às 22 horas

AÇOREANA — Largo Conde Barão, 2. Tel. 661330. **ALB.** — Rua Santana à Lapa, 156. Tel. 663562. **BASTOS** — R. Morais Soares, 91-D. Tel 844350. **BRANQUINHO** — Rua Sapadores, 87. Tel. 842725. **CONDESTÁVEL** — Rua Coelho da Rocha, 119. Tel. 666206. **DILENA** — R. Aliança Operária, 49. Tel. 636620. **ESPERANÇA** — Rua Carlos Mardel, 101-B. Tel. 722868. **ESTADOS UNIDOS** — Av. E. U. da América, 16-B. Tel. 725859. **FÁTIMA** — Av. 5 de Outubro, 147-A. Tel. 763107. **GÓIS, LDA., SUCR.** — R. dos Anjos, 12-C%D. Tel. 840101. **IVONE, LDA.** — R. Silva Carvalho, 232-C. Tel. 650760. **LATINA** — Av. António Augusto de Aguiar, 17-A. Tel. 42312. **LAVINHA** — R. Eng. Paulo de Barros, 28-A. Tel. 708242. **LEAL DE MATOS** — R. Neves Costa, 33-35. Tel. 780181. **LUSITANA** — Av. de Roma, 18-B. Tel. 725443. **MARLUZ** — C.ª da Pichéleira, 140-B-C. Tel. 720703-728395. **MATOS VIEGAS** — Av. Rainha D. Amélia, 34-B. Tel. 794174. **MO-RÃO** — R. da Assunção, 17-19. Tel. 321289. **NEOTERÁPIA** — Campo Grande, 138. Tel. 774682. **NOVA LUZ** —Rua D. Domingos Jardo, 28-A. Tel. 843439. **NOVAIS** — Av. Luís Bivar, 11-13. Te. 44324. **PALMA** — Av. Duque de Ávila, 25-31. Tel. 547088. **PARIS** — R. Reinaldo Ferreira, 5-A. Tel. 890131. **PÁTRIA** — C. dos Mestres, 30-A. Tel. 680627. **PROBIDADE** — R. de Alcântara, 15-A-B. Tel. 638589. **ROMANA** — R. Actor Augusto de Melo, 7-A. Telef. 383800. **SACRAMENTO** — Rua Actriz Palmira Bastos, 42. Tel. 383904. **S. TOMÉ** — Est. do Desvio, Lote 12-C. Tel. 790704. **SOUSA** — Est. de Benfica, 429-431. Tel. 780027-789985. **ZILER** — Rua de S. Tomé, 54-56. Tel. 662835. **ZIRA** — P.ª Casas Novas, Lote 66 (B. da Encarnação). Tel. 311216-310172.

Permanente

FÁTIMA — Av. 5 de Outubro, 147-A. Tel. 763107. **BRANQUINHO** — Rua Sapadores, 87. Tele. 8427. **IVONE, LDA.** —R. Silva Carvalho, 232-C. Tel. 650760. **LUSITANA** — Av. de Roma 18-A. Tel. 725443. **MARLUZ** — Calçada da Pichelaira, 140-B-C. Tel. 720703-728395. **MATOS VIEGAS** — Av. Rainha D. Amélia, 34-B. 794174. **NOVA LUZ** — Rua D. Domingos Jardo, 28-A. Tel. 843439. **PARIS** — R. Reinaldo Ferreira, 5-A. Tel. 890131. **ROMANA** — R. Actor Augusto de Melo, 7-A. Tel. 383800. **SOUSA** — Est. de Benfica, 429-431. Telef. 780027-789985.

NOTA — as farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 12 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALMADA — Galeno — R. Capitão Leitão, 85-B. Tel. 2760565. **COVA DA PIEDADE — Rainha Santa** — Est. das Barrocas. 50-a. Tel. 2494182. **LARANJEIRO — Moderna** — R. Dr. António Elvas, 84. Tel. 2490305. **COSTA DA CAPARICA — Hilénica** — Av. da República, 23. Tel. 2400020. **SESIMBRA — Leão** — Av. da Liberdade, 13. Tel. 2233471. **BARREIRO — Central** — Av. Alfredo da Silva, 48. Tel. 2073207. **SEIXAL — Soromenho** — R. Paiva Coelho, 38. T. 2218560. **MONTIJO — Higiene** —R. José Joaquim Marques, 142. Tel. 2310370. **MOITA — União Moitense** — Av. Dr. Teófilo Braga. Tel. 239025. **ALHOS VEDROS — Gusmão** — Rua Cândido dos Reis, 30. Tel. 204020. **ALCOCHETE — Nunes** — L. Coronel Ramos da Costa, 10. Tel. 234137.

Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nifo—Av. Comb. G. Guerra, 64. Tel. 2112070. **ALCABIDECHE — Carvalho** — até às 21 horas. **PORTO SALVO — Ferraira Bastos** — Até às 21 horas. **CARCAVELOS — Central** — Até às 24 e daas 0 às 9 horas. **Vilar** — Até às 22 horas. S. DOMINGOS **DE RANA — Godinho da Silveira** — Av. Sabóia, 29-B. Tel. 260085. Até às 21 horas. **PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás** — R. Costa Pinto, 184. Telef. 2432034. até às 24 e das 0 às 9 horas. **OEIRAS — Godinho** — R. Cândido dos Reis, 98. Tel. 2430090. Até às 22 horas. **NOVA OEIRAS — Leal** — Até às 21 horas. **PAREDE — Grincho** — Av. da República, 87. Tel. 2471204. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **Junqueiro-Mendes** — Até às 21 horas. **MURTAL — Primavera** — R. das Pareiras, 2. Tel. 2472278. até às 21 horas. **AMOREIRA — Amoreira** —Tel. 262313-267314. Até às 22 horas. **CASCAIS — Nova** — Est. de Alvide. Fontainhas. Tel. 281044. Até às 21 horas. **Marginal** — Av. Marginal. Telef. 280078. Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — Melo — P. D. João I, 9-B. Tel. 932756. Permanente. **Central** — Av. Cardoso Lopes, 25. Tel. 932210. Até às 22 horas. **DAMAIA — D. João V** Av. Gurgel do Amaral. 2-A. Tel. 970461. **QUELUZ — André** — Av. Elias Garcia, 151. Tel. 950043. **CAMARATE — Nova** — R. Cidade Lisboa, 94. Tel. 2518726. **CACÉM — Central** — R. Elias Garcia, 55. Tel. 2940034. **MEM MARTINS — Miranda Garcia** — Est. de Mem Martins, 173-B. Tel. 2914103. Até às 24 horas. **AGUALVA-CACÉM — Mira Sintra** — P. N. Torre, 310. Até às 20.30 horas. **MERCÊS — Claro Russo** — Permanente. **RIO DE MOURO — Riomouro** — Av. Óscar Monteiro Torres, 8. Telef. 2960194. Até às 23 hora. **SINTRA — Gomes da Silva — (Portela). Permanente. COLARES — Abreja** — Telef. 299088.

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

AMEAL — Rua do Ameal, 1227. Tel. 483550. **CAMPO ALEGRE** — Rua do Campo Alegre, 723. Tel. 622457. **FERREIRA DA SILVA** — Rua Mártires da Liberdade, 15. Tel. 24023. **PENINSUSULAR** — Rua Chã, 100. Tel. 20707. **MELO TAVEIRA** — Rua Alcaide Faria, 77. **S. ROQUE DA LAMEIRA** — Rua Sá da Bandeira, 236. Tel. 22164.

(De dia e toda a noite)

PRELADA — Rua Central de Francos, 316. Tel. 64312. **MARTINO, SUCR.** — Praça Marquês de Pombal, 122. Telef. 480747. **POMBEIRO** — Campo dos Mártires da Pátria, 152. Tel. 3112495. **S. LÁZARO** — Av. Rodrigues de Freitas, 297. Tel 27043.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

S. JOSÉ — Arcos do Jardim. Tel. 24697. **M. NAZARÉ** — Av. João das Regras, 132. Tel. 23033.

centros de cinemas e teatros

abCINE — 803055
Centro Comercial de Alvalade

14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30 h.
Não acons. a men. de 18 anos

O COW-BOY DA MEIA-NOITE

Sala B — Não acons. a men. 13 anos
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h.
3.ª semana
ANNIE HALL

ALVALADE — 897480
Av. de Roma

Hoje às 15.15 e 21.00 h.
em 3.ª semana
Uma história de Amor e Justiça

O CAMINHO DA VERDADE
com Dharmendra/Hema Malini e Shatrugham Sinha
Não acons. men. 13 anos

APOLO — 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
em 6.ª semana — Para todos
AS FÉRIAS DO SR. HULOT

Hoje às 23.30 h.
Mitos do fantástico (18 anos)
COBRAS VENENOSAS

AVIS — 547163
Av. Duque D'Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
CRIME DE AMOR

Não acons. a men. 18 anos
com Nuria Espert e Americo Coimbra

BERNA — 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h.
Louis Velle, Gisele Casadesus e Frederique Hebrard em
UM MARIDO É UM MARIDO
Um filme de Serge Friedman
Para todos — Colorido

CALEIDOSCÓPIO — 795093
Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h.
James Caan, Peter Boyle e Sally Kellerman em
UM PASSO EM FALSO
um filme de Howard Zieff
Não acons. a men. 13 anos

CASTIL — 580194
Rua Castilho — 2.ª semana
Às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h.
Não acons. a men. de 13 anos
Prémio do Festival de Teerão
WOODY ALLEN
O TESTA DE FERRO
Um filme de Martin Ritt
Filme de qualidade
Comiss. Classif. Espect.

CINEBOLSO — 573407
Rua Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
VINTE E CINCO ANOS DEPOIS
Não acons. a men. 18 anos

Às 24.00 h.
Interd. a men. 18 anos
O ESTRANGULADOR DE VISITA

CINE CITY
Rua Tomas Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h.
Interd. a men. de 18 anos
A grande emoção do ano!
SUSPIRIA
com Jessica Harper

CONDES — 322523
Av. da Liberdade, 2

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h.

A LEGIÃO ESTRANGEIRA
Com Terence Hill

Não acons. a men. 13 anos

DOIS MIL — 2100055
Av. Bombeiros Voluntários Lote 113 — Algés

Às 15.30, 18.00 e 21.30 h.

CHEGA-LHE AMIGO

Não acons. a men. 13 anos

D. JOÃO V — 971794
Praça Centro Comercial — Damaia

As 21.15 h.

Não acons. a men. 13 anos

A SUPERPATRULHA

EDEN — 320768
P. dos Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h.

TRÊS MULHERES EM FÚRIA
Não acons. a men. 18 anos

ESTUDIO — 531344
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
Interd. a men. de 18 anos
Prémio de realização no Festival de Cannes
13.ª semana
FEIOS, PORCOS E MAUS
Filme de qualidade
Comissão Classif. Espect.

ESTUDIO 444 — 779095
Av. Defensores de Chaves, 83

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
4.ª semana
VIOLÊNCIA E PAIXÃO
Maiores de 18 anos
com Burt Lancaster

EUROPA — 661016
R. Almeida e Sousa, 35

Às 15.15 e 21.30 h.

A FORÇA DO DESTINO
Não acons. a men. 13 anos

IMPÉRIO — 555135
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30 h.
Não acons. a men. de 13 anos

Não estamos sós
5.ª semana
«ENCONTROS IMEDIATOS» do terceiro grau
70 m/m — Ecran gigante
O espectáculo mais deslumbrante de todos os tempos

LONDRES — 801313
Av. de Roma, 7-A

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.
Não acons. a men. 18 anos

JULIA
com Jane Fonda
Filme de qualidade

MONUMENTAL — 555131
P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30 h.
Interd. a men. 13 anos

BARREIRA DE FOGO

com clint Eastwood

MUNDIAL — 538743
R. Martens Ferrão, 12-A

Às 15.15, 18.30 e 21.30 h.
O FILHO PRÓDIGO
Não acons. a men. 13 anos
Intriga e suspense de um bom romance policial!

NIMAS — 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h.
Prémio de Realização do Festival de Cannes
FEIOS, PORCOS E MAUS
de Ettore Scola
com Nino Manfredi
13.ª semana

NOVOCINE — 840678
Av. General Roçadas, 7

As 15.15 e 21.15 h.
Um policial avassalador!
O MISTÉRIO DO CRIME (ULJHAN)
com Ashot Kumar e Sanjeev Kumar
Não acons. a men. 13 anos

ODEON — 326283/4
R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.15 h.
Não acons. a men. de 18 anos
HISTÓRIA DE UMA FREIRA DE CLAUSURA
em 2.ª semana

OLYMPIA — 325309
Rua Condes, 11 a 23

Sessões continuas a partir das 14.00 h.
MARILYN E O SENADOR
com cenas eventualmente chocantes

PATHÉ — 821933
R. Francisco Sanches, 122

Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Ilona Staller e Giorgio Ardisson em
A INGÉNUA
um filme de Gianfranco Baldanello
Não acons. a men. 18 anos
Colorido

POLITEAMA — 326305
R. Portas de St.º Antão

Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h.
O ÚLTIMO MUNDO CANIBAL
Interd. a men. de 18 anos

3.ª semana

QUARTETO — 771378
R. Flores do Lima, 16

SALA 1 — 14.30, 16.45, 19, 21, e 23.30
OBCESSÃO
Interd. a men. 13 anos
SALA 2 — 14.30,16.45, 19, 21.15 e 23.30
A DAMA DO PRAZER
SALA 3 — 15, 17, 19, 21 e 23 horas
O TESTA DE FERRO
SALA 4 — 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
VÍCIOS PRIVADOS, PÚBLICAS VIRTUDES
Interd. a men. de 18 anos

RESTELO — 810375
Av. Torre de Belém

Às 21.30 h.
OUTRO HOMEM PARA UMA MULHER
Não acons. a men. 13 anos

ROMA — 887778
Av. de Roma, Lote JRB

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.

A LEGIÃO ESTRAGEIRA
Com Gene Hackman, Terence Hill e Catherine Deneuve
Não acons. a men. 13 anos

ROXY — 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14.15, 16.30, 18.345 e 21.30 h.

Interd. a men. 13 anos

Bruce Lie em
O REGRESSO DO TIGRE

SÃO JORGE — 579144 - 579344
Av. da Liberdade, 175

Às 15.15, 18.30 e 21.30 h.
(13 anos)
ANNIE HALL
em 3.ª semana
de Woody Allen
Melhor filme do ano
4 oscares

SATÉLITE — 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15 h.
Não acons. a men. 18 anos
TENTACÕES
Às 24.00 h. — Teatro
GUILHERME E MARINELA
Io Apolloni e Pedro Pinheiro
Não acons. a men. 18 anos

STAR — 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h.

A grande emoção do ano

SUSPIRIA

TIVOLI — 570595
Av. da Liberdade, 188

Às 15.15, 18.20 e 21.30 h.

Technicolor

O GRANDE MAGNATE

Não acons. a men. 13 anos

TERMINAL (CINE-ESTUDIO)
Estação do Rossio — 2.ª semana
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.
R.P.M. — REVOLUÇÕES POR MINUTO
2.ª semana

com Anthony Quinn e Anne-Margret
Não acons. a men. de 13 anos

VOX — 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h.

UM DIA INESQUECÍVEL
Com Sofhia Loren

PALÁCIO FOZ — 367031
P. Restauradores

Ciclo: «Cinema Canadiano — 1.ª série
A MINHA AMIGA PIERRETTE
Realização: Jean Pierre Lefèvre
Maiores 14 anos
Às 15.15, 18.15 e 21.15 h.
Iniciativa da Direcção-Geral da Acção Cultural

Lisboa

VARIEDADES — «Aldeia da Roupa Suja», às 20.30 e 22.45 (18 anos).

SATÉLITE — «Guilherme e Marinela», às 24.00 (18 anos).

A.B.C. — «Põe-te na bicha», às 20.30 e 22.45 (18 anos).

ADOQUE — «Ora vê lá tu», às 21.30 (18 anos).

OUTROS CINEMAS

Lisboa

CAPITÓLIO — «Paraíso Sexual», às 19.00, 21.00 e 23.00 (18 anos).
CINEARTE — «Músculos de aço», às 21.30 (18 anos).
PROMOTORA — «Hércules, o Liberta dor de Siracusa», às 21.15 (13 anos)
MOSCAVIDE — «O perfume de uma senhora de Negro», à 21.15 (18 anos).
PARIS — «O Caminho da Felicidade», às 21.00 (13 anos).
LUMIAR — «A morte chega a assobiar», às 21.30 (13 anos).
JARDIM — «O Gang», às 21.15 (13 anos).
COLISEU — «Bobby», às 21.30 (13 anos).
NOVO CINE — «Mistério do crime», às 21.15 (13 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino — «Pressa de viver», às 17.00 e 21.15 (13 anos).

CASCAIS — Oxford — «2001 - Odisseia no Espaço», às 21.30 (13 anos).

Linha de Sintra

AMADORA — Recreios Desportivos — «Uma vez não basta!», às 21.15. (18 anos).
AMADORA — «O outro lado da meia-noite», às 21.15 (18 anos).
SINTRA — Carlos Manuel — às 21.15 (18 anos).
AMADORA — Cinestúdio — «Ajuste de contas», às 21.30 (13 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Nem guerra nem paz», às 21.15 (13 anos).
ALMADA — Incrivel — «Uma ponte longe de mais», às 21.15 (13 anos).

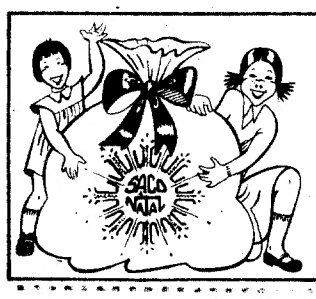
Porto

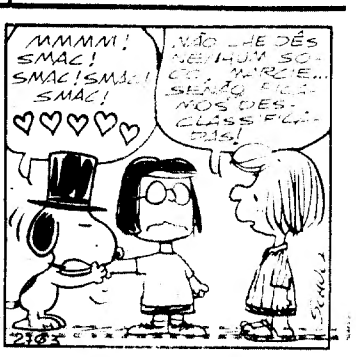
ESTUDIO FOCO — «Fuga no Século 23» 21.30 (13 anos).
S. JOÃO — «Problema de Raparigas», às 21.30 (18 anos).
TRINDADE — «Encontros imediatos do 3.º grau», às 21.30 (13 anos).
COLISEU — «Brannigam», às 2130 (18 anos).

SALA BEBE — «O Sorriso do Grande Sedutor», 21.30 (18 anos).
PASSOS MANUEL — «Um taxi cor-de-malva», às 21.30 (18 anos).
VALE FORMOSO — «Ben Hur», às 21.00 (13 anos).
RIVOLI — «O Dragão Negro», às 21.30 (18 anos).
ESTÚDIO — «A Lei não é para todos», às 21.30 (18 anos).
AGUIA DE OURO — «Passado Inesquecível», às 21.30 (13 anos).
SA DA BANDEIRA — «Paraíso Sexual», às 21.30 (18 anos).
CHAPLIN — «A Guerra das Estrelas», às 21.30 (13 anos).
JÚLIO DINIS — «Ouro», às 21.30 (13 anos).
CARLOS ALBERTO — «Por favor não mexam nas velhinhas», às 21.30 (13 anos).
BATALHA — «Adeus Inspector», às 21.30 (13 anos).
OLIMPIA — «Sai o Dragão entra o Tigre», às 21.30 (18 anos).
ESTÚDIO 400 — «Pato com Laranja», às 21.30 (18 anos).
CHARLOT — «A Honra Perdida de Katharina Blum», às 21.30 (18 anos).

Coimbra

AVENIDA — «A Superpatrulha», às 21.30 (13 anos).
TIVOLI — «A Força do Destino», às 2130 (18 anos).
S. TEOTÓNIO — «Mary Poppins», às 21.30 (6 anos).
GIL VICENTE — «Inserts», às 21.30 (18 anos).


INSCREVA OS SEUS MIÚDOS
NO SACO DE NATAL
Fungagá
Brinquedos, jogos, livros, etc...
CONTACTE-NOS
Av. 5 de Outubro, 77-4.º Dt.º
LISBOA Tel. 546369



DL
RENASCENÇA GRAFICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO 185-1
TELEFONES 654531/2/3
REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TECNICOS: RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 321154/5, 320271/2/3 320229, 372781/2
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21): PORTEIRO 321154. PUBLICIDADE 368740
MENSAGENS GRAVADAS 320229
ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIBOA. TELEX 1?16?
LISBOA PORTUGAL

Gigantesco incêndio na "Profato"

Bombeiros de seis corporações lutam contra as chamas que devoram as instalações da fábrica de confecções Profato, no lugar de Trindade, Meixomil, Paços de Ferreira (Porto) informa a ANOP.

Cerca das 7 horas de hoje, um violento incêndio, de que não se conhecem ainda as origens, mas que se atribuem a um curto circuito, começou a alastrar e a destruir a fábrica «Profato» que emprega várias centenas de trabalhadores.

Um bombeiro que acabava de ser rendido, afirmou, cerca das 11 horas, «que havia trabalho para todo o dia e que o fogo se encontrava ainda em fase de expansão».

Agostinho Neto está de saúde

O porta-voz dos Serviços de Instalação da Embaixada da República Popular de Angola em Portugal, tendo em conta os boatos postos a correr em Londres, por intermédio do «Sunday Telegraph», segundo os quais Agostinho Neto, presidente da RPA, se encontraria doente (leucemia), não só os desmente, como reafirma que o presidente angolano se encontra em férias na Crimeia (URSS).

O porta-voz (dr. Arménio Ferreira), esclarece ainda que a António de Figueiredo, da Secção Portuguesa da BBC, foi afirmado pelo prof. Kurt Hellman, da Imperial Research Cancer Foundation, que não foi pedido nenhum medicamento a Moscovo destinado a Agostinho Neto.

O pedido consta das notícias falsas do «Sunday Telegraph», divulgadas pelas mais diversas agências noticiosas.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS DE FEVEREIRO
41.280 exs.
(Hoje 20 páginas)

MORADIA EM CASCAIS

2 pisos a estrear

2050 contos

Tel. 578231

cial
CENTRO DE LINGUAS

CONGRESSO DECISIVO A PARTIR DE QUARTA-FEIRA

O Partido Comunista Espanhol pode abandonar o leninismo

MADRID, 17 — (Especial para o «DL», por Jose Luis Lopez) — A partir do próximo 22 do corrente, o Partido Comunista de Espanha (PCE) será um partido «marxista, revolucionário e democrático» abandonando definitivamente, após pouco mais de um mês de discussão, as teses ideológicas elaboradas por Vladimir Ilich Ulianov (Lénine).

Quando o secretário-geral do PCE, Santiago Carrillo, fechar ante os 1500 delegados o IX Congresso, primeiro que se celebra em Espanha desde a Guerra Civil, colocará o seu partido à cabeça das teses eurocomunistas. Todavia, partidos similares como o italiano mantêm nos seus estatutos a denominação marxista-leninista.

Como declarou recentemente Santiago Carrillo, o PCE teve que recuperar em pouco tempo os últimos quarenta anos de clandestinidade. «Se aqui não tivesse havido uma guerra e quarenta anos de ditadura — explica Carrillo — isto teria ocorrido de forma mais lenta e tranquila».

Apesar das dimensões alcançadas pela discussão sobre o leninismo nas bases do PCE, as teses elaboradas pelo Comité Central só encontraram dois sérios obstáculos nos congressos regionais e das nacionalidades.

O abandono do apelido leninista foi recusado pelos militantes do Partido Socialista Unificado da Catalunha (PSUC) partido que proporcionalmente trouxe mais deputados que qualquer outro ao PCE. A oposição dos catalães obrigou a que os dirigentes mais importantes do Partido apresentassem a demissão.

Nas Astúrias, região mineira que enfrentou com grande combatividade a ditadura franquista, 30 por cento dos delegados que assistiam ao Congresso asturiano abandonaram a sala de sessões manifestando desta forma a sua oposição às propostas elaboradas pelo Comité Central.

Para Santiago Carrillo a oposição vem dos novos militantes que entraram no PCE e a crítica leva também consigo — segundo o líder eurocomunista — parte de «contestação» aos líderes históricos do Partido.

A polémica sobre o leninismo tem vindo a demonstrar que já nenhum dirigente do PCE é intocável, nem tem assegurado o posto por toda a vida. Mas, por agora, segundo os comentários políticos de dentro e fora do PCE, nenhum dirigente faz sombra a Santiago Carrillo. Não há nenhum candidato com peso para secretário-geral. Também não se vislumbra uma possível cisão. Apenas se pode prever a saída do PCE de alguns grupos de militantes.

Ainda que mais «subterrânea» que a discussão sobre a teoria de Lénine, há certa contestação no PCE sobre o seu actual anti-sovietismo. Polémica trazida à luz após a visita de Santiago Carrillo aos Estados Unidos. A questão da política internacional poderá vir a ser uma das mais discutidas no próximo Congresso.

Com a celebração do seu IX Congresso, o PCE é único a pôr em letra de Imprensa a teoria que rege a prática política deste partido desde que Santiago Carrillo anunciou, nos anos sessenta, a política de «reconciliação nacional». Hoje, como naquela ocasião, a disciplina militante do PCE seguirá os seus líderes.

A prova de fogo para a política eurocomunista do PCE só surgirá perante os resultados que se obtenham nas eleições municipais que o chefe do Governo retardou para o próximo Outono.

Entretanto, o Socialismo espanhol chegou à unidade. No passado domingo o Partido Socialista Popular (PSP) decidia a sua fusão com o Partido Socialista Operária Espanhol (PSOE) e, com esta fusão, o PSOE, partido mais importante da oposição espanhola, contará com quatro novos deputados no Congresso e reforça a sua imagem de «alternativa do Poder».

Para o IX Congresso do PCE estão convidados representantes de todos os partidos comunistas da Europa, excepto o da Checoslováquia. «Seria — disse o adido de Imprensa — como se convidássemos duas vezes a União Soviética».

Com o Partido Comunista Português (PCP) foi igualmente convidado o Partido Socialista (PS), como nos casos da França e Itália.

Ao Congresso, que se celebra num luxuoso hotel madrileno, assistirão cerca de 1500 delegados em representação — segundo dados fornecidos pelo PCE — dos 220 mil militantes que actualmente o partido tem.

É Carrillo um social-democrata?

Em declarações ao «DL», Angel Mullor, responsável do PCE ligado à Imprensa, o que se procura neste Congresso é «oficializar» as teses políticas por que se vem regendo o seu partido e que foram expostas por Santiago Carrillo no polémico livro «Eurocomunismo e Estado».

Além do Leninismo, o PCE abandonará oficialmente a «Ditadura do Proletariado» e o princípio de que o partido é a vanguarda activista da classe operária, para convertê-lo num partido de «massas».

A partir do próximo dia 22, o PCE apoiará oficialmente a via pluralista no Socialismo. Mantém o PCE, e será aprovado no Congresso, a sua oposição à entrada da Espanha na NATO. «Nós pretendemos — disse Mullor ao «DL» — não reforçar nem trocar o actual equilíbrio de forças na Europa. Somos partidários do desmantelamento progressivo de todas as bases estrangeiras na Europa, tanto dos Estados Unidos como da União Soviética, e da dissolução da NATO e do Pacto de Varsóvia».

COMEMORAÇÃO DA II REPÚBLICA

Foram no passado dia 13 proibidos em Espanha todos os actos que se haviam programado para comemorar a instauração da II República em 14 de Abril de 1931.

Tais actividades eram patrocinadas na maioria pela Frente Revolucionária Antifascista e Patriótica (FRAP), grupo com escassíssima incidência política e que faz um ano abandonou a prática terrorista e que ainda está na ilegalidade. Três militantes deste partido foram fuzilados, juntamente com dois da organização basca ETA, a 27 de Setembro de 1975, por ordem do general Franco poucos meses antes de morrer.

A despeito de terem sido proibidas manifestações comemorativas da II República (a Polícia vigiava as ruas das mais importantes cidades espanholas) alguns militantes da FRAP saíram à rua para «reivindicar» a República.

Nenhum partido parlamentar ou extraparlamentar de esquerda e legalizado, fez convocações para o dia 14 visando impedir qualquer tipo de «provocação». Ainda assim, foi anunciado por um partido extraparlamentar com certa penetração no movimento operário, o início de uma série de actos para «exigir» do Governo a convocação de um plebiscito: «Que o Povo possa eleger livremente entre a Monarquia e a República».

Este continua a ser um tema «tabu» para a direita espanhola e para a própria Monarquia. Nas altas instâncias do Estado, não se quer ouvir falar de um possível referendo sobre este tema, procurando-se que a Constituição — onde se fala de Espanha como uma Monarquia Parlamentar — seja aprovada numa só consulta.

O mais importante partido da oposição, o PSOE, não se definiu no entanto sobre o que fará quando chegar a hora de votar no Parlamento, apesar de sempre ter feito gala do republicanismo do seu partido.

Pela sua parte, o PCE mostra-se mais moderado quanto a este tema e faz, sempre que pode, um juízo sobre a forma de Estado.

«Não se trata — diz o PCE — de eleger entre a Monarquia e a República, mas entre a Ditadura e a Democracia».

Para a direita, este país será «Monarquia por toda a vida».

Quanto ao Povo não se sabe... Juan Carlos I foi nomeado pelo general Franco para assegurar o regime. O Governo está decidido a não permitir que se esqueça este «pequeno» detalhe.

PREÇO DOS TÁXIS VAI SUBIR BANDEIRADA A DEZ ESCUDOS E CADA FRACÇÃO PARA O DOBRO?

A Associação Nacional dos Transportes Automóveis Ligeiros (Antral) já tem concluido o seu estudo de aumentos dos preços dos táxis, que deverá ser da ordem dos 40 por cento; a bandeirada passará, segundo esta proposta, de 7$50 para 10$00; cada fracção passará de um para dois escudos; nos casos de preço feito ao quilómetro, este passará a custar 5$50. A Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, que tem estado em contacto com os industriais da Antral sobre este assunto, aguarda apenas que a Associação lhe preste um certo número de esclarecimentos suplementares para apresentar ao Governo a sua própria proposta, e um seu informador oficial já declarou que embora «se vá tentar conciliar os interesses da indústria com os da colectividade, um aumento dos preços é inevitável». Prevê-se que a proposta seja levada ao Governo dentro dos próximos oito ou quinze dias.

REVELADO EM LONDRES

Ex-oficiais portugueses procuram mercenários

Um mercenário britânico revelou hoje em Londres que antigos oficiais portugueses «estão a tentar recrutar voluntários na Grã-Bretanha, para fomentarem uma guerra civil em Portugal» refere da capital britânica um telegrama da agência Reuter.

Esta informação foi dada por Paul Daniels, fundador e chefe de um verdadeiro pequeno exército privado, conhecido sob o nome de «forças voluntárias militares britânicas».

As tropas de Paul Daniels, que hoje em dia são avaliadas em cerca de 500 membros, intervieram esporadicamente em vários sítios, nomeadamente no Congo e no Biafra. Paul Daniels forneceu poucos detalhes sobre as tarefas que poderiam ser desempenhadas pelos cerca de mil mercenários que os ex-militares portugueses pretendem recrutar. Segundo ele, estes últimos, estão descontentes pelo facto de que «muitos africanos residem hoje em Portugal, quando hoje são independentes e que poderiam ficar no seu país»...

Paul Daniels indicou que tinha rejeitado as propostas dos seus «contactos» mas que estes também estavam a recrutar mercenários em França, na Itália e na RFA.

tome nota

REPETIR SEM VERIFICAR

A gratuita afirmação de que Camões foi substituído, como autor a estudar, por poemas ou textos de Agostinho Neto e de Samora Machel, continua a ser repetida até por pessoas sensatas e responsáveis. Trata-se de lamentabilíssima aceitação de uma campanha contra os programas do ensino. O dislate não tem fundamento. Mas a técnica da intoxicação é esta: repetir a mentira, exagerar a mentira. E também há quem repita porque se não deu ao trabalho de verificar.

A CHINELA DE DONA SOFIA

Dona Sofia Tarouca não gosta de Augusto Abelaira. Em fotografia, claro. Dona Sofia Tarouca acha-o gadelhudo e despenteado, e está no seu pleníssimo direito. Gostos são gostos. Mas nos comentários azedos de Dona Sofia Tarouca transparece a ignorância. Dona Sofia Tarouca não conhece a obra do escritor, nem tem acompanhado a actividade intelectual de Augusto Abelaira, por isso a sapiente senhora tem o desplante de escrever: «Fiquemos hoje por aqui e não se zangue Abelaira com a classificação que merece. Faça um esforçozinho por estudar. Aprenda.»

E se Dona Sofia Tarouca aprendesse a não ir além da sua chinela de quarto?

"Fugitivos" de Alcoentre estavam dentro da cadeia

Foram encontrados dentro da própria cadeia de Alcoentre seis detidos que, desde sexta-feira, faltavam à chamada, chegando a ser admitida a hipótese de se terem evadido.

Após terem estado escondidos cerca de 48 horas, os detidos foram encontrados dentro das próprias instalações.

O desaparecimento deu-se na noite de sexta-feira, durante a exibição de um filme para reclusos. Repentinamente faltou a luz eléctrica, tendo os guardas verificado que houvera sabotagem no quadro. Na sequência deste incidente os reclusos recolheram às celas, verificando-se então a falta de seis indivíduos.

A penitenciária de Alcoentre, considerada como a que oferece mais condições de segurança, é protegida por um muro de cerca de dez metros.

Esta manhã, em contacto com a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, foi-nos confirmado que os seis desaparecidos tinham sido encontrados no interior do próprio estabelecimento, no «forro» do edifício, entre uma placa de cimento e o telhado.

Mário Soares em Alverca

A hora de fecho desta edição, o Primeiro-Ministro Mário Soares encontra-se em Alverca, numa visita às Oficinas Gerais de Material de Aeronáutica, aonde se deslocou a convite do chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira.

Acompanham Mário Soares nesta deslocação os titulares da Defesa e da Indústria, Firmino Miguel e Carlos Melancia.